

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE (UNICENTRO)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: MESTRADO**

CENAS CURITIBANAS: CRÔNICAS DA CIDADE EM O *OLHO DA RUA*

PAULO CEZAR BASILIO

GUARAPUAVA

2015

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE (UNICENTRO)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: MESTRADO**

CENAS CURITIBANAS: CRÔNICAS DA CIDADE EM O *OLHO DA RUA*

Dissertação apresentada por PAULO CEZAR BASILIO, ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. NÍNCIA CECÍLIA RIBAS BORGES TEIXEIRA

GUARAPUAVA

2015

Ficha elaborada pela Biblioteca da Unicentro-Guarapuava, Campus Santa Cruz

B312c Basilio, Paulo Cezar
Cenas curitubanas: crônicas da cidade em o *Olho da rua* / Paulo Cezar Basilio.– Guarapuava: Unicentro, 2015.
xi, 106 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração: Interfaces Entre Língua e Literatura.
Orientadora: Profª. Drª. Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira;
Banca examinadora: Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon, Prof. Dr. Marcio Ronaldo Fernandes.

Bibliografia

1. Estudos Culturais. 2. Crônica. 3. Literatura e Jornalismo. 4. Curitiba. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Letras.

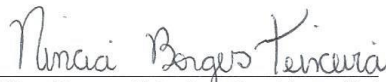
CDD 20. ed. 801.951

TERMO DE APROVAÇÃO

PAULO CEZAR BASÍLIO

Cenas Curitibanas: Crônicas da Cidade em O Olho da Rua

Dissertação aprovada em 16/12/2015 como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, área de concentração em Interfaces entre Língua e Literatura, pela seguinte Banca Examinadora:



Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira – Presidente/Orientadora
(UNICENTRO)



Luiz Carlos Santos Simon – Membro Titular
(UEL)



Marcio Ronaldo Fernandes – Membro Titular
(UNICENTRO)

GUARAPUAVA-PR
2015

Aos colegas Professores, que cultivam os
canteiros do futuro com as imprescindíveis
sementes da Educação.

AGRADECIMENTOS

À Noriam, minha esposa, pela compreensão, apoio e cumplicidade de todas as horas.

À Alana e Mariana, minhas filhas, razão maior dos meus dias.

Aos meus pais, às minhas irmãs, cunhados, sobrinho e sobrinhas, minha família que me apoia sempre.

À Professora Doutora Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira, pela dedicação com que acompanhou e orientou todas as etapas desta pesquisa.

Ao Professor Doutor Luiz Carlos Santos Simon e ao Professor Doutor Marcio Ronaldo Fernandes, pelas sugestões e críticas apresentadas.

Em mim, também, foram destruídas muitas coisas que julgava iriam durar para sempre, e novas coisas se edificaram, dando nascimento a penas e alegrias novas, que eu não poderia prever então, da mesma forma que as antigas se me tornaram difíceis de compreender.

(Marcel Proust)

BASILIO, Paulo Cezar. **CENAS CURITIBANAS: CRÔNICAS DA CIDADE EM O OLHO DA RUA** (106 f.) Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Centro-Oeste. Orientadora: NÍNCIA CECÍLIA RIBAS BORGES TEIXEIRA, Guarapuava, 2015.

RESUMO

A pesquisa tem por finalidade o estudo da crônica com vistas à análise de produções do início do século XX, publicadas no periódico curitibano *Olho da Rua*. Entre as várias seções dedicadas a crônicas, foram selecionados textos sob a rubrica “Crônica da Rua”. O foco principal voltou-se para a temática da urbanização de Curitiba, em especial, os projetos de melhorias das ruas do centro da cidade e as atrações culturais, tendo como novidade principal o cinema. Nesse sentido, busca-se verificar o papel do cronista enquanto observador de seu tempo, que fixa seu olhar para a realidade e dali retira o material para erigir sua contribuição por meio do registro do cotidiano. Para a concretização dessa proposta, segue-se um percurso teórico previamente definido, o qual serviu de orientação para o tratamento analítico do *corpus*. Diante disso, inicia-se com rápida incursão pelos Estudos Culturais, vislumbrando-se reconhecer as contribuições de seus postulados para o estudo da cultura e da literatura, com destaque para as publicações de massa, tal qual as crônicas veiculadas em jornais e revistas periféricas, que não se consagraram como grande projeto editorial. Na sequência, a crônica será abordada em seus fundamentos, a fim de se verificar seus conceitos, origens e definições, além de se reconhecer os aspectos elementares que a tornam um gênero específico tal qual se apresenta. Em outra frente, dedica-se o próximo item ao destaque da natureza ambígua do gênero em questão. Com isso, surgem de maneira natural os questionamentos em torno da clássica intersecção entre jornalismo e literatura, a partir da qual a crônica tem sido concebida desde suas origens nos impressos do século XIX, no Brasil. Após a consolidação desse referencial teórico, parte-se para a contextualização histórica, social e política das publicações que serão objeto de análise. Para tanto, é realizado um rápido inventário sobre a imprensa curitibana, desde a publicação do primeiro periódico, em 1854, logo após o advento da promulgação da lei que criou a Província e futuro Estado do Paraná, até início de 1907, com a veiculação do primeiro número do periódico *Olho da Rua*. Consolidada essa trajetória, por fim, passa-se ao trabalho com as crônicas, almejando-se destacar os registros que marcaram as ruas curitibanas, no tocante aos projetos de melhorias e de urbanização, ao lado das questões culturais e de suas novidades em termos de atrativos.

Palavras-chave: Estudos Culturais, crônica, literatura e jornalismo.

BASILIO, Paulo Cezar. **CENAS CURITIBANAS: CRÔNICAS DA CIDADE EM O OLHO DA RUA** (106 f.) Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Centro-Oeste. Orientadora: NÍNCIA CECÍLIA RIBAS BORGES TEIXEIRA, Guarapuava, 2015.

ABSTRACT

The research's scope is to study the chronic aimed at analyzing the productions dated of the beginning of last century, published by the city of Curitiba's newsletter *Olho da Rua*. Among the various sections devoted to the chronic, texts were selected under the "Crônica da Rua" section. The main focus turned to the theme of urbanization of Curitiba, in particular the improvement projects of the city's downtown streets and cultural attractions, the main novelty the cinema. In this way, it is tried to verify the role of chronicler as an observer of his time fixing his look to the reality and takes away the material to erect their contribution through the daily record. In order to achieve this proposal it is followed a predefined theoretical route, which served as guidance for the analytical treatment of the corpus. Therefore, begins with fast incursion by Cultural Studies, foreseeing to recognizing the contributions of its principles to the study of culture and literature, especially the mass of publications, like the transmitted chronicles in newspapers and peripheral magazines, that is not consecrated as a major editorial project. As a result, the chronicle will be addressed in its foundations, in order to verify their concepts, origins and definitions, as well as recognizing the fundamental aspects that make it a specific genre as it appears. On another front, dedicated to the next item to highlight the ambiguous nature of the genre in question. Thus, arise naturally the questions around the classic intersection between journalism and literature, from which the chronicle has been designed from its origins in the nineteenth century printed in Brazil. After the consolidation of this theoretical framework, it is part of the historical context, social and political publications that will be analyzed. To this end, we conducted a quick inventory of the Curitiba press, since the publication of the first journal in 1854, shortly after the advent of the enactment of the law that created the province and future of Parana State, until early 1907, with the airing of the first issue of the journal *Olho da Rua*. Consolidated this trend ultimately goes to working with the chronicles, aiming to highlight the records that marked the streets of Curitiba, with regard to improvement projects and urbanization, next to the cultural issues and its innovations in terms of attractive.

Keywords: cultural studies, chronic, literature and journalism.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Capa da 1ª Edição de <i>O Dezenove de Dezembro</i>	59
Figura 2 – Capa da 1ª Edição do “ <i>Olho da Rua</i> ”.....	62
Figura 3 – Colaboração de Emiliano Pernetá, poema sobre o Rio Iguaçu, homenagem ao Paraná	64
Figura 4 – Diagramação do Título da Crônica da 2ª edição, Ano I.....	68
Figura 5 - Diagramação do Título da Crônica da 18ª edição, Ano I.....	83
Figura 6 – Charge ironizando a demora na execução do Projeto de Calçamento de Curitiba, ed. 7/1909	86
Figura 7 – Ilustração com ironia aos paralelepípedos para as ruas de Curitiba, ed. 8/1911.....	87

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ESTUDOS CULTURAIS E LITERATURA: CRÔNICA E A ESCRITA HÍBRIDA	17
2.1 Crônica: Matéria Híbrida	28
2.2 Crônica: diálogos entre Jornalismo e Literatura	41
3 A IMPRENSA EM CURITIBA: DO PRIMEIRO PERIÓDICO À EDIÇÃO DE O OLHO DA RUA	57
3.1 Aspectos da cidade na perspectiva da “Crônica da Rua”	66
4 CONCLUSÃO.....	94
5 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	102

1 INTRODUÇÃO

A literatura, ao longo de sua trajetória, firmou-se enquanto mecanismo de expressão artística, materializada pela linguagem, a partir da manifestação expressa nos diversos gêneros discursivos. Entre os mais destacados, considerando apenas o eixo literário de maior visibilidade no mercado editorial, encontram-se o poema, o romance, o conto e a novela, gêneros amplamente consagrados e reproduzidos em todas as culturas, do oriente ao ocidente, sem qualquer limite geográfico ou temporal.

Ao lado dessa classificação tradicional, aparece a crônica, denominada por setores da crítica literária como “gênero menor”. As razões para carregar tal estigma vão desde as suas origens, tendo o jornal como veículo de difusão, até a efemeridade de suas construções, normalmente erigidas sob as coordenadas fugazes do cotidiano.

Entretanto, quando se voltam as lentes avaliativas para analisar suas características e especificidades, com a isenção de quem não encontra problema em sempre revisar e questionar conceitos, abre-se um leque maior de possibilidades para se visualizar a crônica em sua inteireza, muito além dos limites de suas abordagens rasas e de seus assuntos triviais. A produção curta, sem grandes lastros, dependente de um tempo delimitado, passa a revelar outros aspectos que a tornam relevante como registro da realidade, num processo de observação e de recriação dos fatos.

Com isso, o estudo da crônica encontra-se envolto por um amplo horizonte de perspectiva analítica, em que pese estar atrelada à comunicação de massa. Para explicar o fenômeno que abrange a sua produção a partir de suas origens gráficas, ou seja, nas páginas do jornal, Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira (2005) argumenta que:

No âmbito do jornal, a abordagem do cronista vai do acontecimento particular aos temas permanentes. O efêmero é o ponto de partida, mas ele apenas sustenta a crônica quando mesclado com a reflexão ou com uma abordagem lírica. A crônica, discurso coloquial, aproxima-se do leitor para lhe falar no pé do ouvido, problematizando uma necessidade humana inalienável, a de captar o universal no mergulho

de si mesmo ou, mesmo, simplesmente desenvolver-se como sujeitos autônomos. (TEIXEIRA, 2005, p. 75)

Frente à natureza ambígua desse gênero, com a enganosa aparência de pouca densidade literária, esta pesquisa seguirá a trilha dos fundamentos teóricos da crônica, em busca de bases que sustentam e reconhecem sua pertinência nos compêndios da literatura, dividindo espaço com os demais gêneros, já inequivocamente conduzidos ao Olimpo canônico por seus atributos estruturais e seus lastros criativos.

Para tanto, o roteiro irá em busca de pistas conceituais que auxiliem o entendimento e ajudem a superar os desafios apresentados no momento de sua leitura, razão principal de qualquer estudo teórico-literário. Com o mesmo propósito, serão elencados os posicionamentos de vários estudiosos, no sentido de trazer a clareza necessária para se revelar os pontos que ligam a crônica ao seu entorno, social, cultural, político, histórico, artístico e literário.

Uma rápida abordagem sobre os Estudos Culturais impulsiona os primeiros passos em direção à crônica, resgatada, por essa vertente, como manifestação expressa no cotidiano, em meio ao universo discursivo popular. Fruto dos avanços que encontraram eco no pensamento pós-moderno, a visão da literatura, como premissa das manifestações da cultura, alcança outros horizontes até então não vislumbrados pela crítica estruturalista, tão enraizada nos domínios da academia.

Dessa maneira, a crônica, em especial nas publicações consideradas marginais, que não conquistaram a consagração editorial, por não alcançarem níveis de repercussão de leitura suficientes para garantirem sua permanência ou sua reedição para além dos limites temporais do período em que circulou, ficaria na penumbra, sem merecer qualquer atenção de um estudo balizado por interesses científicos e literários.

Assim, o embasamento proporcionado pelos Estudos Culturais, em especial no que concerne à valorização ampla de toda e qualquer manifestação artística, literária ou, de forma geral, da cultura, permitiu que, na definição do corpus, fosse vislumbrada a análise de crônicas publicadas no início do século XX, em Curitiba, por uma revista/jornal intitulada *Olho da Rua*.

Para a efetivação desse desiderato, contudo, foi necessário estabelecer pontes entre os Estudos Culturais e as crônicas que seriam objeto de análise. Após o rápido resgate dos pressupostos e diretrizes norteadoras da linha de pesquisa, no tópico seguinte, destaca-se a crônica em seus aspectos fundamentais. Nesse sentido, buscam-se as diretrizes teóricas a fim de se determinar quais os postulados que permitem reconhecer, com bases conceituais, a sua produção textual, em busca dos traços peculiares, os quais levam os leitores, estudiosos ou não, a identificar a produção escrita diante de seus olhos como uma crônica.

A procura das características essenciais desse gênero curto, ligado ao fato que impulsiona a vida social, seja ele de reconhecida relevância ou apenas um acontecimento menor, limitado por vezes à esfera da personalidade, ou ainda, uma simples anedota que nasce da espontaneidade das ruas, remete necessariamente às origens do texto, em especial, no Brasil. Com isso, revela-se que a crônica surge como uma produção folhetinesca, no bojo das publicações periódicas, no século XIX, apresentando-se, desde o início, em seu caráter ambíguo, tanto no que se refere aos aspectos da linguagem, quanto nas particularidades estilísticas envolvidas em sua elaboração.

Esse embasamento desencadeia outra perspectiva de estudo. Para tanto, no próximo subtítulo, a pesquisa volta-se para a investigação em torno da confluência entre literatura e jornalismo. Por ser um texto caracterizado pela hibridéz, a discussão é bastante ampla para determinar se é possível estabelecer o campo específico ao qual a crônica deve estar relacionada.

Nesse sentido, há vertentes que classificam o gênero como uma manifestação do jornalismo, por sua estreita ligação com a linguagem, com a publicação, com o formato, enfim, com todas as características oriundas da redação dos veículos noticiosos. Nessa acepção, o cronista atua nas mesmas condições do profissional da imprensa na elaboração da matéria, tendo apenas maior liberdade individual no trabalho com o fato jornalístico.

Em outra linha, encontra-se a defesa da crônica nos postulados da literatura. A forma de abordagem dos fatos, mesmo que tenham estreita ligação com a realidade ou que a reproduzam tal qual, expõe as características literárias envolvidas no processo de escrita. O autor desvencilha-se das determinações impostas a quem assume a incumbência de produzir a matéria informativa, nos

limites da transmissão da notícia, com o compromisso de ser fiel à “verdade”, para cotejar subjetivamente os acontecimentos, dando-lhes o tratamento que assim desejar. Na esteira dessa argumentação, a literatura se sobressai e a produção resultante passa a ser considerada por suas características majoritárias um texto essencialmente literário.

Entretanto, essa classificação não é tão simples e nem pacífica. Diante do impasse analítico, consolidou-se o entendimento, no universo acadêmico, que se trata de uma produção intermediária e fronteira. Por vezes vem a público com traços mais propensos ao jornalismo, em outros casos, com roupagens indubitavelmente literárias, sendo, portanto, produto final das duas linguagens, ou ainda, dos dois olhares diferenciados, sob ângulos distintos, lançados para o mesmo fato.

Esse impasse tem conduzido ao entendimento de que a crônica se resume num ponto de intersecção, que agrupa linguagens, estilos, abordagens, características, entre outros elementos relacionados à produção escrita. Por tudo isso, ao revestir-se de ambiguidade, vem despertando interesses em torno de seu estudo, a ponto de estar superando o estigma que lhe foi indevidamente imposto, de ser gênero menor. Ao contrário, com o passar dos tempos, e, principalmente, com as contribuições de estudos e revisões críticas que se efetivaram principalmente com o advento do pós-modernismo, a crônica mostra que também possui estrutura literária para alcançar o mesmo reconhecimento dos gêneros já consolidados pela crítica literária como “maiores”.

Após a fundamentação teórica, no segundo capítulo, faz-se um breve resgate do histórico da imprensa curitibana, do início de suas atividades, a partir da emancipação política do Paraná, em 1853, até o início do século XX, com a publicação da revista/jornal *Olho da Rua*. Nesse período, verifica-se a forte efervescência das publicações periódicas, que apresentavam cunho jornalístico e literário ao mesmo tempo, no estado. A maioria delas tiveram curta duração, a exemplo do “*Olho*” que circulou entre os anos de 1907 a 1911, mas deixaram registrados, à sua maneira, os primeiros passos da capital que recebia a responsabilidade de ser grande, mesmo sem as condições basilares de infraestrutura urbana.

Essa realidade será detalhada a partir da análise da Crônica da Rua, uma coluna dedicada à publicação dos fatos, das críticas, da análise, da defesa

de ideais e dos comentários em torno do cotidiano de Curitiba, da primeira década do século passado, no *Olho da Rua*. Entre todos os aspectos captados pelo olho do cronista em cada edição, a ênfase maior volta-se para a questão cultural, com as novas atrações artísticas, e para a precariedade das condições urbanas, numa busca que descortina o principal cenário onde acontecem as cenas preferidas da crônica: a rua, coração da cidade.

Nesse palco, a vida urbana é dramatizada, revelando os traços da formação cultural, dos comportamentos sociais e do estilo de vida típicos do curitibano, uma amostra significativa da província em transformação.

2 ESTUDOS CULTURAIS E LITERATURA: CRÔNICA E A ESCRITA HÍBRIDA

É na arte que o homem se ultrapassa definitivamente.

(Simone de Beauvoir)

Com o advento do pós-modernismo, a análise literária passa a ter forte influência das correntes de pensamento, que surgiram e ganharam força impulsionadas pelas novas teorias que se estabeleceram como parâmetros da contemporaneidade. O questionamento em torno dos elementos que envolvem a produção literária trouxe novas perspectivas de análise.

As diretrizes permeadas por valores advindos da tradição, que determinava a pertinência da obra em consonância com o cânone estabelecido pela academia, passaram a ser questionadas, abrindo espaço para outras manifestações até então à margem dos estudos literários.

A ampliação dos critérios de aceitação de produções não consagradas, seja em razão do pouco impacto em termos de leitura e aceitação da obra pelo público leitor ou pelo resultado da avaliação acadêmica intramuros, teve a contribuição dos Estudos Culturais como importante vetor. Sobre essa significativa mudança paradigmática que promoveu o alargamento do cânone literário, Luiz Carlos Simon (2011) traz para o debate a contribuição feita por Jonathan Culler (1999, p. 53 e 54), o qual revela que o desenvolvimento dos Estudos Culturais foi acompanhado por “[...] uma expansão do cânone literário. A literatura que é ensinada amplamente hoje inclui textos de mulheres e de membros de outros grupos historicamente marginalizados”.

Amparado por essa constatação, Simon (2011) aprofunda os argumentos que dão conta das contribuições dos Estudos Culturais para a inclusão de objetos artísticos que estavam à margem dos interesses acadêmicos, no rol das manifestações com direito ao reconhecimento por seus valores intrínsecos.

Esta abertura do cânone literário coincide com ou é deflagrada pelos Estudos Culturais porque cada vez mais os objetos de estudo se deslocam dos espaços originais e confortáveis que ocupavam outrora. Este movimento não se verifica apenas na perspectiva do estudo, mas na própria produção dos artistas [...]. (SIMON, 2011)

Nessa esteira, a cultura das ruas alcança a projeção por meio de publicações até então pouco acolhidas ou reconhecidas pela crítica enquanto componente intrínseco da literatura. Quando muito, figurava como elemento específico de composição do enredo, para conferir graus mais elevados de verossimilhança à obra literária.

A ampliação desse espectro, segundo Eneida Maria de Souza (2000), deve-se ao reconhecimento de diversos gêneros oriundos do legado popular, com características pertinentes ao universo discursivo que extrapola o enquadramento tradicional da literatura, enquanto linguagem pertencente à elite cultural:

A proliferação de práticas discursivas consideradas “extrínsecas” à literatura, como a cultura de massa, as biografias, os acontecimentos do cotidiano, além de imposição de leis regidas pelo mercado, representam uma das marcas da pós-modernidade, que traz para o interior da discussão atual, a democratização dos discursos e a quebra dos limites entre a “alta literatura” e a cultura de massa. (SOUZA, 2000, p. 44)

A crônica é um dos gêneros que passa a ser apreciado pelas lentes progressistas dos estudos culturais. Produção essencialmente dúbia, parte da confluência de várias linguagens que pavimentam o caminho entre a informação e a literatura. Por originar-se por meio da contribuição de outros gêneros, alheios inclusive ao campo literário específico, a crônica foi reconhecida inicialmente como um gênero impuro, e, por isso menor, no seu próprio espaço de produção.

Com a valorização das produções literárias marginais, a crônica conquista relevância crítica ao amparar-se nos postulados da Comunicação Social permeados pelos Estudos Culturais, tal qual defende Ana Carolina Escosteguy (1998). Os novos direcionamentos teóricos alcançaram reconhecimento e interesse científico internacional após o trabalho dos britânicos, embasado nas contribuições feitas pela Escola de Frankfurt, que

desenvolveu um modelo de indústria cultural entre as décadas de 1930 e 1950.

No Brasil, com a inclusão de produções periféricas no foco da análise literária, essas discussões teóricas tornam-se mais intensas na década de 1990. Antes disso, porém, os Estudos Culturais já exerciam influência no ambiente acadêmico brasileiro por conta das novas propostas que aportavam.

De acordo com Giovana Chiquim (2014), as repercussões dos Estudos Culturais, desde suas primeiras manifestações no contexto europeu até alcançar o debate nacional, promoveram a redefinição do objeto literário:

A corrente surgiu na Inglaterra após os tempos do pós-guerra, com o intuito de democratizar a cultura, como uma forma de aproximá-la dos processos sociais reais. Um dos fundadores dessa teoria, o inglês Richard Hoggart, prioriza, em seus estudos, a imprensa popular, o cinema e a vida cotidiana. A linhagem dos Estudos Culturais admite a incorporação, no universo da pesquisa, daqueles gêneros descendentes da mídia, além dos menos nobres, como a ficção científica e a literatura de massa – aqueles livros vendidos em bancas de jornal. No entendimento dessa corrente teórica, todos eles devem receber da academia a mesma atenção das obras consideradas “alta literatura”. (CHIQUIM, 2014, p. 76 e 77)

Esses estudos surgem, em conformidade com Douglas Kellner (2001, p. 47), “[...] como um projeto de abordagens da cultura a partir de perspectivas críticas [...]”, situando a cultura no bojo de uma teoria da produção e reprodução social, a fim de especificar “os modos como as formas culturais serviam para aumentar a dominação social ou para possibilitar a resistência e a luta contra a dominação”.

Trata-se de uma vertente pautada em paradigmas teóricos e políticos, que ultrapassam a análise direcionada exclusivamente para os meios acadêmicos. Isso é possível de ser observado a partir do surgimento de diversos movimentos sociais embasados nas premissas da pluralidade cultural. A repercussão social, por sua parte, resultou da construção teórica que trouxe novos direcionamentos para as linhas de estudo que concebem a cultura enquanto elemento de sedimentação da sociedade.

De acordo com o relato de Maria da Glória Bordini (2006), os Estudos Culturais ocupam um espaço antes destinado à teorização formalista, a qual não se mostrou capaz de abarcar as novas tendências:

Os Estudos Culturais, portanto, nascem de uma insuficiência da teoria literária nos anos 50/60, que, preocupada com a explicação imanente dos textos, herança do Formalismo Russo e do New Criticism, esquecia sua inserção sociocultural e a materialidade de seus processos de produção e recepção, em favor de uma essencialização universalista de suas formas e de seus sentidos. (BORDINI, 2006, p. 14)

O esgotamento analítico e a insatisfação com as delimitações impostas por algumas disciplinas oportunizaram meios para se estudar a cultura de forma interdisciplinar, desencadeando uma rede a partir da junção das práticas sociais com as ações desenvolvidas no cotidiano. Dessa constatação, decorre o surgimento de uma área de estudo em que diversas disciplinas se interseccionam, com o fito de verificar os alicerces culturais que embasavam a sociedade dos anos 1950 em diante, marca temporal das primeiras manifestações do pós-modernismo nas produções artísticas.

Dessa maneira, Kellner (2001) sintetiza as abordagens dos Estudos Culturais nesse contexto em que a interdisciplinaridade foi bastante evocada:

O estudo cultural, portanto, opera com uma concepção interdisciplinar que utiliza teoria social, economia, política, história, comunicação, teoria literária e cultural, filosofia e outros discursos teóricos. As abordagens interdisciplinares [...] propugnam que não nos devemos deter nos confins de um texto, mas devemos procurar saber como ele se encaixa nos sistemas de produção textual e de que modo vários textos fazem parte de sistemas de gêneros ou tipos de produção e tem uma construção intertextual. [...] implica a ultrapassagem de fronteiras entre disciplinas na ida do texto ao contexto, portanto dos textos à cultura e à sociedade. (KELLNER, 2001, p. 42 e 43)

Entretanto, os novos posicionamentos na abrangência dos Estudos Culturais não conquistaram a aceitação da crítica sem que houvesse forte resistência. As modificações observadas na cultura e nas sociedades nesse período passaram ao longe de promover a uniformização ou o consenso analítico em torno dos eventos que desencadearam o redimensionamento do aspecto cultural, no âmago dos movimentos sociais.

Em consequência, surgiram posicionamentos que segregaram estudiosos liberais, conservadores e radicais em compartimentos teóricos distintos, o que provocou, na visão de Kellner (2001, p. 25) acentuadas “guerras culturais”, em busca da “reconstrução da cultura e da sociedade segundo seus próprios programas, guerras que continuam sendo travadas na atualidade”.

Desses encontros e desencontros teóricos, Escosteguy (1998, p.89) destaca em linhas gerais “[...] as rupturas e incorporações que contribuíram na construção da perspectiva teórica e das principais problemáticas desta tradição”, demonstrando os principais pontos em que se evidenciam a participação de várias escolas na fundamentação dos Estudos Culturais. Como resultado imediato, houve a formulação e a ampliação semântica do sentido até então atribuído ao termo “cultura”.

Com a extensão do significado de cultura de textos e representações para práticas vividas, considera-se em foco toda produção de sentido. O ponto de partida é a atenção sobre as estruturas sociais (poder) e o contexto histórico enquanto fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios massivos, assim como, o desprendimento do sentido de cultura da sua tradição elitista para as práticas cotidianas. (ESCOSTEGUY, 1998, p.90)

Por esse mesmo caminho, alteraram-se as relações derivadas das práticas culturais com as instâncias econômicas, políticas e ideológicas. A partir da influência de pensadores como Althusser, conforme anota Stuart Hall (1980, p. 32), a ideologia conquistou outra conotação, sendo vista a partir de então como “provedora de estruturas de entendimento através das quais os homens interpretam, dão sentido, experienciam e ‘vivem’ as condições materiais nas quais eles próprios se encontram”.

O conceito de ideologia direciona o interesse dos Estudos Culturais para a comunicação de massa. Dessa maneira, a comunicação social foi reconhecida não apenas enquanto meio de manipulação e instrumento de controle da elite dirigente. Com isso, os Estudos Culturais visualizaram todos os produtos decorrentes da formação cultural como elementos da reprodução social. Por essa razão, tornou-se vigente a percepção de que a essência da cultura é marcada pela complexidade e pela dinamicidade de suas manifestações.

Amparados nesse raciocínio, justificam-se os estudos que se pautaram na produção literária pelo viés popular. Escosteguy (1998, p. 91) discorre sobre as linhas de pesquisa que foram implementadas pelos Estudos Culturais, destacando que interessa “[...] sobretudo, aquela que se detém sobre o consumo da comunicação de massa enquanto lugar de negociação entre práticas comunicativas extremamente diferenciadas”

Maria Eliza Cevalco (2003) enfatiza que os Estudos Culturais ampliaram o modo de ver a literatura, trazendo nova forma para se estudar a sociedade em que se multiplicam os meios de comunicação em massa, com a busca de respostas para tal fenômeno. Frente à disseminação das múltiplas formas culturais na sociedade atual permeada pelas publicações midiáticas, a matéria amplia o enfoque dos estudos literários, pois apresenta o propósito claro de traçar metas para a compreensão das mais diversificadas formas de produção cultural, incluindo a crônica entre os gêneros discursivos literários, com presença constante nos meios de comunicação com maior proximidade do público leitor, de maneira geral representados pelas publicações periódicas.

Em outra frente, numa perspectiva historiográfica sem grande repercussão no ambiente dos estudos literários, Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira (1988), destacam que a literatura é reflexo das relações sociais. Para os autores:

[...] qualquer obra literária é uma evidência histórica objetivamente determinada – isto é, situada no processo histórico” e não uma “transcendência” ou produto da atividade de “criadores singulares”, atemporais, para os quais vale o postulado da inexplicabilidade. Ao contrário, segundo os autores, a literatura deve ser tomada enquanto testemunho histórico: a proposta é historicizar a obra literária – seja ela conto, crônica, poesia ou romance –, inseri-la no movimento da sociedade, investigar suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social – algo que faz mesmo ao negar fazê-lo. Em suma, é preciso desnudar o rei, tomar a literatura sem reverências, sem reducionismos estéticos, dessacralizá-la, submetê-la ao interrogatório sistemático que é uma obrigação do nosso ofício. Para historiadores a literatura é, enfim, testemunho histórico. (CHALHOUB e PEREIRA, 1998, p.7)

Nesse sentido, autor e obra são acontecimentos historicamente

registrados. Entretanto, no entendimento de Roger Chartier (2002) não se deve entendê-la apenas como o relato do tempo que se pretende evocar. Tal visão fica comprometida na medida que supõe a simples inscrição do que aconteceu em determinado período como registro social de uma época. De acordo com a abordagem desse pesquisador, o importante é pensar como se efetiva a construção do sentido do texto literário a partir do ponto de vista do leitor.

Em conformidade com essa perspectiva analítica, isso dependerá tanto do mundo do leitor, quanto do mundo do texto. O mundo do leitor compreende o espaço compartilhado com a sua comunidade de interpretação, definida por um conjunto de competências, normas, usos e interesses.

Assim, a recepção ou a maneira como os leitores tomam conhecimento dos textos ocorre em consonância com a capacidade, o nível de experiências com a linguagem literária ou não, os códigos e as convenções culturais de cada localidade onde se efetiva o ato de ler. Em outras palavras, a leitura tem uma história e essa história se faz na produção de sentido, que ocorre por meio da interatividade, num processo discursivo que envolve o leitor, a obra e a sociedade.

De seu lado, os discursos resultam de representações culturais, ideológicas e linguísticas consolidadas em determinada comunidade. Por isso, são marcados pela polissemia, que orienta a leitura em meio a multiplicidade de sentidos, os quais, embora estejam camuflados pela racionalidade, não passam de práticas e reproduções determinadas por grupos revestidos por poderes legitimados socialmente, com capacidade para estabelecerem-nas do modo que lhes convém.

Dessa maneira, Roger Chartier (2002) posiciona-se na defesa do entendimento sobre o que é cultura, transcendendo a realidade moldada pelos fatores econômicos e sociais. Em contrapartida, refuta a visão materialista tal qual foi concebida pelo marxismo. Com isso, aflorou a concepção de cultura como forma de atribuição de significado à realidade, às práticas sociais, ao ser individual e a todos os membros de determinada coletividade.

A cultura estaria, portanto, intimamente relacionada ao comportamento humano e às representações que organizam a apreensão do real e que não podem ser resumidas a um simples reflexo de uma realidade material. Não se trata de um processo unilateral por envolver a reciprocidade de influências entre

a realidade social e a representação. Em consequência disso, a elaboração e a produção de sentidos demonstram ser múltiplas, heterogêneas, descontínuas, globais e não lineares.

[...] é impossível qualificar os motivos, os objetos ou as práticas culturais em termos imediatamente sociológicos e que sua distribuição e seus usos numa dada sociedade não se organizam necessariamente segundo divisões sociais prévias, identificadas a partir de diferenças de estado e de fortuna. Donde as novas perspectivas abertas para pensar outros modos de articulação entre as obras ou as práticas e o mundo social, sensíveis ao mesmo tempo à pluralidade das clivagens que atravessam uma sociedade e à diversidade dos empregos de materiais e códigos partilhados. (CHARTIER, 1991, p.177)

Nas palavras de Carla Lavorati (2013), tratar de literatura implica em autorizar a circulação espontânea por todos os espaços que podem ser percorridos pela imaginação. A intuição é evocada para percorrer os domínios criativos das representações, sempre múltiplas e maleáveis, sem as amarras da racionalidade.

Nesse modo de abordagem, a literatura é concebida como espaço de transgressão da ordem cultural predominante, da ordem entre as palavras e as coisas. Lugar de criação de novas possibilidades de significação, visto que, em consonância com Sandra Jatahy Pesavento (2006, p.8), “[...] O texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção”.

Diante disso, quando se evidencia a ficção literária, devem ser levadas em consideração as instâncias do imaginário, conforme discorre Pesavento, (2006, p.2), enquanto caminhos que dão vida ao “[...] abstrato, o não-visto e não-experimentado. É elemento organizador do mundo, que dá coerência, legitimidade e identidade”.

Por sua vez, Else R. P. Vieira (2000), em ensaio introdutório a respeito dos debates em torno dos Estudos Culturais e dos Estudos Literários na América Latina, chama a atenção para o papel da crítica que exerce o papel de elemento mediador, pois, aos poucos, segundo a autora, vai reconhecendo os espaços da literatura no âmbito de análise dos fenômenos culturais:

A crítica é o local onde se dirime o embate entre os Estudos Literários e os Estudos Culturais e se redefine o próprio estatuto da literatura com relação à cultura: uma parte do todo maior da cultura ou a própria cultura? Trazendo para a área da visibilidade também um movimento dos Estudos Culturais em direção à literatura, Jitrik oferece uma importante contrapartida: os Estudos Culturais começam a ver na literatura uma fonte de dados e, através dela, realizam uma justiça simbólica com os grupos reprimidos e os marginalizados pela sociedade. Nesse sentido, o que então se denomina "Estudos Culturais" constituiria uma ampliação dos limites éticos da crítica. (VIEIRA, 2000, p. 19)

Eneida Maria de Souza (2000), por seu turno, também enfatiza que os Estudos Culturais reconhecem e passam a abranger a literatura entre suas linhas de atuação. Essa acolhida, nem sempre aceita sem determinada resistência, no entendimento dessa pesquisadora, deve-se ao alargamento do objeto literário realizado pela crítica pós-moderna, que passa a conceber a literatura além das fronteiras até então delimitada pelo cânone:

[...] são infundadas as acusações feitas aos estudos culturais de que a literatura deixa de ser considerada objeto de pesquisa, ao ser relegada a segundo plano e ao ser substituída por outros discursos e diferentes interesses político-culturais. A abrangência assumida pela literatura – ou a obra de ficção – possibilita maior abertura textual e independe do critério de valor exclusivista e fechado assumido pela crítica literária mais tradicional. (SOUZA, 2000, p. 44)

Como se evidencia, a literatura encontrou, não sem muito embate e persistência dos defensores dessa tese, acolhida no bojo dos Estudos Culturais, ao ponto de se reconhecer a relação metonímica ou sinedóquica entre os dois campos, de forma que um faria parte do outro. De modo enfático, Noé Jitrik (2000) defende a ligação todo-parte entre cultura e literatura, pois, seguindo seus argumentos, "isso que chamamos "literatura" está contido no que se entende por "cultura" - que, como tal, cria graves curto-circuitos, diferenças radicais de opinião: toda sinédoque perturba, não é fácil de entender. " (JITRIK, 2000, p. 30)

O mesmo autor avança nessa linha de raciocínio para explicitar as

dificuldades de consenso conceitual a respeito da participação da literatura, em sentido amplo, que envolve a produção de manifestações artísticas marginais, no mesmo enfoque dos Estudos Culturais. Para tanto, é preciso reconstruir o diálogo e reestabelecer pontes com a crítica literária, num processo que se mostra contínuo, inacabado e, por vezes, com liames a serem fortalecidos a partir do próprio discurso entabulado na academia, via atuação legitimada pelas universidades:

O desenvolvimento dos "estudos culturais" não só coincide com a mencionada situação hesitante da crítica literária e das dúvidas sobre a posição minoritária da literatura no concerto discursivo geral; também, eu acho, deve haver uma explicação externa para estes supostos fenômenos, o que talvez respondam a uma consciência das universidades sobre a sua relação deficiente com o que está fora delas e sobre o qual não tem sido capaz ou sabido atuar; os "estudos culturais" tentam, portanto, construir uma ponte, restabelecer uma comunicação que outrora, talvez, existiu, algo assim como um ato responsável por parte do universo da metalinguagem a respeito de linguagens "reais" de que os estudos literários o distanciaram, embora, poucos e até mesmo sufocados pela autorreferência e pelo enclausuramento em relação às linguagens mais fortes ou apenas mais difundidas, tais como orais, os meios de comunicação, os publicitários ou as imagens visuais. (JITRIK, 2000 p. 38 e 39)

As transformações ocorridas principalmente nas abordagens feitas em torno dos estudos literários, proporcionaram maior autonomia para as disciplinas dedicadas ao estudo da literatura na relação direta com os Estudos Culturais, enquanto objeto de investigação. Para Jitrik (2000), a imbricação teórica surge motivada pelos conceitos de multiculturalismo, que concebem o texto como um complexo elemento cultural.

O que vai marcar a abordagem da literatura, então, será a perspectiva interdisciplinar, no afã de se inserir critérios científicos como pontos norteadores da análise literária. Busca-se o embasamento, entre outros domínios, na Sociologia, na Psicologia, na História, para estabelecer os critérios determinantes na apresentação do texto literário como elemento importante e significativo para a sociedade, organizada institucionalmente e pautada de maneira sólida em princípios histórico-culturais.

Rachel Esteves Lima (2010) sintetiza o percurso seguido pela Teoria da Literatura, que passa pela valorização da obra em si, enquanto linguagem, até

alcançar os postulados dos Estudos Culturais com a consequente ampliação do entendimento do texto, na inter-relação com elementos situados além das fronteiras literárias. Nesse processo de transição, o estruturalismo é reconhecido como ponto de ligação entre as concepções distintas:

Em suas origens, a Teoria da Literatura se caracteriza, portanto, como uma disciplina direcionada prioritariamente para a abordagem imanente da obra literária, lançando mão de contribuições das várias metodologias que colocam a linguagem como o único centro de interesse e priorizando os textos literários que, voltando-se para si mesmos, demonstram uma consciência auto reflexiva, num processo metalinguístico que, durante muito tempo, consistiu no principal critério de valor no julgamento da obra. O estruturalismo, movimento que começa a tomar forma a partir de finais da década de cinquenta, pode ser considerado o ponto culminante dessa postura teórica, mas, paradoxalmente, representa, ao mesmo tempo, a demarcação de uma transição para uma maior abertura na análise do texto, agora não mais entendido simplesmente como a obra literária, mas como uma diversidade de manifestações culturais significantes. (LIMA, 2010, p. 233)

Diante disso, observa-se que várias linguagens estão envolvidas no estudo do texto literário. A pós-modernidade, que também reproduz e reforça os princípios estabelecidos pelos Estudos Culturais, reúne as manifestações artísticas mais amplas como o cinema, a música, a moda, as produções exclusivas da internet, os vídeos, a fotografia e outras formas de composição antes bastante distantes do objeto literário.

Dessa maneira, a visão de cultura ganha novo redimensionamento, pois a literatura vai se interessar pelo fenômeno cultural no âmbito da agenda popular. A produção literária perde a aura da intocabilidade, do difícil acesso, para imiscuir-se às produções ao alcance das massas seja na mídia impressa ou na veiculação digital.

A rápida retomada do percurso trilhado pelos Estudos Culturais até os limites da expressão midiática da contemporaneidade serviu como elemento de contextualização teórica, embora o foco desta pesquisa não se volte com maior intensidade para a análise de produções recentes. Mesmo assim, ao visualizar a atualidade, é possível encontrar indicativos que auxiliem a compreender as pistas deixadas no passado distante por escritores hoje desconhecidos, mas que

se comportaram como porta-vozes da cultura socialmente construída e compartilhada, naquele meio que serviu de cenário para os seus registros.

Assim, o referencial teórico-metodológico dos Estudos Culturais subsidiará, ainda que de maneira implícita, na análise das crônicas do periódico *O Olho da Rua*, que foi editado nas primeiras décadas do século passado, capital paranaense, com o fito de verificar os registros das cenas que marcam as transformações culturais e urbanas em voga, sob a ótica do olhar despretenso do cronista provinciano.

Para tanto, segue-se o itinerário que busca registrar os fundamentos teóricos do gênero, bem como, seu enquadramento na intersecção entre jornalismo e literatura. Esse percurso completa-se com o rápido panorama da imprensa escrita curitibana, das suas origens à primeira década do século XX, e da caracterização do espaço urbano enquanto elemento de estruturação social e cultural, em torno da cidade que se constrói.

2.1 Crônica: Matéria Híbrida

Escrever parece ser um ato que me rouba de meu ser: é um modo de comunicação alternativo, uma transcrição pálida e mecânica da fala e, portanto, sempre a uma certa distância da minha consciência.

(Terry Eagleton)

A crônica, há mais de um século, circula entre os periódicos nacionais. Desde as efervescências do romantismo aos tempos atuais marcados pela fluidez do pós-modernismo, é possível acompanhar a trajetória do gênero com as características que o inserem entre as manifestações literárias mais próximas do público leitor oriundo das camadas populares.

Conforme destaca Davi Arrigucci (1987), esse gênero “está entre nós há mais de um século e se aclimatou com tal naturalidade, que parece nosso”. Nas páginas dos jornais, seu primeiro e principal veículo, apresenta-se como companhia diária do brasileiro.

Em relação ao vínculo com o suporte de origem, a constatação feita por

Marcus Vinicius Nogueira Soares (2014) reconhece que essa ligação perdura, mesmo atualmente, com as novas ferramentas tecnológicas à disposição da imprensa escrita:

[...] Próxima aos fatos ou distante deles, a crônica não perde o vínculo com a dinâmica do meio de comunicação do qual emergiu no século XIX e através do qual continua difundida até hoje, mesmo que não exclusivamente: o jornal. (SOARES, 2014, p. 241)

Enquanto produto de um recorte feito a partir da observação ou da intervenção de seu autor, a crônica oferece várias possibilidades ao leitor, que tem diante de si do simples entretenimento até a discussão dos temas mais relevantes na ordem do dia, nos limites dos interesses da nação em seu contexto federativo ou de sua ligação com o mundo globalizado.

A partir dos estudos compilados por Soares (2014), depreende-se que as origens do gênero se deram no além-mar, nas páginas dos periódicos franceses. Mesmo não apresentando em sua fundação os traços da nacionalidade brasileira, destaca-se entre os outros gêneros pela ligação regular, próxima e direta de sua temática com as questões típicas do país.

Enquanto as outras manifestações percorreram caminhos que intercruzaram as fronteiras literárias, ora aproximando-se ou mesmo reproduzindo modelos europeus, até alcançarem a suposta maioria literária da Semana de 22, a crônica, por sua vez, não passou por essa fase de confusão de identidade até conquistar sua afirmação: em solo pátrio caracterizou-se por ser portadora da temática (urbana) nacional, transmitida pelo estilo espontâneo do escritor brasileiro, fundamentalmente, o carioca em seus primeiros traços, no século XIX.

Sempre muito próxima dos pequenos acontecimentos, postou-se ao lado da proposta textual rápida que registra, reconta, comenta, disserta e opina sobre os pormenores da sociedade. Por vezes, lançou-se por entre os grandes mistérios que envolvem os relacionamentos humanos. Em outras vertentes, limitou-se ao olhar contido, apenas até onde a percepção alcança sem maiores esforços criativos ou imaginativos.

Na sua trajetória, a crônica quase sempre revelou o já conhecido, mas sem se afastar do interesse do público fiel, ávido por server suas contribuições, para compreender melhor os fatos do dia ou apenas para fazer deles elementos de catarse que suavizam a difícil travessia pelos caminhos da realidade.

Desse modo, registrou os acontecimentos sem a preocupação de se amparar na verdade, tão reclamada no jornal, veículo que a acolheu para que chegasse até seus leitores. Mesmo assim, sem a necessidade de comprovar nada, sempre conseguiu sair pelos flancos, sem permitir que lhe imputassem a falsidade.

Na concepção defendida por Alceu Amoroso Lima (2003), é possível perceber que a crônica se estabelece como produção da linguagem entre:

[...] dois polos, entre ser jornal e para o jornal. Diferencia-se do texto jornalístico, por não visar a informação, pois seu objetivo (declarado ou não) é ultrapassar o mero comentário diário, a banalidade dos acontecimentos humanos, e atingir a universalização, mesmo que sua temática se utilize do *fait divers* e do que se costuma considerar trivial. (LIMA, 2003, p. 05)

Como se vê, adaptou-se ao lado da notícia e da reportagem que veiculam em seu bojo a informação. Nos seus limites, ao mesmo tempo que conserva os vínculos com a matéria jornalística, permite ao cronista encontrar as possibilidades literárias disponíveis para efetivar o texto conforme seu estilo. Isso garante a liberdade ao autor de escrevê-la guiado pela espontaneidade, tanto na forma quanto na linguagem.

Por apresentar-se sem maiores exigências estruturais e literárias, não oferece obstáculo para ser identificada como matéria híbrida. Ao contrário, fez dessa particularidade o combustível para percorrer os tempos até romper nos horizontes da contemporaneidade, conseguindo atrair grande interesse de um público que reluta em deixá-la, mesmo diante de tantos outros apelos e atrativos destes dias contornados pelos comandos do universo online.

No que concerne ao aspecto temático, parte do registro das circunstâncias materializadas nos assuntos mais corriqueiros do cotidiano. Para tanto, revestiu-se de plasticidade que lhe permite adaptar-se às exigências de

seu contexto de produção.

Além disso, consegue transitar por entre outros gêneros, aproveitando-se para enriquecer e diversificar sua estrutura com modelos de construção abstraídos desse intercâmbio discursivo. Em conformidade com o entendimento delineado por Simon (2011) “[...] a crônica é um gênero bastante suscetível ao diálogo com outras manifestações escritas, sejam elas literárias ou não”.

Nesse sentido, é comum a crônica ultrapassar as fronteiras do ensaio, do artigo, da fábula, da reportagem ou até mesmo do poema, apresentando-se com roupagens diversificadas que a tornam adaptada às diretrizes do momento, do veículo e do público a que está destinada. Assim, consegue se reeditar e se inovar, atraindo a atenção dos leitores de todas as épocas.

De acordo com Arrigucci (1987), a palavra crônica relaciona-se ao tempo, a partir da própria origem etimológica *Krónos*, do grego. Constitui-se num relato que tem por base a ligação com o tempo, assim como ocorre com a História, pois em sua formação embrionária a crônica manteve estreita ligação com registro histórico. No caso brasileiro, basta lembrar do documento epistolar escrito por Pero Vaz de Caminha, considerada a crônica do descobrimento do Brasil, que traz o registro das primeiras informações sobre a chegada dos portugueses ao novo território.

Como produto estritamente ligado ao determinante espaço-temporal, acostumou-se ser expressa em linguagem acessível ao grande público, sem o apego à formalidade lexical. Em razão disso, não discrimina leitor algum, convidando quem se apresentar disponível a percorrer suas linhas para estabelecer uma parceria. Por meio dessa estratégia, garante a subsistência em meio ao volumoso conjunto de matérias que povoam o noticiário.

Consegue ser notada, lida, comentada e, por vezes, ganhar a perenidade, em disputada coletânea, nas páginas de um livro, para o qual sequer havia sido concebida. Nesse aspecto, destaca Candido (1992, p.14), “[...] quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava”.

Mesmo assim, transposta para outro veículo que não é o seu originalmente, não perde suas características elementares. A mudança no ambiente editorial apenas permitirá que seja lida por públicos distintos e indefinidos. Ao estabelecer uma análise sobre o assunto, registra, com muita

propriedade, Simon (2004) que:

Se deslocarmos nossa atenção de autores e edições mais contemporâneos para outros períodos da história literária, teremos ainda demonstrações do papel relevante que a crônica ocupa quando incluída em livros. (SIMON, 2004, p. 59)

Uma vez publicada em livro, a crônica atualmente alcançou os exames nacionais, fazendo parte dos programas oficiais. Foi enfim albergada pelo cânone literário, tal qual enfatiza, mais adiante, o mesmo autor:

O respeito obtido pelos livros de crônicas passa também por uma espécie de reconhecimento oficial. Em 2002, o Exame Nacional de Cursos, popularizado no meio universitário como “Provão”, determinava que os concluintes dos cursos de Letras prestassem uma avaliação em cujo programa constava uma lista de obras literárias. Na lista, entre textos de brasileiros, como Machado de Assis e Guimarães Rosa, portugueses, como Gil Vicente e Camilo Castelo Branco, além de outros europeus como Shakespeare e Goethe, aparecia o nome de Rubem Braga, com seu Ai de ti, Copacabana!. Tratava-se de uma chegada definitiva ao cânone. (SIMON, 2004, p. 60 e 61)

Transita muito bem entre as escolhas feitas pelo autor, sejam elas ancoradas em assuntos de repercussão real em meio à sociedade, ou fruto da livre divagação impulsionada pela liberdade criativa que abre caminho para o intangível mundo das possibilidades literárias. Por vezes, num mesmo texto, é possível reunir várias tendências, mesclar assuntos, sugerir emoções extremas, para, ao final, não dizer nada do que seria previsível.

Entretanto, mesmo enigmática, consegue ser reconhecida também como veículo portador de informações, comentários e análises pertinentes para a compreensão da realidade que entorna o leitor.

Por esse viés, lança luzes nos temas encobertos pela falta de clareza ou pela divulgação imprecisa e superficial feita por outros meios considerados propícios. Nem sempre o noticiário transmite todas as nuances envolvidas no fato noticioso. Essa lacuna é preenchida pela crônica com as informações complementares, os pontos de vista mais diversos que não se enclausuram nos

estritos limites da cobertura jornalística, feita por determinado veículo de comunicação.

Dessa maneira, explica-se a sua permanência desde os registros medievais dos cronistas preocupados com o registro histórico, passando pelos folhetins de inspiração francesa no século XVIII e XIX, às diversas seções editoriais da imprensa moderna. Seja para distrair, para fazer pensar ou simplesmente para o deleite da leitura descompromissada, sempre se encontra uma crônica que se amolde ao interesse específico.

Tudo isso porque se resume num gênero fronteiro, adaptável, flexível, sem qualquer apego ao padrão único e pré-determinado. Faz da literatura e do jornalismo seu objeto de ação, forjando-os por meio da sua linguagem peculiar, sem que, no entanto, se deixe limitar unicamente pelos traços da estrutura própria ao “contar” algo.

Nesse ponto, cabe destacar a diversidade de gêneros discursivos que se amoldam à sua estrutura, de maneira que a crônica transita por vasta tipologia textual, expressando-se desde sua forma narrativa tradicional que se aproxima do conto, até o emprego de estruturas linguísticas emprestadas de cartas, editoriais, poemas, comentários, fábulas, entre outras manifestações.

Ao unificar dois elementos que possuem características próprias, a crônica possibilita a construção do novo. Mesmo que se sirva do fato que recebe a deferência jornalística, não apenas o transpõe para um texto autônomo. O cronista vai além ao cotejá-lo: amolda-o de maneira que o torna inédito, não em sua concepção, mas em sua abordagem descompromissada.

Essa é a maneira que encontra para transcender ao efêmero e realizar seu registro sem as amarras da informação. Nesse ponto, o profissional da imprensa que também se dedica a publicar crônicas, não resiste aos apelos da liberdade de manipular os fatos que acompanha o escritor. Então, entra em cena a subjetividade do literato para dar forma ao texto sem as rígidas amarras da reportagem. O resultado de sua colaboração transcende os limites da finalidade unívoca de transmitir acontecimentos do mundo real, em conformidade com o padrão clássico da notícia formatada num contexto temporal e social.

Sendo assim, a recriação do cotidiano torna-se o empreendimento principal de suas linhas. Parece tarefa elementar, mas o exercício efetivo mostra o contrário. Não se pode olvidar que a sua construção deve obediência à

brevidade tanto no que se refere ao espaço para a publicação, quanto o tempo para estar pronta. Se esses condicionantes não forem obedecidos, pode-se decretar a falta de relevância do texto, antes mesmo de vir a público, principalmente, na atualidade, em que os acontecimentos se avolumam, circulam e se sucedem, em meio a velocidade estonteante da tecnologia sofisticada à disposição da mídia.

Quem analisa apenas a pouca profundidade das publicações, em termos de pesquisa temática, pode se equivocar quanto aos valores literários, artísticos e jornalísticos inerentes à crônica. Quando se considera tudo o que foi escrito, frente a rapidez da produção, circunscrita ao delimitado espaço que a edição lhe oferece, começam a emergir os traços que destacam e garantem a continuidade do gênero, mesmo que carregue as imposições da crítica que lhe confere a condição de “menor”.

Entretanto, o estigma não é unanimidade. Eminentemente figuras que se dedicam aos estudos das manifestações literárias questionam esse rótulo depreciativo. Nesse sentido, a contribuição de Marcus Vinicius Nogueira Soares (2014) é extremamente apropriada por compilar vários posicionamentos em torno dessa discussão, apontando as divergências de concepção que ora tendem para o aspecto quantitativo do número de linhas, do espaço reduzido na página do jornal; ora voltam-se para as questões qualitativas que envolvem a classificação “gênero menor”, devido à sua veiculação se dar originalmente no jornal, suporte que não carregava o mesmo glamour literário atribuído ao livro.

De pronto, o autor refuta as teses depreciativas, para destacar que a palavra “menor” aliada ao gênero crônica apenas expressa as particularidades dessa produção, não carregando, portanto, nenhuma conotação avaliativa em termos de valor literário, assim como ocorre na poética ou na música para as expressões “maior” ou “menor”.

O fundamento dessa assertiva encontra-se na citação selecionada por Soares (2014) a partir das palavras de Jorge Luis Borges que, ao responder uma pergunta sobre essa temática à revista Magazine Littéraire, assim se manifestou:

Acho que a palavra “menor” é mal empregada [...]. Deveríamos falar de poesia menor como falamos de poesia lírica, ou de poesia dramática. É um gênero de poesia e talvez um gênero mais difícil do

que os outros. Posso escrever uma epopeia, que pode ser muito importante, muito significativa, e que fará parte das histórias da literatura sem que, para isso, se exija dela perfeição. Mas se escrevo quatro linhas de poesia menor, ela deve ser muito bem-feita, exige-se perfeição para que exista. É mais ou menos como um trocadilho, ou é bom ou não existe. (SOARES, 2014, p. 44 e 45)

Dessa maneira, fica evidente que, nas concepções mais atuais a respeito do gênero, sobressai-se a qualificação da crônica por suas caracterizações peculiares, sem qualquer indício que a deprecie perante os outros gêneros literários. De maneira concisa, Soares (2014) esclarece que “[...] a aplicação do termo menor serve para qualificar a crônica como nos sugere Borges em relação a determinada forma de poesia: gênero breve, curto”. (SOARES, 2014, p. 48)

Como argumento subsidiário, entre outras observações e justificativas em torno dessa questão, é importante destacar Antonio Cândido (2006), o qual questiona a expressão “gênero menor” a partir da condição do próprio cronista, em muitos casos, o mesmo prosador ou poeta, destacado e consagrado a posteriori pela crítica por sua produção em outros gêneros. Para Cândido,

Cronistas foram também os primeiros romancistas, notando-se que o romance urbano ou de costumes era por assim dizer um desenvolvimento natural da crônica. (...) foi a crônica que abriu caminho ao romancista, afeiçoando os leitores contemporâneos às suas fantasias de um lirismo transbordante. (CÂNDIDO, 2006, p.124)

Na condição de precursores dessa manifestação literária-jornalística no contexto dos folhetins, destacam-se José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo e França Jr, no Rio de Janeiro, com as contribuições para o Correio Mercantil, a partir de 1854. Outro gigante da literatura nacional, senão o maior, que também enveredou pelos caminhos da crônica, foi Machado de Assis, que estreou em 1859, permanecendo-lhe fiel por quadro décadas, até às vésperas do século XX.

De imediato, percebe-se que a produção literária dos autores reconhecidos como fundadores do gênero na imprensa nacional, destaca-se de forma transcendente à publicação das crônicas, mas passa necessariamente por

elas, de maneira que se pode conceber nesse processo de produção periódica um verdadeiro laboratório criativo. A partir dos experimentos ali realizados ou concomitante à publicação, surgiriam as grandes e consagradas produções literárias.

Por esse prisma, é possível visualizar a crônica em sua dimensão expansiva. Embora seja uma produção rápida, curta, sem maiores desdobramentos, oferece a possibilidade de propagar-se como material criativo para outras produções. Exemplo de maior destaque encontra-se na obra de Machado de Assis.

De acordo com John Gledson (2006), um dos maiores estudiosos da crônica machadiana, ao analisar a contribuição de Machado de Assis para o jornal estampada na série “Bons Dias”, estabelece os laços com a obra do autor em sua totalidade, observando as imbricações e os vínculos estabelecidos na atividade de criação entre os diferentes gêneros explorados pelo autor. Assim:

[...] é útil pensarmos um pouco no contexto maior da vida criativa do seu autor. É um erro pensar nas crônicas como um simples ganha-pão, embora, claro seja provável que em alguns momentos o dever semanal fosse apenas isso, e o nível de criatividade verdadeira é baixo, nessa mesma medida. [...] No entanto, muitas vezes se esquece que Machado escrevia em vários gêneros, e que um relato da sua carreira que se concentre num só – quase sempre os romances – nunca pode ser completo. A estrutura episódica dos romances, sobretudo de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, põe em evidência os paralelos com os contos e as crônicas. (GLEDSON, 2006, p. 137)

Ainda, para ser mais específico, seguindo no estudo da série “Bons Dias”, Gledson (2006) destaca que essas crônicas apresentavam “[...] opiniões nunca expressadas por Machado com tanta clareza e coerência – descontando a ironia, é óbvio –, e contavam uma história com conexões com outras obras, notadamente *Quincas Borba*”. (GLEDSON, 2006, p. 187)

Com isso, para ficar apenas no círculo dos maiores luminares da crônica em sua implantação, na esfera da produção nacional, evidencia-se a intersecção do gênero, num processo denominado desde José de Alencar e Machado de Assis como aclimatação, ou seja, a adaptação do gênero transposto do modelo francês para o jeito peculiar de escrever do cronista brasileiro.

Nesse aspecto, é importante recorrer às palavras de Soares (2014), que após percorrer os vários caminhos seguidos pela crítica literária sobre a questão da nacionalidade do gênero, a partir de sua edição nos folhetins oitocentistas, discorre que:

[...] o folhetinista e o folhetim são plantas de outro hemisfério. Nesse sentido, ao “tomar mais cor local”, ao adquirir “feição americana”, o folhetim ou crônica não se tornaria gênero, como se não fosse um, apenas ganharia, para empregar a metáfora machadiana, colorido local. Trata-se, assim, de nacionalizar o gênero e não de comprovar a nacionalidade brasileira do mesmo. (SOARES, 2014, p.34.)

Do seu espaço limitado, com poucas possibilidades de manipulação da linguagem, seja para narrar, comentar, expor opiniões, pensamentos ou mensagens líricas, a crônica conseguiu espriar sua contribuição por meio das múltiplas vozes que a difundiram em outras produções literárias.

Por essa trajetória de consolidação nas páginas dos periódicos pátrios, a crônica passa ao longe de ser material irrelevante de estudo e análise. Ingressou nas letras nacionais justamente no momento de maior efervescência política, em que se discutia as transições da forma de governo da Monarquia para a República, com todos os desdobramentos sociais que essa conjuntura desencadeou. Aproveitou-se das calorosas discussões proporcionadas pelo momento para popularizar-se, propagando a realidade na qual estava mergulhada a cidade, cenário preferido das narrativas do cotidiano.

Com esse mesmo intuito, foi percorrendo as décadas. Conseguiu absorver o espírito dos novos tempos, expresso pelas manifestações modernistas. Deslizou pelos mais variados interesses listados nas seções dos jornais até alcançar a contemporaneidade como, conforme defende Pólvora (1975) “um modo de ser brasileiro, uma fórmula que nos convém” (PÓLVORA, 1975, p. 49).

O fato de o cronista escrever impulsionado pela rapidez, sem conseguir se posicionar sem pressa no mesmo ponto de observação social utilizado pelo romancista, em nada compromete a condição literária da crônica que se encontra justamente no *rez de chaussée, rés do chão*, onde transitam os fatos cotidianos,

matéria prima por excelência do seu foco criativo. É essa cumplicidade entre o autor com a temática corriqueira que reveste a crônica com características reconhecidas nos melhores textos ficcionais.

No mesmo sentido, é o registro de Portella (1985), ao defender que “[...] a crônica acusada injustamente como um desdobramento marginal ou periférico do fazer literário, é o próprio fazer literário”. (PORTELLA, 1985, p. 156 e 157)

Apresenta, com isso, a plasticidade necessária para adaptar-se aos apelos e tendências exigidas para aquele momento em que é veiculada. Reveste-se de interesse que a coloca entre os gêneros do cotidiano como elemento propiciador de debates, de discussões e de interações entre os leitores, o autor e os editores responsáveis pela publicação.

Além da linguagem polissêmica que alinhava os fatos corriqueiros com liberdade criativa da literatura e as orientações jornalísticas, o cronista também conta com a possibilidade de amparar-se em outros gêneros textuais, literários ou referenciais. É comum encontrarem-se, no mesmo espaço de rápidas linhas, a argumentação dedicada à defesa de teses e a suavização poética do olhar que consegue perceber as belezas do dia, em meio ao caos da civilização.

Essa característica eclética, segundo Arrigucci (1987), levou Fernando Sabino a parafrasear o que Mário de Andrade falou a propósito do conto, em referência à crônica, que seria “tudo o que o autor chamar assim”.

De maneira geral, a crônica possui como virtude de maior destaque no universo das letras a capacidade de manter o equilíbrio enquanto gênero marcado pela plasticidade tipológica, que pode ir da narração à defesa de ideias ou do comentário à descrição de cenários e personagens, acolhendo todas as manifestações sem fechar as portas a nada que possa trazer um pouco de luz, mesmo que seja apenas um pequeno lampejo, sobre o seu objeto de interesse: o ser humano em seu cenário mais genuíno, onde se encena a vida sem a segurança do roteiro prévio, num espetáculo único dirigido pelo imprevisível.

O cronista, com suas lentes especiais que permitem visualizar o mesmo fato a partir dos ângulos distintos do jornalismo e da literatura, posiciona-se na primeira fila para registrar suas impressões dessa apresentação gratuita e ininterrupta, que por vezes não oferece grandes contribuições, de maneira que o relato sai vazio, sem dizer nada além do pouco que se passou nos feitos “miúdos” do dia-a-dia.

Nesse aspecto, as palavras extraídas da crônica “Ao respeitável público”, publicada originalmente no jornal Diário de São Paulo, em 1934, por Rubem Braga, um dos maiores cronistas brasileiros, revelam essa dimensão despreocupada quanto ao conteúdo, que desafia o vazio frente à obrigação de produzir algo escrito:

Chegou meu dia. Todo cronista tem seu dia em que, não tendo nada a escrever, fala da falta de assunto. Chegou meu dia. Que bela tarde para não se escrever! (...)

Fiquem sabendo que eu hoje tinha assunto e os recusei todos. Eu poderia, se quisesse, neste momento, escrever duzentas crônicas engraçadinhas ou tristes, boas ou imbecis, úteis ou inúteis, interessantes ou cacetes. Assunto, não falta, porque eu me acostumei a aproveitar qualquer assunto. Mas eu quero hoje precisamente falar claro a vocês todos. Eu quero, pelo menos hoje, dizer o que sinto todo dia: dizer que, se eu os aborreço, vocês me aborrecem terrivelmente mais.

Amanhã eu posso voltar bonzinho, manso, jeitoso, posso falar bem de todo mundo, até do governo, até da polícia. Saibam, desde já, que eu farei isto porque sou cretino por profissão; mas que com todas as forças da alma eu desejo que vocês todos morram de erisipela ou de peste bubônica.

Até amanhã. Passem mal. (BRAGA, 1980, p. 13)

Em outros momentos, a encenação se enriquece, ganha em ação, desdobra-se em cenas polêmicas. Pronto. Entrega-se um grande material que servirá para alicerçar a crônica da semana, quem sabe do mês, do ano, ou aquela que passará às sucessivas edições em livros com publicações exclusivas do autor ou em antologias organizadas a partir dos textos considerados “os melhores”, visitando inúmeros leitores de outros tempos.

O desafio na construção desse registro, no papel de observador e ao mesmo tempo comentarista do cotidiano, é conseguir encontrar uma maneira de fazer-se relevante, frente às várias opções que a mídia moderna oferece na transmissão dos mesmos fatos que vão servir de pano de fundo para a crônica. Com a desvantagem de possuir apenas o instrumento verbal para materializar sua intervenção, o cronista deve ser um especialista na abordagem dos fatos para conseguir atrair a atenção do seu público-alvo.

Para tanto, deve comportar-se com a mesma flexibilidade que impõe em seu texto, a fim de permanecer após a rápida passagem dos acontecimentos

que por instantes foram considerados importantes, mas que logo na sucessão das horas apagam-se e somem com a mesma rapidez que surgiram.

Diante disso, as contribuições de Arrigucci (1987) são bastante elucidativas:

Muito próximo do evento miúdo do cotidiano, o cronista deve de algum modo driblá-lo, se não quiser naufragar agarrado ao efêmero. Buscando uma saída literária, as margens de sua terra firme são bastante imprecisas: ele pode estender a ambiguidade à linguagem e às fronteiras do gênero, sem perder o nível de estilo adequado às pequenas coisas de que trata. (ARRIGUCCI, 1987, p. 55)

Na crônica, o modo de abordar, o jeito de escrever, a seleção lexical e o elemento subjetivo são fundamentais para que o texto se estabeleça e consiga se impor por si só, como instrumento da linguagem que se converte em múltiplas percepções da realidade: ao mesmo tempo que informa, opina, critica, diverte, divaga, enfim, oferece um amplo espectro de possibilidades ao leitor que procura nas suas linhas o complemento literário para limar as asperezas de seus dias, traduzidas nas diversas intervenções noticiosas trazidas a público.

Essa tendência eclética não é atual. Faz parte da essência do gênero que, ao ser amplamente produzido no país, segue reproduzindo-se na mistura de temas, assuntos, estilos, matérias, entre outros elementos discursivos utilizados para retratar os mais variados aspectos da vida social, de maneira que revela a grande sintonia do seu autor com os interesses de sua época.

Tal situação fica bastante evidente, mais uma vez, a partir das palavras de Arrigucci (1987), ao discorrer que:

Quando aparece entre nós, na segunda metade do século XIX, a crônica já lida com uma matéria muito misturada: a matéria do folhetim, pedaço de página por onde a literatura penetrou fundo no jornal, tratando dos temas mais diversos, mas com predominância dos aspectos da vida moderna. O cronista é primeiro folhetinista (...). (ARRIGUCCI, 1987, p. 56 e 57)

Essa relação estreita entre o cronista e o jornalista, que permite a forte

aproximação entre jornalismo e literatura, que foram apontadas em linhas gerais nos registros até então, serão melhor detalhadas no próximo tópico, em que se abordará de maneira específica o entroncamento e a intersecção entre os dois ramos estruturantes do gênero crônica.

2.2 Crônica: Diálogos entre Jornalismo e Literatura

*“A principal matéria prima para a **crônica** são as relações humanas. O modo como as pessoas se amam, se enganam, se aproximam ou se afastam num ambiente social definido. Ou qualquer outra coisa.”*

(Luis Fernando Veríssimo)

A crônica em sua essência constitui-se num texto em que se entrelaçam dois ramos discursivos fundamentais da linguagem enquanto estrutura narrativa: literatura e jornalismo. Outros elementos que transcendem às duas áreas também são convocados para contribuir na elaboração do relato curto, rápido e objetivo dos fatos elementares do cotidiano. Compõem esse leque de fontes secundárias a História, a Sociologia, a Filosofia, a Ciência Política, entre outras vertentes.

Entretanto, o arcabouço estrutural e linguístico é construído a partir da formação híbrida entre a abordagem do fato real e a subjetivação analítica, que resultará no surgimento de um registro unificado, que se distancia e, ao mesmo tempo, aproxima-se tanto da literatura quanto do jornalismo. Embora o tema e a linguagem utilizados possam identificar as marcas específicas de uma ou de outra atividade, o processo de produção proporciona o surgimento de um texto com características próprias.

Em relação à natureza da crônica, Silvânia Siebert (2014) explica que:

[...] por ser um gênero híbrido, fica difícil enquadrá-lo, classificá-lo, fazê-lo pertencer a uma determinada esfera ou campo – uma vez que

entendemos que as esferas dos discursos da história, do jornalismo e da literatura contribuem para sua constituição. (SIEBERT (2014, p. 681)

Por sua vez, Yolanda Maria Muniz Tuzino (2009), ao tecer análise sobre a natureza híbrida do gênero constituído, em suas origens, a partir de publicações em jornais impressos, discorre sobre o tema para enfatizar que:

A leitura dos jornais impressos brasileiros mostra que a maior parte das notícias é constituída com base nos princípios da objetividade e imparcialidade das informações. Ocorre que existe um gênero textual que possibilita, justamente, uma outra forma de se narrar os fatos cotidianos. Nesse sentido surge a Crônica: um gênero híbrido, uma intersecção entre o Jornalismo e a Literatura. (TUZINO, 2009, p. 2)

Por essa razão, a crônica suscita diversos questionamentos quanto aos aspectos que envolvem sua estrutura, seu estilo e seus mecanismos de comunicação. A pergunta principal, que desencadeia inúmeras linhas de estudo, traduz-se na busca da medida em que as linguagens estruturantes se intersectam. Em outras palavras, de maneira geral, parte-se da investigação que procura elucidar o quanto de literatura é preciso para reconstruir o fato jornalístico e formatá-lo numa estrutura que se reconheça como crônica.

O contrário também leva a diversos vieses de análise que procuram verificar as medidas das diretrizes jornalísticas envolvidas na elaboração do texto, quando a intencionalidade literária se apresenta como linha mestra, utilizando apenas a informação como mero pano de fundo, para que se destaque a produção escrita livre e pessoal.

Nesse aspecto, a literatura é preponderante, pois a linguagem carregada de características subjetivas envereda-se pela trama com orientação ficcional, sem deixar, contudo, que se apaguem as marcas das fontes noticiosas que ensejaram a produção. O fato real constitui-se no assunto principal, embora apresente-se mascarado pelo “faz de conta”.

É o caso das crônicas que trazem o registro de acontecimentos efetivamente reais, mas em que são omitidos os verdadeiros agentes, alterados os resultados ou ainda manipulado o cenário, tudo para servir ao alvitre do autor,

como pretexto para sua intenção principal: cravar o seu ponto de vista sob a matéria, geralmente a crítica, com maior ou menor ironia, servindo-se de linguagem enxuta ou de alguma divagação.

Entram aqui, por exemplo, as produções que falam dos desvios de conduta dos agentes políticos, em que todos os leitores identificam de quem e do que se trata, mas tudo reconstruído a partir da mensagem subliminar. Às vezes, as críticas são explícitas, direcionadas ao ocupante de determinado posto de comando na Administração Pública.

Essa temática será evidenciada mais adiante, entre outros aspectos urbanos, na análise do material extraído do periódico *O Olho da Rua*. A título de exemplo, numa rápida antecipação, segue o fragmento extraído da Crônica da Rua:

Imaginemos por um instante (e como é bom imaginar assim) que nestes últimos oito anos outros fossem os prefeitos e camaristas de Curitiba. Isto estaria assim como está, na maior miséria precisando de tudo, sendo a nossa vergonha e a vergonha do Paraná? (OLHO DA RUA, ANO IV – 11/11/1911 – NUM. 10)

Ainda no campo teórico, por ser um texto fronteiriço, a crônica apresenta-se extremamente relevante enquanto objeto de análise, tanto para o pesquisador que busca suas nuances e características específicas, quanto para o leitor, sem formação e sem interesse definido, que mergulha em suas linhas como quem procura suavizar a mente por meio de uma leitura pouco exigente.

Isso é possível, justamente, pelas fontes das quais o texto resulta. O fato de ser veiculada desde suas origens no bojo das edições do jornal impresso, por si só, é suficiente para atrelar a sua imagem à produção de matérias informativas.

Sendo assim, é importante destacar, em linhas gerais, as medidas que fazem a distinção entre as duas vertentes responsáveis pelo surgimento da crônica. Nesse aspecto, a principal diferença, conforme acentua Marcelo Bulhões (2007, p. 26), encontra-se na linguagem que, no jornalismo, “[...] é meio, e não fim; na literatura, a linguagem é fim, centro das atenções”.

Essa distinção encontra ressonância no entendimento de Marisa Lajolo (1989, p.38) para quem “[...] literatura é a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção e leitura que instaura a natureza literária de um texto”. A literatura, portanto, centra-se na própria produção e resulta dela mesmo, independente de motivações e constatações externas.

Em outra instância, de acordo com Fabrício Marques (2009, p.17) situa-se o jornalismo que “[...] se alimenta dos episódios que acontecem e dos que estão acontecendo”. Para tanto, tecnicamente, “[...] toda a reportagem deve responder a perguntas básicas, tais como [...] uma lide tradicional”. Sem essa estrutura, a matéria não consegue cumprir com clareza sua função primordial de informar o leitor.

Entretanto, em se tratando de jornalismo contemporâneo, elaborado sob as lentes ecléticas da mídia digital e virtual, destaca-se o tráfego acelerado da informação por meio de suportes variados, com abordagens inovadoras destituídas da rigidez e da formalidade atribuídas à veiculação da notícia. Nesse novo contexto internacional, onde a fluidez tecnológica derrubou as fronteiras, a distinção tradicional que compartimentava a linguagem exclusivamente referencial na redação da notícia, não é mais tão visível, a ponto de se destacar a coexistência de vários gêneros numa mesma produção.

Mesmo assim, a verificação das especificidades permite que se reconheçam os pontos de convergência e as intersecções que se formam, fazendo do jornalismo e da literatura, por vezes, um espaço comum de comunicação, sem que haja o apagamento das características genuínas dos gêneros imbricados.

Assim, a notícia que é estruturada com alguns contornos estéticos e literários, destaca-se por apresentar-se sem as limitações técnicas tradicionais da reportagem. De outra forma, a literatura também se apropria das contribuições do relato objetivo para conquistar a anuência do leitor diante do desenrolar de seus enredos, que se sabe de antemão serem ficcionais, mas, pelos dados emprestados do registro jornalístico, transmitem ao texto como um todo as aparências de ser transposto tal e qual do mundo real.

Um dos eixos centrais do qual jornalismo e literatura partem é o mesmo: a palavra, registrada no tempo e no espaço. Esse alicerce linguístico comum leva a outra característica compartilhada e apresentada por Marques (2009, p.

13 e 14) como “narratividade”, que vem a ser o “ponto essencial de confluência de gêneros do jornalismo e da literatura”, posto que “[...] produzir textos narrativos, ou seja, que contêm uma sequência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a vivência literária, quanto a jornalística”.

Dessa maneira, a relação entre ambos desencadeia diversas possibilidades de leitura e recepção, tanto por suas aproximações, quanto pelas demarcações que determinam a formatação de seus relatos, além do tratamento específico que se destina à linguagem nos usos específicos de cada gênero ou no caso do compartilhamento verificado na produção de crônicas.

Por isso, para Humberto Werneck (2012), é preciso estabelecer de maneira clara a linha divisória entre os dois domínios, a fim de evitar o estreitamento e a desfiguração discursiva:

Fique bem claro: utilizando o mesmo instrumento, a palavra, são canais paralelos, porém muito diferentes, antípodas até, e tomar um pelo outro fatalmente leva ao desastre. Quando se tenta fazer a literatura passar pelo canal do jornalismo, ou vice-versa, cria-se um problema, digamos, hidráulico, semelhante ao de quem tentasse fazer a água passar pelo cano do gás. (WERNECK, 2012, p. 1)

Por sua vez, Roberto Nicolato (2006) explicita que as fronteiras e aproximações desses dois universos discursivos não são, e nunca foram, fixas e imutáveis, mas que resultam de uma interação constante:

O diálogo entre jornalismo e literatura versa de longa data. A aproximação dos dois gêneros (se assim podemos defini-los) começa no século XVIII e ao longo da história eles se confluem e divergem, numa contaminação incessante que se dá em maior ou menor grau, na medida em que cada um deles é ameaçado por crises de criatividade ou quando suas funções ou representatividades estão em xeque, numa sociedade em contínuo processo de mudanças. (NICOLATO, 2006, p. 3)

Em razão da relação proximal, não raro, jornalistas enveredam-se pelos caminhos da literatura, quanto escritores, motivados pelo ofício, emprestam suas contribuições ao meio jornalístico. Outros intercalam as duas atividades,

conciliando sua prática tanto no registro dos fatos tal qual aconteceram, quanto na ficcionalidade dos mesmos fatos.

Essa dupla atuação não é novidade. É o caso entre tantos escritores, por exemplo, de Euclides da Cunha no final do Século XIX, que registrou os acontecimentos da Guerra de Canudos na perspectiva jornalística e literária. Os mesmos olhos que forneceram as imagens captadas dos trágicos acontecimentos para a redação da reportagem, também possibilitaram, com o auxílio da memória e da criatividade artística, a reconstrução ficcional da barbárie.

No universo acadêmico, há o reconhecimento consolidado de que a presença de escritores, poetas e prosadores nos bastidores das redações dos jornais acrescenta em muito na produção final das matérias, principalmente, se for considerado o aspecto da densidade narrativa das reportagens. O texto é enriquecido pela abordagem mais apurada do literato, que visualiza o fato além dos acontecimentos, para apurá-lo a partir das dimensões sociais e dos aspectos humanos envolvidos.

As contribuições da literatura na esfera da cobertura jornalística revelam as características específicas da linguagem pautada na plurissignificação. A publicação apresenta-se revestida pela mesma intencionalidade de informar o leitor, com o acréscimo de possibilidades analíticas que perpassam o simples intuito da divulgação do conteúdo informativo.

Todavia, é preciso evitar os extremos de maneira que a notícia se afaste em demasia de suas bases fundamentais, qual seja, de estar ancorada na apresentação objetiva e no destaque preciso dos elementos que demonstram a sua relevância, para ser veiculada como fonte de informação. Da mesma forma, nos domínios da literatura, faz-se necessário certo comedimento para se evitar o sufocamento da liberdade criativa, pois, conforme assevera Werneck (2012, p. 3) “uma ficção excessivamente contaminada pelo jornalismo acaba sendo uma ficção rasteira, exangue, anêmica, de um realismo barato”.

No que se refere à atividade específica do jornalista, desde os séculos do Brasil colônia, passando pelo período imperial, até as primeiras décadas da República, a função foi exercida praticamente sem qualquer espaço para a atuação independente. Nesse sentido, Amélia Siegel Corrêa (2009, p.139) assevera que a imprensa brasileira do período imperial e mesmo dos primeiros

anos da República, “[...] era um foro de poder informal, vinculado ao governo e à organização partidária. Tratava-se de uma imprensa de opinião, que tinha como um de seus eixos os comentários partidários”.

A seleção e organização dos conteúdos noticiosos passava pela observação e pelas preferências pessoais do seu produtor, porém a reportagem deveria estar vinculada à defesa dos interesses governamentais e dos grupos que detinham o poder político e controlavam os instrumentos estatais para determinar a manipulação ou a divulgação dos fatos sob a ótica que era a mais conveniente para os próprios mandatários e seus apaniguados.

Mesmo sem as bases legais para o exercício pleno da liberdade de expressão, a literatura pegou carona no veículo da imprensa escrita nacional. Nelson Werneck Sodré (1999), com muita propriedade, sintetiza as diretrizes seguidas pelo jornalismo brasileiro em sua relação estreita com a literatura, principalmente em suas origens, como estratégia para conseguir a aprovação do restrito público leitor:

Os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível. [...] No inquérito organizado por Paulo Barreto, e depois reunido no volume *O Momento Literário*, uma das perguntas era esta: “O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?”, a maioria respondeu que bom, naturalmente. Félix Pacheco esclareceu, com exatidão: “Toda a melhor literatura brasileira dos últimos trinta e cinco anos fez escala pela imprensa”. Medeiros de Albuquerque viu outros aspectos da questão: “É certo que a necessidade de ganhar a vida em misteres subalternos de imprensa (sobretudo o que se chama a ‘cozinha’ dos jornais; a fabricação rápida de notícias vulgares”, misteres que tomem muito tempo, pode impedir que os homens de certo valor deixem as obras de mérito. Mas isto lhes sucederia se adotassem qualquer outro emprego na administração, no comércio, na indústria. (SODRÉ, 1999, p.292)

Com o passar dos tempos, mesmo sem se desvincular totalmente dos laços ideológicos impostos pela elite política e econômica, em especial no final da primeira metade do século XX, para se firmar como meio de comunicação social portador da informação, o jornalismo primou pela objetividade de suas publicações, revelando, pelo menos aparentemente, compromisso ético de transmitir os fatos reais, margeando sempre a idealização utópica da

imparcialidade.

Para tanto, foi estabelecido um roteiro padronizado para formatar a narrativa jornalística, destacando os dados elementares da notícia, no tempo e no espaço. Por meio dessa técnica, sem muito esforço, o leitor consegue absorver o conteúdo com rápidas passadas de olhos.

Essa orientação padronizada disseminou-se pelas redações dos jornais, com a finalidade de apresentar a informação sob o invólucro da seriedade, do compromisso com a imparcialidade, tal qual reconhece Juarez Bahia (1990):

Com o duplo papel que desempenha na sociedade moderna – como veículo de notícias e de opinião -, o jornalismo, de modo geral, não pode prescindir das responsabilidades éticas, dos deveres morais básicos que estão implícitos na natureza da comunicação social e que se exprimem pelas suas funções informativa e formativa. (BAHIA, 1990, p. 222)

O estágio atual de elaboração autônoma da matéria jornalística foi alcançado pela necessidade de sua veiculação ser acompanhada pela aura da confiabilidade. Nesse cenário, destacam-se os métodos e a linguagem própria que estabelecem as demarcações do espaço exclusivo, onde a notícia conquista a notoriedade e o reconhecimento por cumprir o papel social a ela destinado: fonte primária de informação.

Os reflexos das transformações ocorridas, sobretudo no século XX, na impressão e publicação dos jornais são apresentadas por Érica Michelline Cavalcante Neiva (2005, p. 6), a qual parte da premissa de que “A imprensa brasileira do século XIX possuía um caráter artesanal”, para elencar os fatores de maior destaque que provocaram repercussão imediata na forma e no estilo da cobertura jornalística:

As mudanças jornalísticas começaram a acontecer. O século XX esteve sob a égide de várias transformações como a divisão social do trabalho; o surgimento do rádio e a eclosão da Primeira Guerra Mundial que causaram profundas modificações na imprensa. Esta viveria um grande processo de modernização através da importação de novos equipamentos e de uma maior definição nas relações sociais de trabalho, consequências da intensificação do sistema capitalista. Essas relações se deram com a definição de três classes sociais: a

burguesia, dona dos meios-de-produção; os trabalhadores intelectuais que escreviam nos jornais e os operários que constituíam a classe proletária. (NEIVA, 2009, p. 6)

Em meio ao longo percurso percorrido pela imprensa para conquistar os mecanismos contemporâneos de proteção à liberdade de imprensa, a crônica brasileira foi se enraizando no entrelaçamento entre o jornalismo e a literatura. Na maior parte do seu histórico de publicações, sobressai-se pelo equilíbrio entre as abordagens, fundando um território próprio entre as duas linguagens como uma manifestação autônoma, que ora se parece mais com uma, ora com outra forma de tratar os fatos do mundo, real ou puramente ficcional.

De uma forma ou de outra, é importante destacar que a crônica sempre acompanhou as inquietações do contexto do qual é decorrente. Albergada nas trincheiras metafóricas pôde, em não raros momentos de autoritarismo e de governos de exceção, dizer mais do que as colunas principais do periódico tinham autorização para exprimir. Com isso, mesmo de forma subliminar, apresentou-se como elemento portador da possível crítica social.

Entretanto, no contexto jornalístico, a crônica refutou o exercício de um único papel. Isso é possível constatar desde as primeiras publicações do gênero no cenário nacional, tal qual perdura até os dias atuais, que remontam às primeiras décadas do século XIX, com o surgimento dos primeiros periódicos, chamados, à época, folhetins, conforme apontado anteriormente por Arrigucci (1987) e a seguir reiterado com maior ênfase por José Marques de Melo (1985):

É exatamente como folhetim que a crônica surge no jornalismo brasileiro. Um espaço que os jornais reservam, semanalmente, para o registro do que aconteceu no período. Sua redação é confiada a escritores (poetas ou ficcionistas). Segundo Afrânio Coutinho, o folhetim começou com Francisco Otaviano, em 1852, no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro. Ali, ele assinava o 'folhetim semanal'. Seus continuadores são José de Alencar, Manuel Antonio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia, Coelho Neto, etc. (MELO, 1985, p.113 -114)

Antes dessas publicações, no período colonial, a crônica apresentava-se como documento de registro histórico ou veículo de caráter informativo dos

atos oficiais. Posteriormente, enquanto texto autônomo inserido nos periódicos, firmou-se a ponto de ser reconhecida como um gênero com características nacionais típicas.

Por isso, em consonância com o posicionamento de Massaud Moisés (2003, p. 103), a origem da crônica é gaulesa, mas “(...) naturalizou-se brasileira, ou melhor carioca (...) tal naturalização não se processou sem profunda metamorfose, que explica o entusiasmo com que alguns estudiosos defendem a cidadania brasileira da crônica: ao menos da crônica de nossos dias”.

Embora o meio jornalístico tenha se constituído o primeiro berço a embalar a crônica brasileira, tornando-se o grande responsável pelo seu desenvolvimento e emancipação, não pode ser considerado o único e exclusivo veículo de difusão do gênero. Na atualidade, em especial, a partir do momento em que começaram a se disseminar as tecnologias da informação, conquistou outros espaços de publicação, libertando-se da exclusividade do formato impresso.

Nesse sentido, a cada dia surgem novas plataformas e interfaces on-line dedicadas à divulgação de textos produzidos exclusivamente para serem postados na internet. Essa constatação é destacada por Siebert (2014), que cita os novos canais empregados para a difusão desse gênero:

Assim, no final do século XX e início do século XXI as crônicas são adaptadas para os meios audiovisuais, publicadas em blogs, dando continuidade ao que lhe é constitutivo: permanecer em movimento, confrontando a história, o jornalismo e a literatura. [...] agora sem o descarte do papel, na perenidade do mundo digital. (SIEBERT, 2014, p. 683)

Mesmo assim, reconhecendo-se as novas implicações em termos de produção e edição, permanece intacta a premissa base de sua natureza híbrida. Se vai ser mais informativa, dando trato referencial aos fatos narrados, de forma a emoldurar o conteúdo com os contornos da veracidade, ou se limita a passear livremente pelo universo criativo compartilhado pelo autor e seus leitores, trata-se de uma escolha ao arbítrio de quem vai elaborá-la.

Nesse aspecto, o entendimento de Bender e Laurito (1999) volta-se para

a permanência das características elementares que estruturam a formatação da crônica, independente da época de sua publicação:

[...] tanto em relação ao sentido tradicional do termo quanto em relação ao sentido moderno, é que a crônica, pela sua própria origem, está sempre ligada a ideia contida no radical do termo que a designa: assim, seja um registro do passado, seja um flagrante do presente, a crônica é sempre um resgate do tempo. (BENDER e LAURITO, 1999, p. 11)

Diante de sua constituição eclética, é preciso verificar os seus limites e suas características específicas, sob pena de se alargar sobremaneira seu raio de abrangência, a ponto de se reconhecer a existência de um único gênero para o qual fluiria qualquer produção escrita congênere, eliminando as especificidades que levaram as ciências da linguagem a reconhecer e a consagrar a pluralidade das manifestações discursivas, sejam elas literárias ou não. Em meio a essa inconsistência conceitual, tudo seria crônica.

Por evidente, isso não é possível, pois haveria total confusão. Sem a delimitação teórica específica, o espaço que distingue os gêneros seria desconsiderado e, por consequência, ocorreria a desfiguração de um e de outros, unificando todos, ou ao menos aqueles que guardam semelhanças estilísticas entre si, na mesma classificação.

Por isso, destacar as peculiaridades do texto que o diferencia do conto, da fábula, do ensaio, da novela, do artigo, entre outras manifestações, permite não só a permanência da crônica, como garante a sua relevância no competitivo mercado editorial. A sua leitura não é fruto da causalidade, da desatenção do leitor que buscava outros textos. Ao contrário, quem se lança a sua procura sabe exatamente o que quer: desfrutar de um texto rápido, com as pinceladas do cotidiano, mesclado de elementos jornalísticos, com o apoio da abordagem suavizada pelos toques descompromissados da literatura.

De acordo com o posicionamento de Luiz Beltrão (1980), o leitor é direcionado por seus interesses quando vai manusear o jornal, razão pela qual opta pelo texto que não traz a informação como enfoque exclusivo:

A preferência do leitor pelas opiniões individuais, sua escassez de tempo para ler todas as matérias publicadas, levando-o a procurar aquelas seções que dissessem respeito aos seus interesses profissionais ou respondessem aos reclamos imediatos do seu espírito, juntamente com a variedade de temas que exigia pessoal habilitado em cada setor da atividade humana para atender a demanda da audiência foram motivos predominantes, econômica e socialmente falando, do retorno dos cronistas ao jornalismo. (BELTRÃO, 1980, p. 67)

Se não for essa a intenção do leitor, por certo, outros gêneros passarão a ser selecionados. A informação pura, ancorada nos detalhes específicos da notícia, estará à sua disposição em outras seções do jornal ou de outro veículo destinado a divulgação de reportagens. Entretanto, se o interesse é o texto essencialmente ficcional, pleno das marcas da criatividade e da liberdade imaginativa, também há várias opções além dos limites editoriais da crônica.

O fragmento da crônica de Artur da Távola (2001) contribui sobremaneira para a compreensão dessa temática:

A literatura do jornal. O jornalismo da literatura. É a pausa da subjetividade, ao lado da objetividade da informação do restante do jornal. Um instante de reflexão, diante da opinião peremptória do editorial. [...] É, pois, a expressão jornalístico-literária da necessidade de não desistir de ser e sentir. A crônica é o samba da literatura. (TÁVOLA *apud* SIEBERT, 2014, p.681)

Sendo assim, a distinção entre os gêneros permite o reconhecimento das características que fazem um texto específico ser reconhecido como crônica. De imediato, sobressai o trato particular da linguagem na manipulação do fato sem muita profundidade. Aliás, o fato em si, na maioria dos casos, é utilizado como elemento de conexão da intencionalidade do cronista com a finalidade a qual pretende destinar a sua produção.

Se isso não fosse assim, não haveria qualquer distinção entre o resultado do trabalho do escritor (de crônicas) e do profissional da imprensa, mesmo sabendo que a este interessa focar primordialmente os acontecimentos para traduzi-los em matéria informativa a fim de revelar a realidade tal e qual,

enquanto que para aquele, o compromisso limita-se com a própria palavra, de maneira que o seu texto se apresente como um universo próprio de possibilidades de significação.

Ao manusear o periódico, o leitor não encontra a menor dificuldade para identificar o texto produzido na encruzilhada que leva aos caminhos da notícia e da criação ficcional. Mesmo que não haja a identificação explícita da coluna, já nas primeiras palavras a leitura vai revelando as pistas de que aquelas linhas não são portadoras de uma reportagem, muito menos de um editorial ou de um artigo de opinião. Da mesma forma, percebe-se de imediato que não se trata de poesia, de fábula ou de outra produção literária.

De qualquer forma, além de identificar previamente o gênero, o leitor é movido pelo conteúdo, que é desenvolvido a partir de links com o cotidiano. Nisso, segundo Érica Michelline Cavalcante Neiva (2005) reside a força motivadora que atrai os olhares para o texto, marcado pelo olhar despretensioso sobre os acontecimentos:

O cronista com a sua capacidade de observar os fatos ou mesmo criá-los, reinterpretando-os à sua maneira e materializando-os através do jornal, oferece ao leitor um texto com enormes possibilidades. Esse leitor poderá construir vários significados para o texto que chega às suas mãos e, certamente, terá sua sensibilidade atingida por algo que a crônica diz ou mesmo pela capacidade que ela tem de remetê-lo a outros fatos da vida. (NEIVA, 2005, p. 14)

Com isso, observa-se que o campo interseccional envolvido no processo de escritura da crônica, não elimina as características nem ocupa as áreas próprias dos gêneros que lhe deram as bases para sua elaboração. Até porque o espaço reservado à crônica no jornal ou em qualquer outro veículo de informação sempre foi limitado, não apenas pelas dimensões de sua formatação da página. A restrição se dá principalmente em termos de gênero, de estilo e de linguagem.

Todavia, pelas características próprias da composição, é possível que se encontre em seu bojo, um pouco de tudo aquilo que faz parte das mais variadas linhas da atuação jornalística e literária ao mesmo tempo, fazendo da crônica um gênero-síntese, que se estabelece pelo acolhimento de contribuições

oriundas de uma ampla gama de vertentes discursivas. Dessa junção colaborativa, origina-se a linguagem diferenciada, empregada pelo cronista para tecer suas observações sobre o mundo, em especial, com o olhar dirigido para as minúcias, para os detalhes específicos, que por vezes seriam irrelevantes para os outros gêneros.

Nesse aspecto, Marques (2009) reitera que a palavra é o ponto comum, o entroncamento, sem, contudo, que ocorra o apagamento da linguagem e das características específicas de cada gênero:

Assim, as numerosas relações e interinfluências existentes entre literatura e jornalismo vão acontecer nessa zona de sombra ou nessa área de convergência, entre atrito e tensões, tendo como instrumento comum a palavra e suas estratégias discursivas verbais, contudo com especificidades tanto da linguagem literária quanto da jornalística. (MARQUES, 2009, p.13)

Seja pelo estilo, pela opção da temática ou pela fluidez textual, sua marca principal é oriunda da capacidade metalinguística de auto explicar-se em seus próprios limites, sem precisar de outros parâmetros para apresentar-se como proposta textual. Quem a lê, portanto, sabe de antemão o que terá diante dos olhos e o que fará após visitá-la parcialmente ou até o fim, por meio da leitura atenta ou com o suave passear dos olhos.

Isso permite que cada um possa dar encaminhamento diferenciado ao conteúdo que absorveu de suas linhas. Da simples catarse, passando pelo relaxamento em meio às agitações cotidianas, até a análise contida dos problemas sociais que entornam a realidade, tudo é possível advir da superfície textual ou das possibilidades subliminares de compreensão implícitas nos subentendidos das linhas aparentemente descompromissadas.

Dessa forma, embora seja produto eclético, evidencia-se a existência autônoma da crônica. Não invade e nem substitui as outras manifestações textuais. Nem elimina as características próprias de cada vertente. Nem o jornalismo é afetado em sua natureza basilar ancorada no texto informativo, muito menos a literatura sofre qualquer ameaça de ser considerada simples material utilitário, por emprestar suas técnicas de elaboração em prosa ou em verso para que o cronista aprimore sua escrita.

Assim, a crônica não se debate diante de seu papel de texto coadjuvante, sem grandes expectativas de preencher espaços de outros gêneros produzidos para satisfazer as necessidades de quem procura maior densidade literária ou analítica da realidade, tal qual discorre Flora Cristina Bender (1993):

Dir-se-ia que a crônica, como um gênero de rodapé, ajuda o 'homem rodapé', não o general ou o presidente; para esses existem os maquiáveis, os estrategistas, os constituintes. A crônica existe para o mísero mortal, ou seja, para nós, homens menores, e isso é bom, pois desperta a humanidade que há em nós e que as misérias do mundo tentam adormecer, matar talvez. O leitor se dignifica, ao perceber, nas grandes crônicas, o pequeno se eternizar, o prosaico transcender. (BENDER, 1993, p.45)

De seu lado, o periódico, de natureza jornalística, não vê a sua credibilidade ser posta à prova porque traz em seu bojo a publicação de um texto que notadamente desvirtua-se da função precípua de informar seu público leitor. Tanto isso é real, que é possível constatar o grande volume de crônicas que são publicadas, nos mais diferentes cadernos editoriais, destacando assuntos de todos os ramos que compõe o cotidiano da sociedade.

Isso demonstra que a reportagem específica, as notas informativas, os comentários e as digressões de cunho meramente jornalísticos são identificadas e lidas a partir das suas funções próprias. O leitor seleciona as matérias obedecendo seus interesses de se inteirar a respeito dos acontecimentos que mereceram trato noticioso. A informação que sobressai dessas colunas será devidamente processada enquanto matéria de relevância para os destinos da sociedade, a qual é a protagonista do conteúdo trazido ao público pelas páginas do respectivo instrumento de comunicação social.

Pode haver inclusive similaridade entre o assunto abordado na crônica e o foco central das notícias publicadas em determinado dia, sem que haja possibilidade de se confundir os textos, a começar pelo tratamento que é dado em cada abordagem. Os objetivos que impulsionam o cronista e o jornalista frente ao fato jamais podem ser olvidados. Ao cotejar esses interesses, mesmo sem a identificação explícita da coluna ou do título "crônica", o texto revela-se

automaticamente, sem qualquer medida para confundir o leitor.

Da mesma forma a produção jornalística não deixa margem para ser reconhecida de outra maneira. As características da linguagem apresentam de forma clara a intencionalidade imanente àquela publicação. A busca pela informação, pela atualização, pelo esclarecimento, em meio a outras possibilidades oriundas do universo da comunicação social, irá nortear os olhos para a leitura pretendida, posto que, nesse caso, exclui-se, ao menos momentaneamente, as marcas explícitas da subjetividade.

Assim, emerge outra característica distintiva entre os gêneros em destaque: o envolvimento pessoal do autor com a matéria que produz. Mesmo nas redações jornalísticas formatadas nos estilos mais inovadores, guinados pelas técnicas e pela linguagem peculiar do *New Journalism*, não é permitido ao redator da informação divagar ou manipular livremente o fato noticiado, ainda que se aceite as marcas pessoais na abordagem da notícia. Isso porque a matéria nasceria deformada, do ponto de vista da finalidade a que será destinada ao ser publicada.

Essa informação padeceria por faltar-lhe as bases da estrutura que irão elevar-lhe, perante a avaliação social, à condição de verdadeira, em razão de que a linguagem empregada, estruturada por meio do tratamento jornalístico, deve se amoldar perfeitamente aos fatos que se tornaram o principal objeto de seu registro.

Embora os textos objetos da pesquisa não advenham de veículos de comunicação pós-modernos ou contemporâneos, o apanhado teórico-conceitual com menção à atualidade mostrou a permanente relação dialógica entre as duas áreas da linguagem em foco, a despeito das complexidades resultantes do processo de evolução científico-tecnológica.

Após pinçar os principais pontos de confluência entre jornalismo e literatura, ao lado das especificidades e dos aspectos particulares que os mantêm em áreas distintas, o próximo passo será dedicado ao resgate da trajetória da imprensa escrita curitibana, com o objetivo de visualizar, em linhas gerais e no tocante apenas do contexto da publicação periódica, os encadeamentos históricos dos quais decorreu a fundação do jornal *O Olho da Rua*.

3 A IMPRENSA EM CURITIBA: DO PRIMEIRO PERIÓDICO À EDIÇÃO DE O OLHO DA RUA.

“O jornalismo contribuiu para formar a realidade que lhe convém. Os dados que nos faltam aos cidadãos são tantos que as pessoas tendem a desinteressar-se do esforço para compreender o mundo em que vivem.”

(José Saramago)

O final do Século XIX e o início do Século XX foram marcados, em todas as regiões do país, pelas transformações sociais, econômicas e políticas conduzidas pelas novas descobertas e avanços na ciência, na tecnologia, na indústria, entre outros setores impulsionados pelas inovações. Influenciado pelo clima extasiante da belle époque europeia, foi sobretudo no meio urbano que essa onda de progresso se tornou mais evidente com a descoberta da energia elétrica e a invenção do telefone, do cinema, do automóvel, e de vários outros elementos modernizadores.

Na capital do Paraná, não foi diferente. As mudanças na administração pública implementadas pela nova forma de governo, a República, passaram a ser divulgadas na imprensa local como vetores do progresso, da urbanização e do desenvolvimento social. Nas ruas de Curitiba, a promessa corrente no discurso republicano dava conta de uma nova realidade, responsável por demarcar de vez o passado com suas precariedades, frente ao futuro que se forjava a partir das novas medidas, que seriam capazes, ao menos a nível discursivo, de conduzir o país ao patamar das nações desenvolvidas.

Nesse momento histórico, o projeto de urbanização da cidade trouxe outro dimensionamento ao convívio social. A indústria nascente oferecia oportunidades de desenvolvimento econômico até então muito distante de uma sociedade que se ancorava unicamente na vocação agrícola para dar conta de suas demandas

No bojo da eclosão da nova realidade, foram estabelecidos paradigmas culturais que alteraram o jeito de se viver, principalmente, nas áreas urbanizadas. Os comportamentos e os costumes se realinharam, com a fixação

de novos parâmetros sociais inspirados pelos ideais de modernização. O registro de Fernando Antonio Novais (1998, p. 514) sobre essa fase efervescente, demonstra que “nenhuma impressão marcou mais fortemente as gerações que viviam entre o final do século XIX e o início do XX do que a mudança vertiginosa dos cenários e dos comportamentos [...]”.

Em Curitiba, cenário principal desta pesquisa, as máquinas portadoras do progresso, além de abrir caminho para as mudanças paisagísticas e para as reformas urbanas, trouxeram também outras manifestações culturais fomentadas pelo cinema, pelo teatro e pelos espetáculos promovidos nos clubes e nas sociedades culturais e recreativas, estabelecendo padrões inusitados para a, até então, cidade de poucas vozes.

Simone Rosa Vaz (2004) apresenta uma síntese bastante apropriada sobre a nova realidade que começava a ganhar as ruas de Curitiba:

[...] O quadro urbano se expandia, ruas são abertas e edifícios tomam novas feições. Na área destinada ao lazer dos paranaenses, o teatro fazia grande sucesso, mas sofria a dura competição dos primeiros cinemas, dos parques e praças construídos para a diversão e o descanso da população curitibana. Na Rua XV, abriam-se várias lojas que apresentavam aos curitibanos desde calçados, armarinhos, confecções, tecidos...

Inauguram-se também, cafés reservados as discussões intelectuais. Curitiba crescentemente oferecia condições para uma vida social e cultural sofisticada.

Portanto, a vida social na cidade de Curitiba vai se intensificar com os novos estabelecimentos criados especialmente para o convívio e para o lazer da população paranaense.

Locais derivados da necessidade de modernização. A modernização da capital paranaense não ocorre apenas na nova distribuição dos espaços privados, mas sim, no aperfeiçoamento dos locais públicos, que se transformam em visíveis áreas de lazer. Representam os reflexos de uma sociedade industrial em que se opõem lazer e trabalho. Curitiba se orna na construção de teatros, de cinemas, abertura de parques e de clubes e associações. (VAZ, 2004, p. 5)

Em meio a esse quadro de revitalização das perspectivas urbanas, culturais e sociais, a imprensa desempenhava o papel de porta-voz da modernidade com a propagação das novas tendências.

Osvaldo Pilotto (1976) registra que a imprensa no Paraná deve sua instalação à iniciativa de Zacarias de Góis de Vasconcelos, primeiro presidente da província, que convidou Cândido Martins Lopes para instalar em Curitiba sua

oficina tipográfica, a qual, até aquele momento, funcionava em Niterói.

Com isso, surgiu, em 01/04/1854, *O Dezenove de Dezembro* cujo título homenageava a data de emancipação política da província. Jornal com periodicidade semanal regular, edição e produção na própria província, apresentando o relato noticioso sobre os acontecimentos da capital e do interior paranaense, bem como os atos oficiais do governo. A circulação diária do periódico iniciou-se em 11/01/1854.



Figura 1 Capa da 1ª Edição de *O Dezenove de Dezembro*

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=171425&pasta=ano%20185&pesq=Acesso em 03 de novembro de 2015>.

Até 1857, o *Dezenove de Dezembro* circulou sem concorrência. A partir de setembro desse ano, passou a ser editado *O Jasmim*, jornal de pequeno porte, com foco literário e entretenimento. Em 1860, foi a vez de *O Mascarado*, jornal crítico, impresso em tiras com cores diferentes. No ano seguinte, veio a público *O Clarim* e *O Constitucional*.

A imprensa curitibana ampliava sua influência a cada periódico que entrava em circulação. As iniciativas editoriais alavancavam-se, encontrando no público leitor o terreno fértil para semear os debates e as discussões de interesse da capital e do novo estado da federação. Nessa trajetória inicial dos periódicos curitibanos, um fato que merece destaque, nas palavras de Pilotto (1976), é a fundação da *Imprensa Livre*, em 1867:

Ponto marcante na imprensa curitibana foi, em 1967, o aparecimento da "Imprensa Livre", pois os seus orientadores deram sentido novo ao periodismo de nossa terra. Eram eles Sérgio Francisco de Souza Castro e João José Pedrosa, que propunham em seu programa: "A Imprensa, a nosso ver, mente a sua missão, todas as vezes que se limita ao ridículo papel de instrumento eleitoral. A Imprensa, para nós tem um fim mais nobre a preencher: Acorçoar os melhoramentos do paíz¹. Promover a realização prática das medidas e instruções que a necessidade exija. Louvar os esforços do poder que encaminha a situação para a justiça e o progresso, estigmatizando-o sem o menor receio, quando apartado desse caminho, para seguir cegamente os impulsos de paixões partidárias, eis o que lhe incumbe". (PILOTTO, 1976, p. 9)

Na sequência, foram editados *A Fênix*, em 1866, e *O Paraná* e *A Reforma*, em 1871. Dois anos mais tarde, foi a vez de *A Iris Paranaense*, apresentar-se como folha literária, agrícola, comercial e noticiosa. Concomitantemente, começaram a ser editados diversos periódicos no litoral e no interior do estado, fato que ampliou e acelerou a divulgação de matérias jornalísticas e literárias com a publicação de contribuições de escritores da província.

Os anos que se seguiram viram florescer vários projetos editoriais.

¹ Foi mantida a ortografia original.

Apenas entre 1882 e 1883, foram criados dez novos periódicos em Curitiba, entre os quais: *Pássaro Azul*, *O Imparcial* e *Jornal do Comércio*. Entre os jornais editados em 1885, destaca-se o *Eco Paranaense*, que, conforme salienta Piloto (1976, p. 15 e 16) “tem destaque na história da imprensa, por ser redigido em português e alemão, propondo-se a cuidar do problema da imigração”. A edição do jornal bilíngue estimulou a criação de outros periódicos em alemão, como é o caso do *Der Beobachter*, em 1889, que foi o mais expressivo entre eles.

Nos anos que antecederam a Proclamação da República, surgiram vários outros jornais. Na esteira dos ideais republicanos, em 1886, destacou-se *A República*. No mesmo mês da Proclamação, novembro de 1889, é editado o primeiro jornal a iniciar suas atividades no período republicano: o *Quinze de Novembro*.

O ano de 1890 marcou o surgimento da revista *Club Curitibano*, que tinha por objetivo divulgar a produção literária dos sócios do clube. Entre seus membros, destacam-se Emiliano Pernetta, Júlio Pernetta e Dário Velozo. Nesse periódico, divulgavam-se com fervor as tendências e diretrizes da Escola Simbolista, vertente que se espalharia por outras publicações, como é o caso da Revista *O Olho da Rua*, da qual as crônicas, objeto desta pesquisa, serão analisadas.

A nova década motivou também a publicação de diversos periódicos espiritualistas. Entretanto, o jornalismo atrelado aos eventos políticos continuava a dar a tônica com a edição do *O Guarany*, em 1891, e *A Federação*, em 1892. Neste ano, são inaugurados também o *Folha Nova* e a *Revista Azul*, além de se destacarem três publicações em língua estrangeira, seguindo as principais correntes imigratórias: *Deutsche Post*, *L'Italia* e *Gazeta Polska*.

De 1894 a 1898, passam a circular o *Recreio Familiar*, *Correio do Paraná*, *A Pátria*, *O Cenáculo*, *A Arte*, *Correio Municipal*, *Estado do Paraná*, *Cidade de Curitiba*, entre outros. A década avançou, proporcionando grande movimentação nos bastidores da notícia e das artes. Só entre 1897 e 1898, foram editados apenas em Curitiba trinta novos periódicos, destacando-se, nesse período, a *Ordem*, *O Farol*, *Jornal do Comércio* e os literários a *A Penna* e *O Sapo*. Em 1899, a criação de novos jornais continuou acelerada, registrando-se mais dez novos títulos em circulação, com destaque para o *Diário da Tarde*.

O primeiro decênio do século XX não manteve o mesmo ritmo de

publicação. Mesmo assim, estrearam *Electra*, *Acácia*, *O Azorrague*, entre outras folhas de linha editorial noticiosa, religiosa, médica e educacional.

Por fim, nos limites do interesse deste breve inventário, em 1907, passa a ser publicado o *Olho da Rua*.

Esse periódico circulou quinzenalmente em Curitiba e região. Caracterizado como revista composta de 28 a 30 páginas, organizava-se em seções que traziam artigos, reportagens, crônicas, material publicitário, textos literários, e ilustrações. Teve sua circulação restrita ao período de 1907 a 1911. Contava com a tiragem inicial de 2000 encadernações, número que dobrou da segunda edição em diante. O projeto editorial e a diagramação expressavam a tendência da *art nouveau* e da *belle époque*.

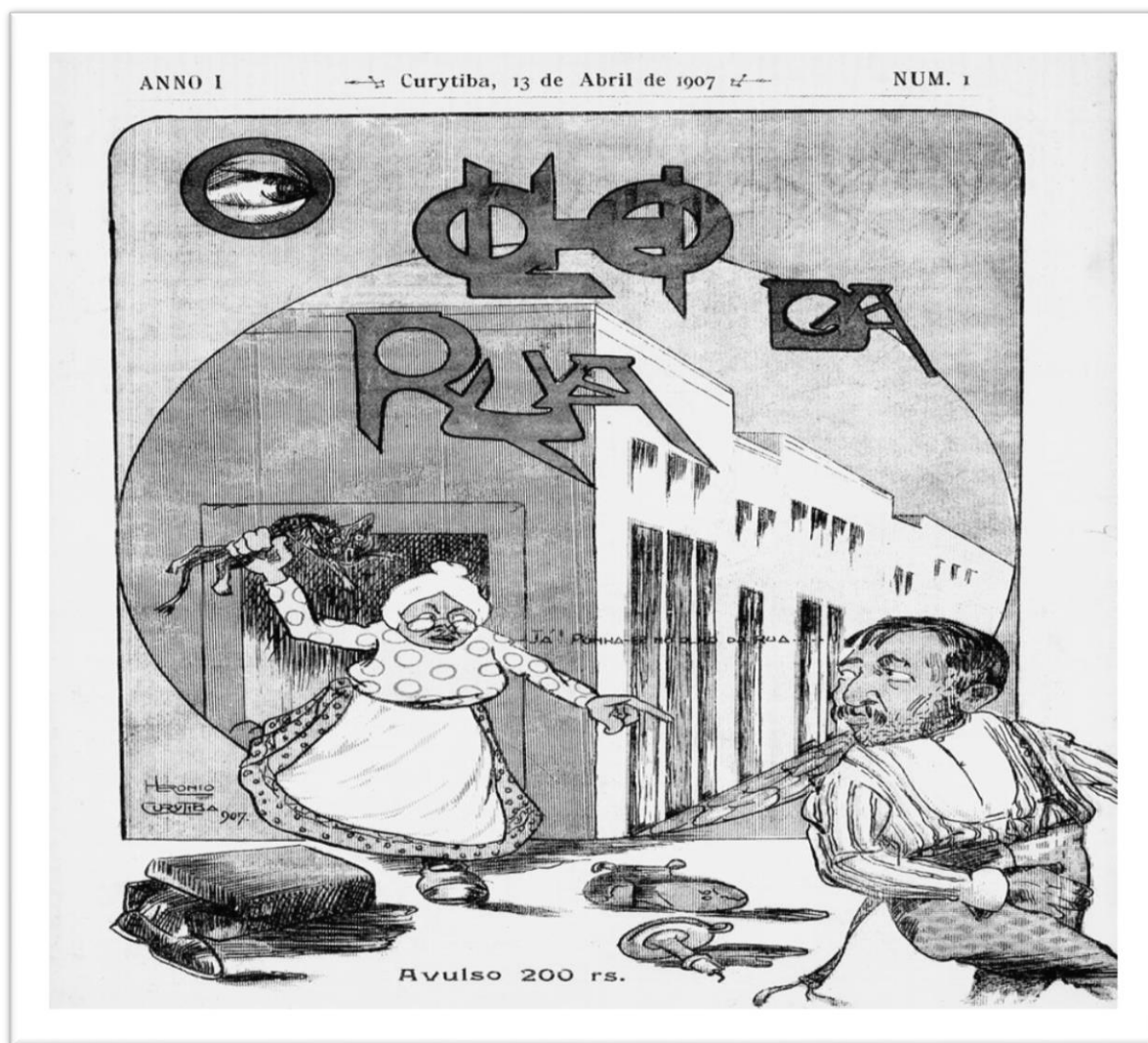


Figura 2 Capa da 1ª Edição do “Olho da Rua”

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=240818&pesq=chonica%20d>

Acesso em 25 de agosto de 2015.

Nas palavras de Pilotto (1976), a publicação, um misto de jornal e revista, apresenta-se como “periódico humorístico, crítico e ilustrado”. Era um impresso:

Fartamente ilustrado, além de críticas, charges buliçosas com a política regional, reuniu, na sequência de sua publicação boas produções literárias, artísticas e musicais. A secção de letras caricaturada apresentou os já consagrados poetas de então. Igualmente os musicistas tiveram seus trabalhos aí reproduzidos. (PILOTTO, 1976, p. 34)

O novo jornal apresentava de forma eloquente a proposta de se distinguir dos outros veículos do mesmo gênero. Pautava-se em projeto editorial inovador, na medida que não se definia como um jornal ancorado nos extremos. Isso é possível perceber na manifestação consignada nas páginas de abertura, em abril de 1907. Conforme registra Vaz (2004, p. 13), a linha de orientação do jornal propunha-se que não fosse impresso:

[...]com rutilâncias de lantejoulas e malacachetas, fazendo solenes promessas: não queremos ficar sujeitos a voto algum, a rota nenhuma que norteie nossos atos. Não vimos combater moinhos de vento, nem acender bombas de escândalo.² (VAZ 2004, p. 13)

Destaca-se em suas sucessivas edições a preocupação com a diversidade, permeada pela conotação humorística que emoldura as matérias e, em especial, as crônicas. Além das publicações tradicionais, o jornal contava com a participação de escritores engajados no Simbolismo, que agraciavam os leitores com textos e poemas. Entre seus colaboradores, destacam-se Emiliano Pernetta, Junior, Domingos Nascimento, Julio Pernetta, Gilberto Beltrão, Ildfonso do Serro Azul, Roberto Faria, Miranda Rosa Junior, Rodrigo Junior,

² Na transcrição de fragmentos de reportagens e de crônicas, do Jornal “O Olho da Rua”, e de outros textos da época, a ortografia será atualizada, mantendo-se o léxico e a pontuação originais.

Jansen de Capistrano e José Gelbke.

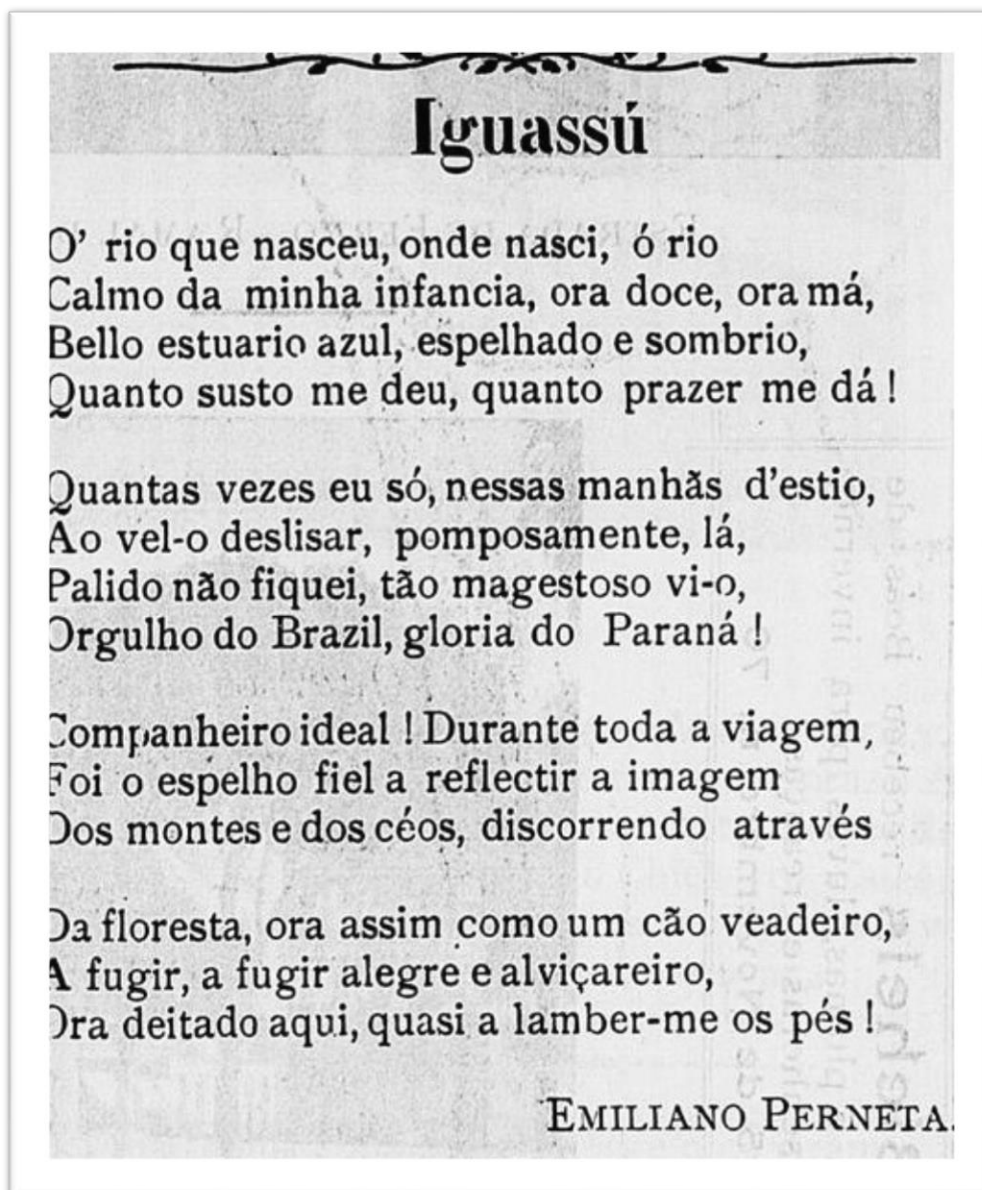


Figura 3 – Colaboração de Emiliano Pernetá, poema sobre o Rio Iguazu, homenagem ao Paraná.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=240818&PagFis=0&Pesq=>

Acesso em 29 de outubro de 2015.

Ao lado da literatura, a música constituía-se em outra vertente cultural bastante prestigiada. Em cada edição, partituras musicais, fruto da composição

de artistas paranaenses, estampavam nas folhas da revista.

Os eventos culturais eram apresentados com tom elogioso ou crítico, conforme a repercussão e a avaliação do representante do jornal que foi destacado para acompanhar o acontecimento. Nesse rol, conquistaram espaço nas matérias e nas crônicas os bailes de gala, as reuniões e jantares sociais, as apresentações artísticas, musicais, danças, teatro e os lançamentos nos cinemas. Entre os locais das apresentações, sobressaíam-se o Guayra, o Orpheon Paranaense, o Colyseu, o Éden e o Club Coritibano.

As mulheres, por sua vez, também tinham seu espaço garantido, seja nas campanhas publicitárias dirigidas ao público feminino, seja na seção própria intitulada “Álbum das moças”.

Diante da diversidade temática e da linha editorial crítica, Angela Brandão (1994) apresenta com precisão uma síntese voltada para os aspectos que caracterizaram a circulação do jornal em apreço:

Periódico curioso O Olho da Rua. Criada e levada adiante por um grupo de jovens intelectuais provincianos, a revista publicava ácidas críticas políticas e sociais, sempre com um humor às vezes infame, às vezes inocente e algumas vezes timidamente obscuro. Através do riso chegava a inverter certas ordens e valores, desmascarando um pouco as hipocrisias sociais da época e da cidade. Trazia ainda algumas intenções literárias, crônicas em forma de poema, etc., estilo revelação de talentos. O que mais chama a atenção, aqui, é a presença de fotografias e charges humorísticas-desenhos feitos às pressas, reduzidos aos traços principais, com um certo realismo muitas vezes grosseiro. (BRANDÃO, 1994, p. 46)

Muito embora o jornal tenha expressamente consignado sua independência quanto à filiação e enquadramento partidário, no que tange à orientação político-ideológica, evidencia-se estar vinculado aos princípios republicanos, a defesa dos direitos e das garantias constitucionais, com ênfase para a liberdade individual, ao lado do nítido posicionamento anticlericalista. Essa constatação encontra ressonância nas palavras de Vaz (2004):

[...] um grupo de escritores que tinha em comum seu amor pela arte e seu anticlericalismo ferrenho (o anticlericalismo do Olho assume, portanto, o papel de afirmação da liberdade individual, do patriotismo e

dos ideais republicanos), características expressadas em cada um dos números d' *O Olho*, deixou suas impressões sobre inúmeros assuntos. Esses escritores manifestavam, simultaneamente, uma complexa rede de representações do espaço urbano que podem tornar mais fácil compreendermos escritores e espaço. Eles, ao menos em seus textos, entregavam-se e integravam o espaço de sociabilidade que os circundava de modo avassalador, perscrutando-o e construindo-o. O Olho da Rua chama a atenção pela profusão de opiniões transmitidas e assuntos abordados. A partir de suas páginas pode-se ambientar a vida social paranaense do início do século XX. (VAZ, 2004, p. 20)

Em meio às diversas seções, encontrava-se a coluna dedicada à “Crônica da Rua”. Seus recortes tinham por preocupação apresentar observações sobre os acontecimentos sociais, os eventos culturais, os desencontros e as articulações políticas, as novidades no âmbito da urbanização da capital, sem deixar de lado a crítica e o relato das mazelas sociais, em meio a outros registros captados pelo olhar perscrutador do cronista provinciano.

Nessas crônicas, conforme se observará na análise a seguir, reverberavam os ecos da cidade que se transformava de vilarejo pouco expressivo para o centro cultural e político, enquanto capital do estado. O comportamento e os costumes dos seus protagonistas, o povo curitibano, não passaram despercebidos pelas linhas escritas a partir das sugestões sussurradas pelo ir e vir das ruas centrais, imersas na precariedade. Mesmo assim, orgulhosas por exercerem o papel de passarelas, por onde desfilavam as novidades e as inquietações daqueles dias alicerçados nas possibilidades do progresso.

3.1 Aspectos da Cidade na Perspectiva da “Crônica da Rua”.

O escritor engajado, sabe que a palavra é ação: ele sabe que desvelar é mudar e que não se pode desvelar a não ser projetando mudar” .

(Sartre)

No período de circulação de *O Olho da Rua*, a coluna dedicada à “Crônica da Rua” é a única que foi publicada com regularidade do início ao final do projeto editorial. O título que caracterizaria essas crônicas, na verdade, aparece a partir da segunda edição, embora na primeira, o texto de abertura intitulado apenas com o nome da publicação e dedicado a fazer a apresentação da nova revista, não deixe dúvida de que ali, a partir daquelas palavras inaugurais, demarcava-se o espaço dedicado ao texto mais longo.

No mesmo espaço, contudo, na edição número 13, de 12/10/1907, Ano I, foi publicada a costumeira crônica com outro título: “Do Mirante”. Trata-se de um texto sobre o clima ríspido do inverno curitibano que estava se despedindo para abrir espaço aos dias luminosos e floridos da primavera. Para extrair apenas uma pequena amostra, em duas linhas centrais, pode-se ver o cronista reconhecer: “[...] São medonhos os dias hibernais... Mas felizmente, ei-los que já se vão...”.

A “Crônica da Rua”, embora fosse a coluna de abertura de cada edição, normalmente depois das páginas iniciais ilustradas por charges, fotos e anúncios publicitários, não era a única crônica publicada. No decorrer dos anos que circulou, entre as matérias, jornalísticas e literárias, foram publicadas entre outras colunas: Crônica Política, Crônica Artística, Crônica Elegante e Crônica dos Salões.

Pelo próprio título, não há dificuldade em perceber que cada uma dessas seções tratava de uma temática específica, seja para retratar os acontecimentos culturais e sociais ligados ao assunto ou para a publicação de mensagens, informações, comentários e análises. Essas crônicas apareceram em edições esparsas, conforme os assuntos ganhavam destaque para merecer, ao juízo do cronista, o registro nas páginas do vigilante “Olho”. Sendo assim, a principal distinção, em termos editoriais, encontra-se no fato de que não foram publicadas de maneira contínua e regular, tal qual ocorreu com as crônicas da rua.

Em outra instância, enquanto as crônicas secundárias restringiam-se ao tema do qual eram incumbidas, as crônicas da rua, por seu turno, não eram subordinadas a um único direcionamento. Foram escritas com amparo na ampla liberdade para abordar a realidade em todos os seus aspectos e assuntos.

Nesse sentido, constituíam-se numa espécie de farol móvel e giratório, com o alcance nos trezentos e sessenta graus do cenário onde a sociedade

curitibana do início do século XX, ávida pelas transformações prometidas pelo progresso, fazia a vida acontecer.

Por ser assim, as crônicas, na maioria das edições, resultavam numa composição com o registro de vários temas num mesmo texto, separados por pequenas marcas gráficas. Era comum tratar dos acontecimentos que produziram burburinhos na sociedade nos dias anteriores. Compartilhavam o mesmo espaço notas políticas, culturais, artísticas e sociais, em meio ao tom satírico e humorístico, permeado sempre pela crítica aos costumes, comportamentos, carências, vícios, erros e inércias do poder público. Geralmente, o comentário mais ácido direcionava-se para a denúncia das mazelas políticas, entre outros apontamentos inspirados nos diálogos travados nas esquinas, nas cenas flagradas nas praças e nos locais públicos.

Já na primeira edição, observa-se o anseio pela dinamicidade que deveria conduzir o cronista ao registrar a sua contribuição. Sem a preocupação exclusiva com o jornalismo estrito, com ênfase na publicação da notícia ancorada na realidade, a publicação que ora se iniciava, mostrava-se eclética, artística e literária. O escritor, vinculado diretamente com os interesses da sociedade, precisava estar aberto a todos os estilos e tendências.



Figura 4 Diagramação do Título da Crônica da 2ª edição, Ano I.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=240818&pesq=chonica%20d>

Acesso em 27 de agosto de 2015.

A partir dessa premissa, os cronistas focaram seus olhares para a cidade, dando forma, em cada edição, aos fatos sociais e ao barulho das ruas. A cidade, com seu povo, suas limitações, seus problemas sociais, seus desafios

políticos, suas tendências culturais, foi sendo refletida em cada novo número que vinha às mãos de seus assinantes, a cada quinze dias, intervalo que perdurou até o mês de setembro de 1909. Depois, passou a ser semanal.

Em cada crônica, o cotidiano é evocado. Esse material permite que se reconstitua, se não em sua totalidade ao menos em boa medida, o modo de vida que marcou aquela época. É evidente que há outros documentos apropriados para o estudo da formação social e cultural de Curitiba do mesmo período.

Entretanto, nada como a crônica para captar os flagrantes diários da vida em sociedade. Com relação à pertinência desse gênero que apresenta estreitas ligações com o cotidiano, é importante registrar o questionamento “antológico” feito por Margarida de Souza Neves (1995, p. 25), compilado por Simon (2011), “Em que outro documento será possível encontrar o cotidiano monumentalizado como na crônica?”.

Ainda, no necessário exercício prévio para se embrenhar nos textos da época, no que tange ao cotidiano enquanto pano de fundo da crônica, apesar da distância secular, revela-se apropriado o apoio de Soares (2014, p. 237) que colecionou as palavras de João Ubaldo Ribeiro, extraídas da crônica publicada no *Jornal O Globo*, em 23/10/2011, por serem muito elucidativas quanto ao tema em apreciação: “[...] nada impede que se escreva algo inteiramente fantasioso ou delirante, mas o habitual é que o artigo ou a crônica seja suscitado pelo cotidiano, alguma coisa que esteja acontecendo ou despertando interesse”.

Os excertos que serão objeto de estudo comprovam que os cronistas, mesmo sem a pretensão declarada ou de forma indireta, contribuíram para tornar monumentais os instantes pinçados do convívio social e graficamente materializados na principal coluna do periódico. Da mesma forma, separados por longas décadas do consagrado escritor baiano evocado acima, os escritores da rua anteciparam na então quase sem brilho capital paranaense, a técnica de escrever com os olhos voltados para aquilo que acontecia e despertava interesse.

As cenas que se constituíram no repertório do atento autor provinciano de outrora tiveram vinculação direta com os fatos. Quando se exigia que as palavras fossem portadoras de críticas, o olhar era penetrante, revelador dos pequenos detalhes resgatados dos ambientes privados ou públicos, inclusive, daqueles que se mostravam contrários ao bem-estar social. Nesse ponto,

debatia-se o cronista:

É deveras melindrosa a situação de um cronista, quando ele lança o olhar em torno e descortina a aridez dos fatos. (OLHO DA RUA, ANO I – 26/10/1907 – NUM. 14)

De imediato, verifica-se que as crônicas são fruto da observação do entorno, da realidade próxima, tarefa considerada “melindrosa”. A leitura desse material expõe, sem maiores obstáculos de compreensão, que a matéria prima por excelência era extraída das poeirentas ruas. De uma hora para outra, ao sabor das condições climáticas, as mesmas passavam por metamorfose sofrível, sendo revestidas por espessa camada de lama.

Diante disso, em qualquer ocasião, até mesmo na falta de assuntos, figuravam as sempre sujas e doentias vias urbanas da Curitiba daqueles anos que abriam passagem para o bonde elétrico e o automóvel.

Sobre essa situação que antagonizava poeira e lama, são várias passagens. Muitas delas, carregam as marcas da hilaridade, sem deixar de transmitir a mensagem da insatisfação. Isso tudo expresso por meio de frases de efeito, concisas, porém plenas de significação que se expandia ao fazer eco no contexto social e político da época. O registro abaixo é elucidativo:

Bendita a lama que por estes dias últimos tem tapetado as ruas da cidade em formidáveis camadas peganhentas. Eu digo bendita porque as damas gostam imenso de arrepanhar as saias, por luxo mais do que por asseio, e, ainda mais do que por isso, para a exibição da perninha roliça. (OLHO DA RUA, ANO I – 08/06/1907 – NUM. 5)

Nessa passagem, o cronista, segundo Machado de Assis “um escriba de coisas miúdas”³, encontra uma razão pessoal, compartilhada com o público masculino, para saudar a lama. Na base da brincadeira, o relato é suavizado para enfatizar o “lado positivo” do mau tempo: mesmo com os imensos transtornos que proporcionava, a lama permitia a exibição em plena rua da

³ Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, Tipografia da Gazeta de Notícias, 28 de agosto de 1892.

“perninha roliça” das damas curitibanas.

Abordagens como essa, embora fossem carregadas de humor e não revelassem diretamente o verdadeiro intento, tinham por finalidade reivindicar maior atenção dos governantes para o asseio dos espaços públicos e para a necessidade de melhorias na infraestrutura urbana. A seleção lexical a partir do termo “bendita” exemplifica a intencionalidade de se usar de mensagens subliminares, propagadas pelas possibilidades polissêmicas que margeiam a construção.

O tom irônico no trato das questões urbanas, na sequência das publicações, se intensificou. Falar desse assunto aliado às chuvas, que se mostraram efusivas no intervalo das edições, passou a ser corriqueiro. Nesses dias, as ruas ficavam em estado catastrófico, razão pela qual, sair de casa era sempre um desafio digno de ser registrado nas linhas do *O Olho da rua*, a exemplo do que se pode constatar nos fragmentos selecionados na sequência:

[...] Finalmente, concluímos a nossa crônica, lançando um voto de pesar pela morte dos dias esplêndidos de sol, que tivemos; - pois a chuva aí está, e com ela o tédio, o *splen* que só nós, cá do “Olho da Rua” sabemos compreender. (OLHO DA RUA, ANO I – 26/10/1907 – NUM. 14)

Nesse trecho, o cronista faz questão de demonstrar a cumplicidade estabelecida entre os editores do jornal e as condições climáticas da cidade. Com o tédio dos dias cinzentos e de nuvens carregadas, só resta lamentar pela ausência daqueles “dias esplêndidos de sol”. Aqui, a memória é evocada para lembrar que Curitiba não se resume a chuva. Não está bom, mas a compreensão genuína das variações climáticas, que emergia com exclusividade da redação, se sobressaía.

Entretanto, o tom ameno, lírico e nostálgico encontra limites. Se a chuva passa a ser sinônimo de intensificação dos problemas de mobilidade urbana, de precariedade do incipiente transporte público e de falta de cuidado com a higiene, a crônica assume o papel de porta voz da sociedade, desferindo críticas diretas à administração pública ineficiente:

É, com esses dias de água e lama que nós vemos quanto esta nossa Curitiba precisa de uma administração que cuide carinhosamente de suas necessidades. É com esses dias de lama que nós vemos o deplorável estado das ruas, algumas das quais ficam intransitáveis; é nesses dias que notamos a falta absoluta de higiene que há por aí, sentindo o nosso olfato ferido pelas pútridas exalações de bueiros e de sarjetas que são verdadeiros focos infecciosos.

É nesses dias de chuva e lama que nós vemos o quanto é mal, cediço e ronco o serviço dos bondes...

Chiii... quanta coisa iríamos enfileirando aqui se tentássemos, ainda que fosse dum simples golpe de vista, em numerar as necessidades, os defeitos, as mazelas, desta Curitiba orgulhosa e chibante nos dias em que os dourados raios de sol beijam-lhe as faces.

Deixemos pois a nossa urbes e passemos adiante. (OLHO DA RUA, ANO II – 16/05/1908 – NUM. 28)

Essa visão da cidade é corroborada por Nestor Victor (1913) que, além de testemunhar as precárias condições das ruas, também destacou a Curitiba daqueles dias tomada por animais, de anfíbios a ruminantes, com todas as consequências que essa ocupação trazia:

O coaxar penetrante e plangente daquela vasta população batráquia, desde o escurecer, a péssima iluminação pública, ainda a gás globo, os perigosos valados, em tempo de chuva, de muitos trechos da cidade, quase toda ela ainda por calçar, o mugido das vacas, às vezes em estábulos próximos, quando não andassem soltas de mistura com numerosa cavahada, tudo isso dava a Curitiba ainda feição flagrante de aldeia. (VICTOR, 1913, p. 105)

Com tantos dissabores ocasionados pelo mau tempo, a crítica tornou-se mais explícita ainda, incluindo os responsáveis pela municipalidade. Para causar impacto, o cronista usou a estratégia de apresentar a cobrança endereçada diretamente ao prefeito, sem olvidar, numa alusão sutil, da “patriótica câmara”, conclamando as lideranças políticas para a efetivação das providências necessárias e urgentes.

O relato, contundente e sem eufemismos, dispensa explicações detalhadas, falando sem ruídos, num brado que ecoa os anseios daqueles tempos em que a sociedade, para melhorar as condições urbanas, precisava de um princípio de ruas transitáveis. Para isso, contava com a engajada intervenção do

cronista que, por sua vez, transformava em mensagem gráfica as imagens captadas pelo perspicaz e sempre atento *Olho da Rua*:

E o diabo é que a gente nesta terra, quando chove ou tem de se meter em casa nos cobertores ou se arriscar a enfiar o nariz nesse lamaçal terrível. Isto por felicidade, porque não é muito difícil surucar por um buraco qualquer dos muitos que por aí existem e que a nossa patriótica câmara conserva como ratoeira aos notívagos.

[...]

Contudo temos a pedir ao sr. prefeito que passe umas vassouras de quando em quando pelo olho da rua, senão nós como proprietários temos direitos de patrões e não pediremos nada: iremos logo às do cabo mandando como quem sabe mandar. Olho vivo seu prefeito com o olho da rua, que nós estamos de olhos abertos. (OLHO DA RUA, ANO II – 31/10/1908 – NUM. 40)

Os buracos são apresentados como verdadeiras ratoeiras. Essa imagem proporciona ao pósterio leitor, habituado às comodidades da rua pavimentada, a possibilidade de retornar àqueles dias sofridos, visualizar os escorregões, os tropeços, as quedas, compras e pacotes espalhados, misturados ao “lamaçal terrível”. A situação ainda era mais complicada para os “notívagos” que precisavam desbravar o caminho sem poder contar com a luminosidade natural.

A problemática exigia que uma voz se impusesse para denunciar as mazelas. Sem titubear, o cronista assume esse papel e recobre sua intervenção com apelos emanados do exercício da cidadania. Posiciona-se respaldado na primeira pessoa do plural, em nome da coletividade, para registrar que “temos direitos de patrões e não pediremos nada”.

Todavia, em meio aos relatos danosos causados pela água lamacenta, destaca-se outro pequeno registro picaresco dos benefícios da chuva, como não podia ser diferente, na ocasião em que Curitiba se preparava para receber a visita do Presidente da República.

Nesse caso, as águas celestiais foram muito oportunas e proveitosas, garantindo a aparente assepsia à ilustre recepção, de acordo com as palavras excertas da própria crônica:

Choveu aos potes por aí.

A água, numa torrente diluviana, andou patrioticamente fazendo a limpeza pública municipal, para os festejos da recepção Presidencial. (OLHO DA RUA, ANO I – 07/09/1907 – NUM. 11)

Mais uma vez, de maneira implícita, emerge a crítica sutil em razão do descuido para com a “limpeza pública”. Se não fosse a chuva, ironicamente metamorfoseada nesse interim de vilã em providente “servidora municipal”, a visita do chefe da república e sua comitiva passaria por constrangimento maior. Típica situação de ineficácia administrativa, símbolo do imprevisto e da “ajudinha do céu”, que até hoje continua amparando em muitos momentos as atividades do poder público. Se falta planejamento e gestão eficiente, é preciso contar com o apoio da natureza ou do sobrenatural.

Como se não bastassem os castigos impostos às ruas pelos excessos pluviais, os esplêndidos dias de sol também traziam suas ameaças. Nos dias luminosos, de forma paradoxal, as vias urbanas intensificavam o risco à saúde do curitibano. A falta de higiene e de limpeza dos espaços públicos permitia a proliferação de doenças.

A Crônica da Rua apresentou essa situação, destacando o surto de varíola que se expandia, impulsionado pelo calor. Mais uma vez, aparece a ineficiência do poder público na má gestão dos recursos municipais. Para isso, de forma hilária, o cronista sugere que o cidadão se muna de materiais e vá para as ruas fazer a limpeza, devendo, por esse trabalho realizado, pagar mais um “pequenino e módico imposto”:

Uma nota desagradável paira por aí: o receio da varíola que impetuosamente grassa na capital da República e em outros Estados. E não é sem fundamento esse receio pois todos sabem que Curitiba, esta nossa Curitiba adorável nos dias de sol, é um campo magnífico para o desenvolvimento de epidemias: a higiene há muito foi banida. As ruas jazem no mais alto grão de sujidade. A nossa municipalidade como vê limpos os seus cofres julga também que a cidade está limpa... Lembra-nos um alvitre: cada cidadão válido deve empunhar uma pá e uma vassoura e mais uma carreta e as quintas-feiras ou outro qualquer dia da semana, vir para a rua e fazer uma limpeza geral pagando depois a Câmara um pequenino e módico imposto pelo uso que fez desses instrumentos de trabalho. (OLHO DA RUA, ANO II – 25/07/1908 – NUM. 33)

O fragmento é revelador do estado precário em que se encontrava a população, fruto da expansão demográfica sem a viabilização, em contrapartida, das necessárias melhorias de infraestrutura urbana. Destaque-se que o

problema não era exclusivo de Curitiba. Partia da capital da república, Rio de Janeiro, e se espalhava pelos estados da federação.

Como contribuição para a busca de medidas que o caso exigia, o cronista aponta a causa da ameaça da epidemia de varíola: a sujeira que toma conta da cidade. De forma clara, as palavras denunciam que “a higiene há muito foi banida”, posto que as ruas “jazem no mais alto grau de sujidade”. Assim a crônica ganha ares de anúncio de “utilidade pública”, apontando as causas da ameaça à saúde da população desprotegida, à mercê dos próprios cuidados.

No entanto, diante da ação desordenada e do descontrole orçamentário da fazenda municipal, resta ao sempre vigilante *Olho da Rua* evocar novamente a ironia, para criticar o ímpeto feroz do poder público em aumentar os impostos, quando se encontra em dificuldade de caixa. Mais uma vez, cabe ao cidadão suportar o peso de novos encargos fiscais, já que a “municipalidade” está com os cofres “limpos”. Situação oposta vive a cidade, imersa na sujeira e totalmente vulnerável à proliferação de surtos infecciosos.

Mesmo com todos esses problemas, contudo, Curitiba proporcionava lazer, distração, entretenimento e eventos culturais a seus moradores. A vida social agitada pelas mais diversas atrações do momento serviu também de combustível para a criatividade do cronista. Várias edições trouxeram informações, comentários, avaliações críticas e divulgações dos eventos. Em maior evidência, aparece o estreante cinema que se apresentava como uma maravilha dos novos tempos.

Um bom exemplo de registros dessa natureza encontra-se no próximo excerto. O escritor encarregado da elaboração da crônica distancia-se das agruras do cotidiano para buscar refúgio nos encantamentos da alma, proporcionados pelos espetáculos e pelas opções de lazer, de entretenimento e de conagração cultural à disposição do público curitibano. A frequência a esses espaços, revela que parcela da população deixava para trás seus trejeitos provincianos e aproximava-se dos modos típicos da cidade grande, ao menos enquanto deixava-se divagar no agradável embalo das movimentadas cenas das películas em cartaz.

[...] A companhia Santangelo também deu uma notinha para esta crônica. O espetáculo de terça-feira que constou da representação do *Mephistophelis*, esteve na verdade magnífico.

Outras várias diversões tivemos por aí, principalmente de cinematógrafos, uma meia dúzia pelo menos. Cinematógrafo no Coliseu, no Éden, no Hauer, no Museu... (OLHO DA RUA, ANO II – 04/04/1908 – NUM. 25)

As sessões de cinema de então, exibidas nos cinematógrafos, são destacadas pela capacidade de encantamento que geravam no público. Por isso, a crônica faz questão de registrar que são várias opções espalhadas por diversos locais, “meia dúzia pelo menos”.

A ênfase para a divulgação do cinema nesse momento não é gratuita ou apenas falta de assunto mais relevante. A projeção de filmes, sobretudo curtas-metragens, era uma atividade relativamente recente. Na fase inicial que vai até 1908, o marco, conforme relata Leo Charney (2004, p. 327) é “o curta-metragem de 1895 de Lumière”, que inaugura o “cinema de atrações”, com a apresentação de breves imagens, estimulando a curiosidade do espectador.

Essa atividade também era símbolo de inovação, de avanço e de importante guinada cultural, constituindo-se num dos elementos responsáveis pela abertura das portas da modernidade. De acordo com Charney (2004), o cinema:

[...] transformou o presente oco em uma nova forma de experiência, à medida que o presente esvaziado abriu espaço para a atividade do espectador. [...] foi essa forma de experiência em movimento que ligou a experiência do cinema à da vida diária na modernidade. A experiência do cinema refletiu a experiência epistemológica mais ampla da modernidade. Os sujeitos modernos (re)descobriram seus lugares como mediadores entre passado e futuro ao (re)experimentar essa condição como espectadores de cinema. (CHARNEY, 2004, p. 331 e 332)

No mesmo sentido, Vanessa R. Schwartz (2004), ao estudar os impactos iniciais do cinema em seu nascedouro, a cidade de Paris, centro cultural de referência mundial, que exportou, inclusive, para Curitiba seus padrões culturais e de comportamento, parte da premissa de que:

[...] os espectadores de cinema levaram para a experiência cinematográfica modos de ver cultivados em uma variedade de atividades e práticas culturais. Ao examinar práticas que coexistiram com os momentos iniciais do cinema, minha hipótese é de que este terminou por ser mais do que apenas uma de uma série de novas invenções porque incorporou muitos elementos que já podiam ser encontrados em diversos aspectos da chamada vida moderna. (SCHWARTZ, 2004, 338)

Dessa maneira, a crônica da rua capta esse potencial modernizador contido nas salas dos cinematógrafos. As imagens projetadas, ainda rudimentares, transformavam-se em novos modelos para aplicar na cidade. Ao se depararem com as cenas urbanas inéditas veiculadas nas telas, os espectadores tornavam-se mais exigentes e aprimoravam gostos, alinhando-se às tendências da vida moderna.

Para melhor visão sobre esse momento, representado em várias crônicas da rua, com repercussão do deslumbramento social proporcionado pelas exibições cinematográficas em suas origens, Margaret Cohen (2004) explica que:

[...] os primórdios do cinema têm a vantagem de se apresentar, notadamente, como um gênero cotidiano, uma forma popular de espetáculo. O teor da relação do cinema com o cotidiano torna-se tanto mais complexa quanto maiores forem suas ambições estéticas. (COHEN, 2004, p. 260)

Em outra frente, a capacidade de avaliar a qualidade dos espetáculos é uma prova da transformação cultural em que a sociedade curitibana estava envolvida. Nem todos os eventos agradavam ao público. As reações não demoravam a sair do pequeno círculo de avaliadores que se reuniam nas esquinas, nos bares e nas praças para serem registradas pela imprensa.

Isso é possível de ser constatado com os parágrafos de abertura e de conclusão da crônica na sequência elencados. Diferente das outras crônicas que falam dois ou mais assuntos, o texto em análise, na íntegra, aborda o mesmo tema, dedicando-se à crítica de um espetáculo apresentado no Teatro Guaíra.

A troupe de artistas Italianos que ora se exhibe no Teatro “Guaíra” com a denominação pomposa e imodesta de “Grande Companhia Lírica Italiana” sobre ser uma coisa apenas tolerável está fazendo sérios reclamos por uma crítica imparcial e justa que a faça recuar para o lugar subalterno que lhe é devido. O contrário será apear a nossa sociedade de sua superioridade culta e emprestar-lhe conhecimentos ínfimos.

[...]

Fico hoje por aqui, não sem garantir que hei de tornar ao assunto para que fique consignado nos anais das crônicas que em Curitiba já não se come gato por lebre. (OLHO DA RUA, ANO I – 06/07/1907 – NUM. 7)

Chama a atenção o fato da companhia teatral ser italiana e apresentar-se com glamour de “grande companhia”. Só isso, o nome e a origem europeia, não foram suficientes para conquistar a aprovação. O *Olho*, com sua aprimorada capacidade de captar todas as nuances do cotidiano, acompanhou a apresentação, avaliando-a como “subalterna”.

Essa avaliação revela a nova Curitiba que começava a ganhar forma e voz. Não aceitava se curvar a qualquer apresentação, ainda que fosse com pompas internacionais. A capital paranaense já contava com seu corpo de intelectualidade, que, segundo o cronista, proporcionava “superioridade culta” à sociedade. Por isso, conseguia distinguir “gato” de “lebre”. Os aplausos eram conduzidos pelo merecimento.

Os críticos e intelectuais reuniam-se em agremiações, clubes e confrarias. Entre as atividades em foco, seus membros dedicavam-se às artes, à filosofia e à literatura, só para ficar nas rodas de discussões mais efusivas daquele momento.

A crônica da edição que comemorou o primeiro ano de circulação do jornal faz referência a essa intelectualidade, conforme se pode verificar nos parágrafos transpostos a seguir:

Com o presente número o “Olho da Rua” completa um aniversário de seu aparecimento.

Em o transcorrer do ciclo anual que hoje se encerra nossa revista veio sempre, amparada pelas mais elevadas mentalidades do centro literário paranaense, vencendo com firmeza a trajetória que lhe fora traçada em seu início.

[...] A tiragem regular e seria do *Olho da Rua*, que há, obedecido em suas críticas e em seus desenhos caricaturais a análise imparcial dos

acontecimentos, que lhe tem dado no entanto, aceitação compensadora por parte do público, de cujos favores vive: o povo procura-o na convicção de encontrar nele humorismo sadio que lhe atenua o amargor do fel que lhe vai na alma, por estes tempos de rebaixamento moral indefinível. (OLHO DA RUA, ANO II – 15/04/1908 – NUM. 26)

O sucesso editorial comemorado deve-se ao acompanhamento e apoio das “mais elevadas mentalidades do centro literário paranaense”. Essa sustentação permite que o periódico não abra mão da crítica e da “análise imparcial dos acontecimentos”, tudo isso permeado pelo “humorismo sadio”, que auxilia o público leitor a atenuar “o amargor do fel que lhe vai na alma”. Assim, a crônica voltava-se para a própria redação, reforçando os alicerces do projeto editorial, sem esquecer dos talentos artísticos paranaenses que começavam a se destacar. Todas as edições traziam poemas e contribuições dos escritores da terra.

Em termos literários, a influência do movimento simbolista aparece de maneira clara em várias matérias adornadas pelo lirismo em voga, especialmente, nas crônicas, tal qual é possível observar no fragmento abaixo, que cita textualmente as palavras do grande ícone da poesia simbolista brasileira, o poeta Cruz e Souza:

[...] Nada mais cheio de esplendor, mais tocante ao íntimo, do que ouvir-se, ao silêncio abismal das horas mortas, a queixa plangente dos:
 “...violões que choram
 Através do luar das meias noites”
 para citar o verso de ouro de Cruz e Souza. (OLHO DA RUA, ANO I – 12/10/1907 – NUM. 13)

As palavras do poeta emprestavam inspiração e revestiam de harmonia o ambiente solitário da crônica em construção. Com esse toque de sensibilidade, o cronista curitibano alinhavava na mesma publicação as notícias da cidade com a apreciação literária do espaço em questão. Sem ainda receber as configurações teóricas, jornalismo e literatura davam-se as mãos naquelas “horas mortas”, do “do luar das meias noites” da distante capital paranaense.

Outro registro que, também, faz coro ao movimento literário em apreço,

é a crônica publicada em homenagem ao poeta simbolista paranaense de maior relevo para o estado e que alcançou o reconhecimento da crítica literária, Emiliano Pernetta. O poeta acabava de publicar o livro “Ilusão”, preenchendo, na visão do cronista da rua, o vácuo de publicações de valor em que há tempos se encontrava o Paraná.

Embora o nosso Estado seja um núcleo luminoso de intelectualidades másculas, há anos que se não registrava o desabrochar de um único livro de valor.

[...] E assim é que essa apatia veio de ser arrojada por terra pelo já imortal artista Emiliano Pernetta, que, floreteando a rima ostentou, esta semana, o escrínio finíssimo onde fulgem centenas de sois: *Ilusão*. Foi esse o fato de mais elevado alcance que se deu na quinzena.

[...] Com o aparecimento do *Ilusão*, Curitiba tomou a feição de uma Grécia em miniatura, fremendo no delírio estonteante do Belo, de cujo seio irrompe um policronismo, macio para alargar de alegria a alma e os corações.

[...] Em suma o *Ilusão* é um marco de sol que, sinalando a nossa mais brilhante fase literária, imortalizou o nosso Estado, mostrando que um dia triunfaremos pelo intelecto. (OLHO DA RUA, ANO IV – 05/08/1911 – NUM. 06)

Resume-se numa crônica com forte conotação literária tanto no aspecto da linguagem empregada, quanto no tema em apreço. Tece generosa apologia ao talento do poeta paranaense, considerado já um “imortal artista”, um dos principais ícones da intelectualidade paranaense, representante da capacidade artística e literária, do gosto apurado e do requinte da “sociedade culta”, aludida nas crônicas que tratavam da avaliação crítica dos espetáculos e das atrações culturais apresentados na capital.

O importante é que em meio a esse arrazoado elogioso ao intelectual da terra sobressai-se a cidade. Nesse aspecto, a produção intelectual, os valores poéticos, artísticos e culturais oriundos da obra espraiam-se por Curitiba, que, com a publicação, “tomou a feição de uma Grécia em miniatura”.

Por fim, num desfecho apoteótico o cronista aproveita para registrar sua previsão marcada pela confiança e pelo otimismo no porvir, em razão de que o livro em comento simbolizava a “brilhante fase literária” pela qual passava o estado. Isso permitia antever a ascensão cultural e literária que o intelecto local poderia promover.

De outro modo, nota-se que o desafio apresentado pela problemática relacionada às condições das ruas, embora não seja o assunto com maior enfoque, continuava recorrente e revelador da situação de precariedade de Curitiba. Além das deficiências estruturais, a cidade começava a expor as mazelas da exclusão social, agregando em seu convívio das classes econômicas mais fragilizadas à elite financeira do estado, representada por fazendeiros, agricultores, pecuaristas, empresários e industriais.

Esse inquietante mosaico social deflagrava o início da travessia da cidade com raízes aldeãs para exercer o papel central, enquanto protagonista dos grandes acontecimentos que marcaram o desenvolvimento econômico do estado. A metamorfose urbana foi reconhecida, conforme atestam as linhas abaixo:

ANO II – 13/06/1908 – NUM. 30

Curitiba, que pompeia na sadia ostentação de decidido avançamento, significava apenas triste aldeola solitária, com meia dúzia de casarões sem estética. (OLHO DA RUA, ANO II – 13/06/1908 – NUM. 30)

A nova condição exigia mudanças e reformas urgentes. Muitas delas, ecoaram, conquistaram visibilidade, ganharam impulso e foram executadas pelo poder público depois de serem objeto de registro, de críticas e de comentários da imprensa local, figurando com proeminente cobertura também nas crônicas da rua.

Entre os temas discutidos nessa seara, os projetos de urbanização, de “embelezamento” da cidade, de construção de novos e modernos prédios atraíram os olhares do cronista. Logo na segunda edição, a primeira em que aparece a crônica sob o título que seria mantido até o encerramento das publicações, Crônica da Rua, após o comentário sob a repercussão que teve o lançamento do *Olho da Rua*, é publicado uma sequência, em forma de diálogo, colocando em pauta a situação urbana, uma temática que seria debatida ao longo das edições.

Na primeira abordagem sobre a questão, o tom é de crítica. A dúvida e o sarcasmo revelam que o sonho de ver a transformação paisagística da capital

estava muito distante de ser concretizado, tal qual, a seguir, pode-se perceber:

Criticando...

- Então, Licerio, em que deu o tão falado embelezamento da nossa Capital, - a luminosa ideia do Dr. Caio Machado, a qual ele dava todo o seu poderoso apoio?

- Homem, eu mesmo não sei dessa miragem, que teve palmas da imprensa, manifestando a aprovação de todo o povo, que, no espumar do entusiasmo, via a nossa Curitiba como uma maravilha: sob o sol, encantadora; sob as estrelas, mais encantadora ainda; - toda arborizada, e em cada árvore, filigranas, cintilando, de milhares de lâmpadas elétricas, dando-lhe o aspecto de cidade fantástica!

- Mas, eu pergunto, sai ou não sai esse projeto?

- Sai!... Como havemos de ficar possuídos de justo orgulho, quando esse sonho patriótico for, então, uma realidade, não por nos deslumbrar, tão somente, como também, por despertar a admiração em todo o pessoal, que visitar esta Terra, realçada pela estética e pela luz!

- Eu quero ver logo o início dessa transformação... nela, porém, nem mais se fala, sequer? Isso dá para a gente duvidar, e com muita razão!

- Pois sim, duvidando, fiquemos a imaginar o súbito progresso de Curitiba, - longas avenidas, por onde hão de passar suaves perfis de virgens sonhadoras, e almas de moças recebendo a alegria comunicativa da luz... e outras coisas que não podemos dizer, porque estamos, neste assunto social, como os crentes de Moisés, - se me não trai a memória – contemplando, de longe, a Terra Prometida, que o profeta lhes mostrava... (OLHO DA RUA, ANO I – 27/04/1907 – NUM. 2)

O humor, traço característico da revista, conduz o diálogo entrecortado por exclamações, interrogações e reticências. A dúvida em torno da efetivação dos projetos de melhoria das vias públicas e do espaço urbano da capital demonstra que havia muita conversa e pouca ação. Em outras palavras, tratava-se das promessas feitas por motivação eleitoral, sem o verdadeiro intento de transformá-las em realidade.

Numa analogia com a visão da terra prometida, o “progresso de Curitiba” é representado pela construção simbólica e mítica do ideal de felicidade terrena. O resultado final seria expresso numa paisagem edílica e deslumbrante. Daria para acreditar nisso?

Conforme será possível observar em várias outras publicações, assistia razão ao escritor em revestir-se de ceticismo, pois esse projeto de urbanização da capital, tão belo em seus contornos gráficos, mostrou-se extremamente lento e muito oneroso em sua execução. Dessa forma, as crônicas, quando tocaram

no assunto, seguiram o caminho da denúncia, da crítica e da insatisfação pública, insurgindo-se contra o descaso administrativo com que a cidade era tratada.

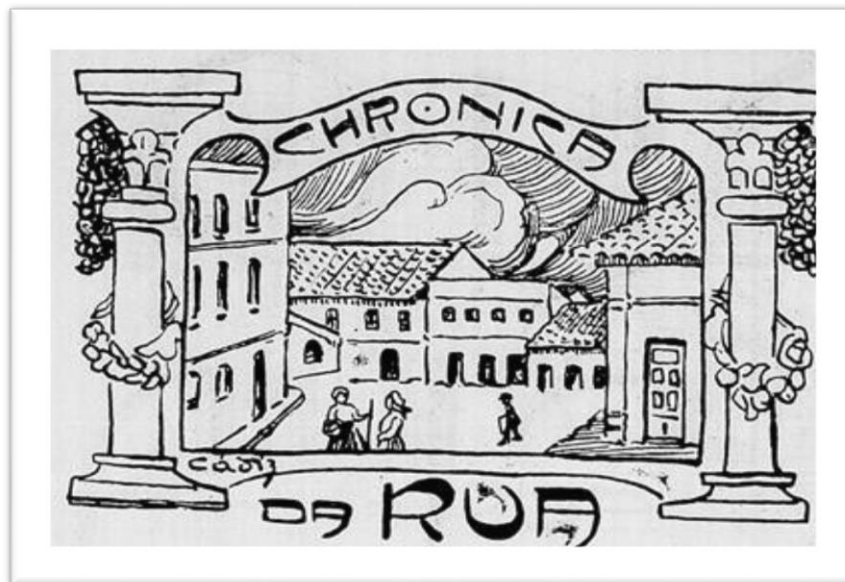


Figura 5 Diagramação do Título da Crônica da 18ª edição, Ano I

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=240818&pesq=chonica%20d>

Acesso em 27 de agosto de 2015.

A forma mais eficaz para amenizar os dissabores coletivos no tocante às dificuldades de locomoção, seria levar a bom termo o projeto de urbanização e de melhorias da infraestrutura urbana. O carro chefe dessa intervenção era o programa de calçamento das vias públicas.

Entretanto, alguns registros mostram a difícil execução dos trabalhos, principalmente, por questões administrativas, acertos, conchavos, desvios de verbas, materializadas na gestão temerária dos recursos públicos destinados à revitalização municipal.

Evidencia-se que, enquanto à população via nesse programa um meio de melhorar as condições de trafegabilidade, os administradores e políticos envolvidos aproveitavam, antes do início e da concretização das obras ou mesmo durante a execução, para pavimentar os caminhos da corrupção e do

enriquecimento ilícito.

Os três fragmentos selecionados apontam com precisão crítica, jornalística e literária, a realidade em comento:

A população curitibana acha-se apreensiva com as tão faladas propostas para o calçamento da cidade. [...]
 As propostas são exorbitantes, apresentando a fisionomia escandalosa de gordos arranjos.
 Certo, imprescindíveis os melhoramentos urbanos. Que se o façam, porém, limpamente, visando-se também o benefício do público, já sobrecarregado de pesadíssimos ônus.
 As propostas para o calçamento de Curitiba implicam feia negociata, que precisa ser combatida a todo transe e que tem por fim unicamente encher as algibeiras de alguns felizardos. (OLHO DA RUA, ANO III – 27/11/1909 – NUM. 07)

O olhar sempre atento e vigilante do cronista penetra nas profundezas das negociatas, trazendo subsídios para o público leitor reforçar o debate sobre as atividades ilícitas envolvidas na execução das obras de calçamento. As ruas se convertiam num terreno povoado por comentários e indignação. A denúncia direta certamente é resultado de investigação jornalística que partia da própria exigência da “população curitibana”, a qual se encontrava “apreensiva”.

Percebe-se que o texto é fruto da interação entre o público e o escritor. Esse compartilhamento fica explícito a partir das “tão faladas propostas para o calçamento da cidade”. O assunto percorria as ruas, o povo falava, os indícios de malversação dos recursos públicos se intensificavam. Então, restava o registro indignado dos “gordos arranjos” e da “feia negociata”, conclamando os leitores a combaterem essas manobras que negligenciavam o interesse público e visavam tão somente “encher as algibeiras de alguns felizardos”.

Quem seriam os felizardos? É óbvia a insurgência contra os gestores municipais, que se torna mais direta em crônicas posteriores, conforme será possível constatar adiante. Se for estabelecido o vínculo entre várias publicações que tratam do assunto, percebe-se que os governantes da época são apresentados como ineficientes e corruptos. Por obra do acaso, grandes felizardos!

Isso pode ser comprovado quando se analisa as crônicas publicadas

com certo distanciamento entre elas, separadas por longo tempo. É o caso dos três fragmentos em estudo, o anterior e dois seguintes. O primeiro, foi publicado em 1909; os outros dois, em 1911. Mais de dois anos de intervalo. Entretanto, os avanços observados na pavimentação da capital são poucos, com indicações de que as obras, quando não estavam interrompidas, seguiam a passos lentos ou patinavam no pantanoso terreno dos “desvios”.

[...] o nosso calçamento, queremos dizer, os buracos e fojos que há pelas ruas: a limpeza da cidade (porque, diga-se a verdade, Curitiba é suja a valer) e outras belezas de igual monta.

É verdade que os trabalhos do calçamento iniciaram-se novamente, e dizem que em melhores condições pois não somente com três trabalhadores para o serviço. Há quem afirme que são pelo menos cinco que se revezam.

Por isso é de crer, que, tal legião atacando o serviço em todos os pontos, logo teremos Curitiba calçada e muito bem calçada com magníficos paralelepípedos o que será uma imorredoura glória para o sr. prefeito, que, afinal depois de tantos anos de esterilidade e estagnação, alguma coisa fez em bem do povo que lhe pagou tantos contecos. (OLHO DA RUA, ANO IV – 07/09/1911 – NUM. 08)

Conforme se evidenciou já na primeira publicação que trata da execução das obras, além de caras, mostravam-se de qualidade baixa, posto que o calçamento era sinônimo de “buracos e fojos”. Tudo se tornava pior com a sujeira, uma constante nas crônicas desde as primeiras publicações, em 1907, pois, passados vários anos, o cronista reitera que “Curitiba é suja a valer”.

Em meio as constatações de desvios e irregularidades, um fato pode ser considerado positivo, inspirador e renovador das esperanças sociais: os trabalhos foram reiniciados. O número de servidores envolvidos, “três” ou “cinco que se revezam”, é destacado, apesar de que não se tinha certeza de que o contingente seria esse mesmo, já que a informação está ancorada no “dizem” e no “há quem diga”.

A “legião” de trabalhadores conseguiria calçar toda Curitiba com “os magníficos paralelepípedos”? Novamente a ironia pede passagem para consignar a “esterilidade” e a “estagnação” que tomaram conta desse projeto nos últimos anos. Ainda assim, se concluída a obra, ao prefeito caberia “imorredoura glória”, que retribuiu ao povo os “contecos” que recebeu de forma lícita pelo

exercício das funções públicas, com os acréscimos provenientes dos “conchavos”.

Por fim, nas últimas edições, o assunto causa irritação. Fruto de vários registros e comentários, não apresentava novidades. Até a crítica tornava-se maçante, diante dos resultados pouco satisfatórios em termos de bem-estar da população. Na avaliação que prevaleceu, os agentes públicos que estavam a frente do projeto, o prefeito e os vereadores, foram negligentes, omissos e cúmplices da “bandalheira”, na qual se converteu o tão alardeado calçamento.



Figura 6 – Charge ironizando a demora na execução do Projeto de Calçamento de Curitiba, ed. 7/1909

Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=240818&pesq=chonica%20d>

Acesso em 4 de setembro de 2015.

E o calçamento? Mas o calçamento está se tornando uma coisa irritante. É uma forte bandalheira para não dizermos outra coisa mais

feia. Isso tudo por faltas do prefeito e da câmara, isso é que é a verdade.

Para esses poucos importa que se tenha bom ou mau calçamento ou mesmo que se o não tenha. A empresa, por seu lado, é velhaca. De maneira que o único verdadeiramente interessado para ver Curitiba calçada, é o povo, é esta pobre população desta pobre cidade, são os torturados que palmilham por estas ruas, dolorosamente, como quem anda cheio de sacrifícios, cumprindo uma penosa missão.

[...]

Imaginemos por um instante (e como é bom imaginar assim) que nestes últimos oito anos outros fossem os prefeitos e camaristas de Curitiba. Isto estaria assim como está, na maior miséria precisando de tudo, sendo a nossa vergonha e a vergonha do Paraná? (OLHO DA RUA, ANO IV – 11/11/1911 – NUM. 10)

A crônica, uma das últimas que foram publicadas antes do encerramento do jornal, não poupa os verdadeiros responsáveis pela malfadada execução das obras de pavimentação das ruas com paralelepípedos, a novidade em termos de pavimentação para a época. A denúncia é incisiva ao afirmar que a situação estava assim por culpa do “prefeito” e da “câmara”, num flagrante conluio com empresa caracterizada como “velhaca”.

O conluio perpetrado por esse tríduo de patifaria, corrupção e descaso, atingia de forma direta o povo, “o único verdadeiramente interessado para ver Curitiba calçada”. Dessa maneira, o cronista mesmo mostrando indicativos de fadiga e de irritação, prestes a fechar definitivamente o olho, mantém a linha do porta voz da sociedade, produzindo brados de cidadania, para sentenciar que a culpa da situação “vergonha do Paraná” é dos administradores municipais “dos últimos oito anos”.

Com a publicação de crônicas dessa natureza, o jornal revelou-se um espaço de manifestações que questionavam a modernização da cidade, tal qual defende Vaz (2004, p. 29), ao apontar que suas críticas plenas de “receio diante do crescimento urbano, contribuíram, através das reclamações de seus personagens, para reelaborar o universo de espanto e admiração em face da rapidez das mudanças”.

Apesar dos percalços administrativos e políticos, Curitiba seguia seu curso de progresso e desenvolvimento. As lacunas de ineficiência do poder público, de uma forma ou de outra, foram sendo preenchidas, de maneira que as transformações urbanas também ocuparam seu espaço nas crônicas, por meio de apreciações elogiosas da nova cidade que desabrochava aos olhos de

quem a habitava ou daqueles que a espiavam na condição de visitantes.

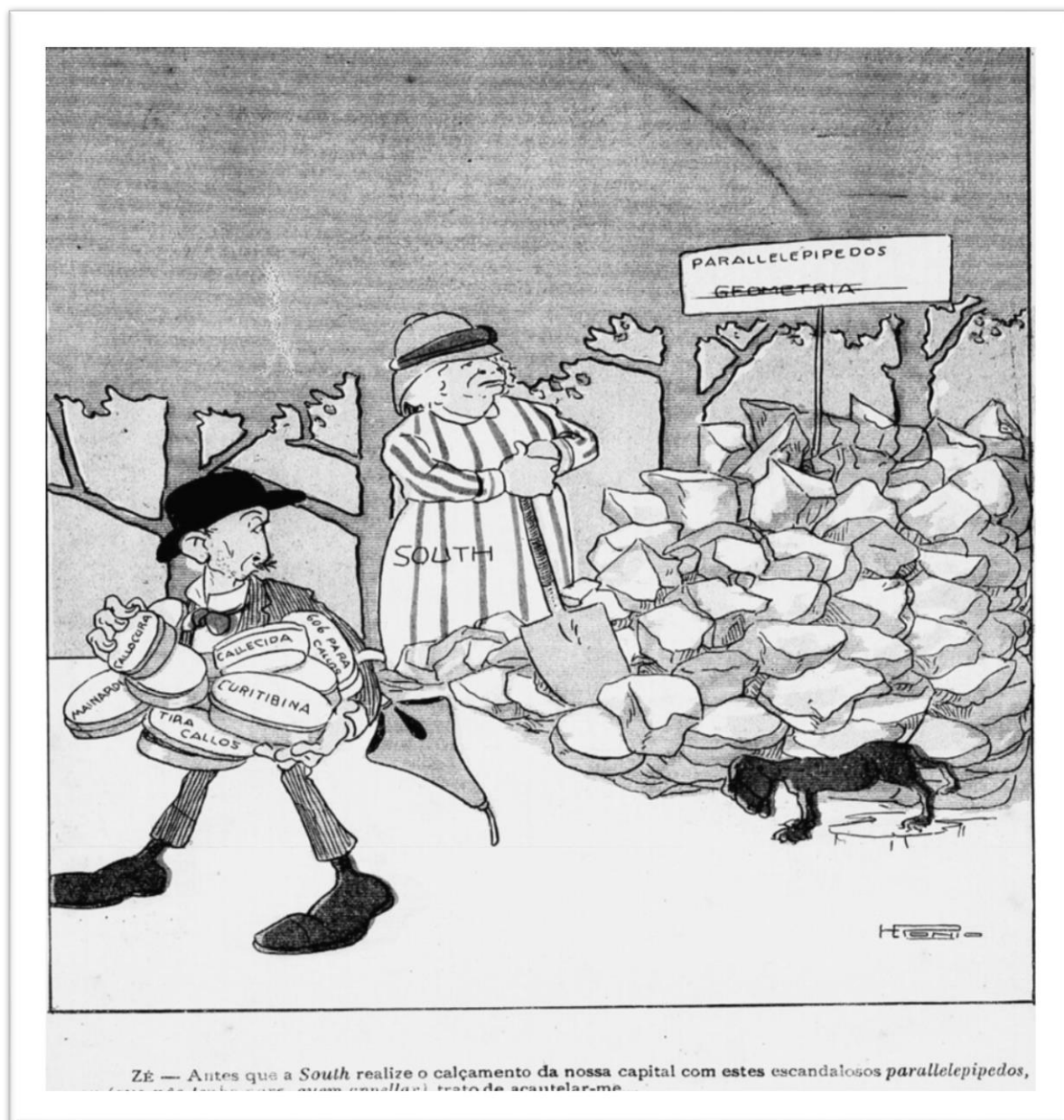


Figura 7 Ilustração com ironia aos paralelepípedos para as ruas de Curitiba, ed. 8/1911.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=240818&pesq=chonica%20d>

Acesso em 04 de setembro de 2015

Os últimos fragmentos selecionados, que fecham esta visita pelas crônicas da rua, na esperança de inspirar novas e aprofundadas incursões, são

resplandecentes de satisfação com a realidade que o *Olho da Rua*, por fim, contempla. No entanto, cabe registrar que, embora os textos trouxessem a avaliação positiva, ainda se apresentavam salpicados de alguns “mas” que expressam as ressalvas do cronista.

Mesmo assim, o recorte final reconhece que haveria luz no fim do túnel daquele tempo. Esse tom marcou as últimas edições do jornal. Ao colocar o derradeiro ponto final em sua participação na imprensa da capital, a crônica foi escrita com os afagos da generosidade, principalmente, por reconhecer que o progresso em destaque deveria ser creditado como conquista do “bom povo desta adorável terra”.

Curitiba progride! É este o hino luminoso, vibrante, másculo, que, ruborizando os ares, como uma bomba de anarquista, explode nos lábios, trêmulos de orgulho, do bom povo desta adorável terra... E nós, embora estejamos esfalfados, bambos mesmo, de galgar a enorme escadaria do *Olho*, lançamos um demorado olhar à nossa lirial princesa. [...] Dá-nos a mão e prossigamos.

O que afirmamos é que Curitiba atrai, encanta, seduz: tem a graça luminosa e casta de uma virgem oriental que se enguirlandasse para o noivado branco das musas...

Bem poderíamos cognominar Curitiba de cidade do sonho, porque quem quiser sonhar sonhos bons, sonhos de estrelas, sonhos de noivos, é confabular com a sua natureza, onde a luz fala e o perfume canta.

Aqui tudo desabrocha em estrofes de flores, de luz, de perfume... (OLHO DA RUA, ANO IV – 27/05/1911 – NUM. 01)

O lirismo no trato da paisagem local faz notar que a poesia acaricia as mãos do cronista para tecer os louvores à “cidade do sonho”. Há, sim, o reconhecimento do progresso urbanístico, mas só ocorre a partir do “demorado olhar” em torno das belezas naturais da “lirial princesa”.

Nesse cenário idílico não poderia faltar o elemento humano, o protagonista, com seu canto de orgulho pela terra em que fixou suas raízes étnicas, históricas e culturais. A sujeira, o desencanto com a lentidão das obras públicas e as denúncias de corrupção são superadas pela “graça luminosa” que se derrama pela cidade, assemelhando-a a “virgem oriental” que se veste de branco para as núpcias.

Agora, na metáfora do visionário e lírico cronista, a capital preparava-se

para seu enlace com o progresso. Para tanto, está pronta para subir ao altar do futuro, ornamentada pela natureza, com auxílio de guirlandas feitas pelos “sonhos”, pela “luz” e pelas “estrelas”. Assim, nesse ambiente de suavidade e de harmonia, seus moradores, na condição de poetas da transformação, realizariam seus projetos de vida, fazendo desabrochar em cada novo dia “estrofes de flores, de luz, de perfume...”.

O próximo fragmento segue na mesma linha de otimismo em relação aos avanços observados na cidade, principalmente no aspecto visual e nos projetos de construção de novos edifícios. Os afagos poéticos visualizados na crônica anterior cedem espaço para que entre o elogio com menção a dados concretos, que comprovam o novo impulso urbano experimentado pela capital em termos reais.

Parece-nos a nós que Curitiba, agora, sacode aos poucos a apatia que lhe ia vitimando para marchar ao lado das capitais que avançam.

[...]

O que nos faz experimentar promissoras sensações de progresso é o caminho que a arquitetura em Curitiba, vai trilhar. Esta cidade, calçando sapatos e sendo rendilhada por casas feitas com arte, será uma cidade ideal.

A Associação Comercial, núcleo de homens progressistas, já deu o grito de alarme, começando as obras do seu prédio, prédio cheio de belezas arquitetônicas, e de conforto, o qual honrará sobremaneira a nossa capital. (OLHO DA RUA, ANO IV – 22/07/1911 – NUM. 05)

Depois de captar várias cenas urbanas, ouvir críticas, comentários e elogios, o cronista é levado a consignar seu voto de confiança nos avanços da capital. Contudo, não apresenta a certeza inabalável, pois protege-se nas trincheiras imprecisas e pleonásticas do “parece-nos a nós”, apressando-se em dividir o ônus da análise que segue com a coletividade.

Ultrapassadas as ressalvas da dúvida, o escritor encontra na arquitetura as bases sólidas para alicerçar seus argumentos que militam a favor do crescimento urbano de Curitiba, motivado por “promissoras sensações de progresso”. De leve, dá indícios de que as ruas continuam perseguindo o calçamento ao metaforicamente falar da cidade “calçando sapatos”, ou seja, não calçou ainda. Aliando a revitalização arquitetônica com a pavimentação, por fim, a cidade alcançará o status de “ideal”.

Todavia, a nova promessa de modernização deve-se a iniciativa da Associação Comercial com a construção de seu prédio “cheio de belezas arquitetônicas”. Tudo isso graças ao “núcleo de homens progressistas” que comandava o empresariado de então.

Com esse reconhecimento da importante participação da iniciativa privada no desenvolvimento e na urbanização da capital, o poder público, de seu lado, fica suplantado pela corrupção e pela ineficiência. Se for estabelecida uma ponte analítica entre as crônicas, o tom elogioso aos “homens de negócio” deixa implícito um recado aos administradores públicos daqueles dias: a cidade precisava de agentes políticos com visão “progressista”, para fazer nos espaços públicos a mesma transformação observada na esfera empresarial.

É grande a transformação porque Curitiba, dia a dia vai passando. Em toda a parte, o progresso tem ânsias de avançar sempre. É Curitiba uma cidade que tem a vida tumultuosa das grandes cidades. Nunca vimos tanto povo, tanto ruído, como agora. À noite é que se observa isso, pois as casas de diversões, os clubes, os cafés, as ruas, transbordam de gente. É um horror! Há não muitos anos atrás, o povo de Curitiba fazia uma só família. (OLHO DA RUA, ANO IV – 22/11/1911 – NUM. 11)

A última publicação abandona qualquer titubeio para afirmar de modo incisivo que “É grande a transformação porque Curitiba, dia a dia vai passando”. A partir dessa constatação, a crônica segue impregnada por otimismo revelador. O anseio pelo progresso e o novo quadro habitacional marcado por densidade demográfica que “tem a vida tumultuosa das grandes cidades” colocam Curitiba no círculo dos centros urbanos de relevo.

A nova realidade, plena de gente, está estampada nos comportamentos citadinos, com a lotação dos cafés, dos clubes, das ruas e das casas de diversão. Enfim, as cenas curitibanas são captadas a partir do aspecto urbano com os reflexos das mudanças na vida social e cultural. A cidade de “uma só família”, definitivamente, ficou para trás, encoberta pelas penumbras do tempo. Agora, Curitiba é sinônimo de progresso, de agito, de modernização, ou seja, a capital “é um horror”.

As crônicas que foram objeto de análise, com publicações que

representam todo o período de circulação do *Olho da Rua*, embora apresentem temática diversificada, convergem o seu enfoque sempre para o mesmo centro de debates: a cidade de Curitiba. Das ruas, partiam as indicações para os olhares dos redatores se direcionarem por todos os assuntos que faziam o cotidiano acontecer, seja nos acontecimentos triviais, seja nos mais relevantes fatos de interesse social, distribuindo críticas e elogios, conforme se dava a fixação do olho do redator em cada edição.

Nesse sentido, para Teixeira (2005), a cidade converte-se no universo narrativo do cronista, que se dedica em captar suas vivências, mesmo as que não se convertem em notícia de jornal, e transformá-las em objeto discursivo particular de sua intervenção, alinhavando seus avanços e seus problemas urbanos:

O cronista volta-se às vivências imediatas da cidade, para aquilo que escapa às notícias veiculadas pelo jornal. Ou destaca uma percepção inusitada de um fato noticiado, ou percebe um gesto mínimo na rua, no bonde, na casa de alguém, que exprime o modo de as pessoas se apropriarem dos objetos. A crônica, como fato cultural, dialoga com a condição histórica de sua produção. [...] a cidade pressupõe, então, um *ethos* urbano (regras e normas sociais para se viver na metrópole moderna). De um lado, há a aspiração à ordem, à segurança, à beleza e à saúde (higiene), princípios ordenadores do conjunto da sociedade; simultaneamente, de outro, há a destruição da antiga cidade [...] (TEIXEIRA, 2005, p. 76 e 77)

Apesar das mazelas urbanas, Curitiba da primeira década do século XX, na perspectiva do jornal/revista, também era um espaço de muito conagração, com pessoas felizes, em busca do progresso, embaladas pelas novidades que vinham da Europa e da Capital da República.

A mesma visão é compartilhada por Etelvina Maria de Castro Trindade (1992) que, em tese de doutoramento sobre as mulheres de Curitiba na Primeira República, enfatiza:

A cidade diversifica, ainda, espaços públicos com cafés e salas de espetáculos: parques e praças – suas novas opções em área de lazer. Nas ruas principais, agências bancárias e casas comerciais abrem suas portas; as senhoras curitibanas entram apressadas nas lojas de

tecidos e armarinhos. E, na animação ruidosa dos transeuntes pelas vias públicas, introduzem-se hábitos urbanos nos trajes e no porte já requintado de muitos homens e mulheres; é uma população que cresce e se modifica, apresentando uma feição europeia que a presença significativa do imigrante ajuda a construir. A cidade lembra, então, uma camponesa que se torna cidadã. (TRINDADE, 1992, p. 10)

Assim, aos poucos, a cidade se transformava, passando a ditar as diretrizes sociais, os costumes e os traços comportamentais, até se consolidar como centro de convergência cultural para todo o estado, muito além de ostentar o título e o encargo de ser sua capital política e administrativa.

De outro modo, ainda é pertinente registrar que as crônicas da rua apresentam a estrutura reconhecida pela crítica atual e pelos estudiosos da linguagem enquanto texto híbrido, oriundo da atividade jornalística e literária. Mesmo sendo produto de um tempo em que não se tinha delimitado os espaços específicos de atuação entre o escritor e o jornalista, a figura e a atuação do cronista revelam a coexistência dos dois profissionais em termos de formação intelectual, de expressão e de seleção do conteúdo a ser posto em evidência nas linhas publicadas.

Em consonância com o que é possível perceber a partir dos fragmentos selecionados, os fatos do cotidiano eram cotejados por meio de análises, de comentários, de narrativas e de exposição de ideias. Quanto ao trato estilístico dado às coberturas, depreende-se sem muito esforço que não apresenta caráter único, passando pelo tom jornalístico, poético, humorístico, crítico, lírico, anedótico, informativo, entre outras nuances e vertentes experimentadas pelos autores.

Diante disso, as crônicas, mesmo com o esforço de seus dedicados produtores, não ultrapassaram os limites do cotidiano político, social, econômico e cultural. Entretanto, não podem ser julgadas como material jornalístico-literário de pouca importância, pois, na seleção dos fatos e dos acontecimentos que registraram, carregam em seu bojo forte testemunho dos desafios, dos embates e das transformações sociais do tempo em que foram editadas. Tempo este, aliás, para sempre contido nos anais da Crônica da Rua, síntese diligente das imagens processadas pelo sempre atento *Olho da Rua*.

4 CONCLUSÃO

A crônica, nos moldes que ainda é concebida e publicada atualmente, surge, no Brasil, no século XIX, em meio às publicações folhetinescas. Com a expansão dos veículos de comunicação impressos, sobretudo o jornal, arranjou-se entre suas páginas, numa parceria que persiste e parece estar longe de se findar.

Em sua trajetória, o gênero nem sempre alcançou o prestígio dos olhares mais treinados, no que tange ao trato de textos literários. Entretanto, a partir da metade do século passado, com o surgimento de correntes de estudos voltados para a valorização das manifestações artísticas de maneira ampla, em que se destacam os Estudos Culturais, a crônica conquistou a atenção de novos centros de estudos. A pesquisa foi direcionada para a discussão em torno da sua natureza e de suas características enquanto gênero multifacetado.

A partir dessa perspectiva, manifesta-se o interesse acadêmico para verificar as produções em diversas épocas e contextos diferenciados, independente do alcance ou do reconhecimento que tiveram. Assim, as publicações de menor alcance, periféricas, passam a ser objeto de interesse acadêmico, pois, mesmo distante do núcleo canônico estabelecido, são elementos culturais a disposição para fornecerem novas pistas sobre os valores sociais ou sobre a realidade, a partir da qual foram produzidas.

Essas manifestações abrangem a cultura das massas, com textos que refletem a intervenção literária sobre o cotidiano. A crônica amplia o horizonte de análise sobre o assunto do qual é portadora justamente por ter capacidade de ir buscar a inspiração em todos os espaços sociais, sem distinção, desde os menos favorecidos aos contextos de maior visibilidade. Além dessa elasticidade para captar o fato, o gênero consegue adornar com os contornos literários os quadros menores ou de pouco significado que representam o cotidiano, acrescentando nova densidade interpretativa aos acontecimentos corriqueiros.

Por esse prisma, verifica-se a relevância da análise do conjunto de crônicas publicadas sob o título *Crônica da Rua*, com destaque para questões que envolvem os aspectos culturais, a urbanização e a modernização de Curitiba do início do século XX. Trata-se de um texto que se consolidou como o “carro

chefe” das edições periódicas do *O Olho da Rua*, revista/jornal que, embora tenha alcançado boa repercussão em seu tempo, encontra-se esquecida a seu canto, destino praticamente comum de quase todas as publicações marginais.

Tanto no nome do periódico como na coluna de abertura das edições, a palavra *Rua* merece apropriada atenção. A essência editorial encontra-se nela. Os registros de ordem jornalísticas ou literárias, de uma forma ou de outra, passam pelas orientações provenientes dessas vias públicas, espaço-síntese do convívio e dos anseios sociais.

Por isso, embora o título *O Olho da Rua* seja ambíguo, não resta dúvida, após o contato com o jornal, de que a proposta era estabelecer harmoniosa sintonia com as vozes que frequentavam as ruas. A charge da primeira edição, que retrata uma senhora expulsando um homem, possivelmente o marido, sob a legenda “Ponha-se no olho da rua”, poderia suscitar a dúvida quanto à intencionalidade do novo veículo jornalístico da capital.

Entretanto, no nível metafórico, após conhecer o percurso realizado pelo jornal, suas investidas, suas investigações e suas linhas de defesa, não parece soar estranho que aquela senhora representaria Curitiba, exigindo que o profissional da imprensa fosse para a rua captar suas exigências para então retornar provido de informações relevantes, retiradas do principal e mais frequentado espaço público.

Assim, *O Olho da Rua* converteu-se em poderosas lentes de observação. As imagens apreendidas aos poucos foram sendo entrelaçadas com o auxílio dos fios da imaginação e da criatividade do cronista, resultando em intervenções reveladoras dos pequenos acontecimentos do cotidiano até os grandes eventos públicos, sociais, políticos e culturais.

A Crônica da Rua, em praticamente todas as edições, é publicada sempre com a mesma denominação, por cronistas diferentes, apenas identificados pelo prenome “Gabirol”, “Licerio”, “Célio”, “Stélio” e “Zé Pacova”. Em algumas situações, aparece, inclusive, a identificação de dois cronistas, em partes ou assuntos diferentes do texto.

É preciso, contudo, fazer uma ressalva no que se refere à primeira edição: é a única em que a crônica foi publicada, como texto de abertura do projeto editorial que se iniciava, mas sem o título que seria constante em todas as demais. Embora essa primeira publicação, não seja identificada

explicitamente como crônica, a sua leitura elimina qualquer dúvida quanto à sua natureza, por seguir, ainda que em forma de apresentação, um roteiro análogo às outras publicadas na sequência.

De imediato, o título recorrente Crônica da Rua, por ser o texto de abertura, após a publicação de charges, fotos e anúncios publicitários, poderia ser considerado uma espécie de Editorial, com a exposição da linha ideológica ou estilística do periódico.

Todavia, a leitura mais apurada afasta de vez essa presunção, posto que o texto, em sua estrutura, por vezes, narrativa curta, seguida também de comentários, de digressões, críticas, abordagens pessoais e poéticas, não deixa dúvida de que se trata do gênero homônimo ao seu título. É claro que não é preciso procurar muito entre suas linhas para encontrar opiniões e defesas da linha editorial do periódico como um todo.

Dessa maneira, no decorrer das publicações os cronistas vão revelando, com moderada sutileza, as tendências editoriais: republicana, progressista, crítica e, no campo literário, simbolista. Isso, porém, constitui-se como elemento coadjuvante. O principal olhar direciona-se para a cidade com seus tipos, seus cenários, suas tendências culturais, seus pontos de encontro, seus programas de lazer e entretenimento, em meio ao grande desafio da sujidade, da precariedade e das inúmeras limitações impostas pelas ruas esburacadas e enlameadas, que entrecruzavam o centro da capital.

Diante desse material que remete automaticamente ao universo do jornalismo, um ponto merece maior atenção: a publicação se autointitulava “revista literária”, com vocação editorial para o humor, a primeira do gênero, segundo ficou consignado em suas páginas. Para o leitor da época, talvez não fosse relevante essa anotação, que expõe, ao mesmo tempo, elementos híbridos e também específicos do jornalismo e da literatura na confecção do periódico.

Não obstante, para os olhos da atualidade que se propõem a uma leitura mais apurada, sem o envolvimento pessoal com os fatos, distantes há mais de um século, esse aspecto não pode passar despercebido, pois pode-se encontrar nele próprio as chaves que abrirão as portas para um melhor entendimento das crônicas em estudo.

As coberturas dos eventos sociais, políticos e administrativos dão conta de que se trata de um veículo jornalístico. De outro lado, a publicação de

poemas, de cifras musicadas, de crônicas tematizadas, além da tradicional Crônica da Rua, e da divulgação constante de eventos artísticos, não deixam margem para a dúvida quanto à tendência literária da revista/jornal.

Essa situação nebulosa, que vai permear toda a sua trajetória editorial, é exposta, textualmente, já na referida coluna de abertura da primeira edição:

A novíssima literatura de jornal, tal como a compreendemos por agora, não deve ficar emparedada nos limites de uma escola, e o estilo do moderno escritor há de ser vivo e flamante, alguma coisa que seja assim como o *champagne* espumando em taças de cristal. (OLHO DA RUA, ANO I – 13/04/1907 – NUM. 1)

O fragmento é contundente na defesa da inovação e da modernidade que seriam os alicerces da nova revista/jornal. O termo “literatura de jornal” poderia ser entendido apenas como recurso estilístico, em que literatura estaria sendo usada apenas como “linguagem” do jornal. Portanto, a publicação seria jornalística.

Mais adiante, porém, a situação revela-se menos elucidativa e mais ambígua, pois cita que o “jornal” não deveria ficar preso nos “limites de uma escola”. Que escola seria essa? Por evidente, trata-se da filiação a uma escola (tendência) literária. Corrobora essa premissa a alusão ao “estilo do moderno escritor”, que deveria ser “vivo e flamante”, metaforicamente elevado à mesma condição do “champagne”.

Deve-se considerar que, nesse período, não havia regulamentação da profissão do jornalista ou do repórter, nos moldes da atual legislação trabalhista da categoria. Era comum os escritores apresentarem colaborações para os jornais, em forma de poemas, crônicas, contos ou capítulos de romances. Isso é possível observar, só para ficar entre os maiores, com José de Alencar e Machado de Assis, nos periódicos do Rio de Janeiro do século XIX.

A cobertura do fato jornalístico, por sua vez, era atribuição de outro profissional, que pode ser identificado como o jornalista em formação. Às vezes, os redatores e repórteres não tinham qualquer formação na área. Eram

aprendizes, curiosos, que apresentavam carismas para o exercício do jornalismo.

Diante disso, a publicação *Olho da Rua*, ao tratar todos os seus colaboradores na condição de escritor, reforça mais uma vez a ambiguidade que vai permear as suas crônicas e espriar-se por todas as suas matérias. O jogo discursivo travado entre a literatura e o jornalismo será arbitrado e ao mesmo tempo conduzido pela ironia e pelo humor das publicações.

Para Soares (2014, p. 63), que se apoia na lição de Moisés (1985), motivada pelo exercício contínuo, a crônica “[...] encontraria o seu lugar, além daquele que lhe caberia originariamente nas páginas do jornal”. Foi exatamente o que aconteceu com o jornal curitibano em análise, pois essa observação se enquadra nas características tipográficas e de diagramação empregadas nas edições.

Em seus primeiros aparecimentos nos semanários brasileiros, de acordo com os estudos realizados, a crônica era publicada nos folhetins, portanto, num espaço secundário, como apêndice do jornal. No *O Olho da Rua*, a crônica não está em segundo plano. Ao contrário, desempenha papel preponderante, senão o principal de cada edição. Várias matérias eram veiculadas sob o título de crônicas, sendo que a mais importante delas se tornou o carro-chefe do jornal.

Nesse aspecto, Soares (2014) traça um perfil histórico da crônica brasileira do século XIX e mostra que houve passo a passo evolução no papel desempenhado pelo gênero, até conquistar o espaço nas páginas principais do jornal, assim como se observou com *A Crônica da Rua*:

[...] se a crônica foi se tornando um gênero autônomo com características próprias de produção isso não se deu por conta de suposto afastamento de suas condições de emergência, como se ela tivesse de deixar de ser jornalística para ser crônica, mas, sim, por tratar toda essa dinâmica como elemento constitutivo de sua realização. (SOARES, 2014, p. 198)

Ressalte-se que o periódico possuía a virtude de congregar os campos discursivos em comento, tanto quando trata das coberturas jornalísticas ou quando aborda de forma subjetiva questões da realidade. O ponto confluyente,

que harmoniza essas linguagens, recai na publicação das crônicas, sejam elas dedicadas à temáticas específicas ou a que abrange todo e qualquer assunto relativo aos interesses da cidade.

De fato, os estudos têm mostrado que jornalismo e literatura não são tão excludentes ou antagônicos, nem se confundem a ponto de se tornar impossível identificar um ou outro. Bernardo Ajzenberg (2005) discorre sobre os pontos de confluência e as características específicas de cada gênero, explicitando que:

Os recursos estilísticos e linguísticos de sedução do texto jornalístico – e este será tanto melhor quanto mais souber manipulá-los – não são os mesmos da literatura. Ambos, conquanto brotem da mesma língua, exigem ao mesmo tempo o vácuo a separá-los, a distingui-los com nitidez. (AJZENBERG, 2005, p. 54)

Dessa maneira, observa-se que não há o apagamento da notícia com as consequentes repercussões sociais de sua veiculação, a partir da experiência literária do escritor no trato do fato jornalístico que resulta na produção da crônica.

Assim, as abordagens coexistem e chegam a compartilhar, por vezes, o mesmo suporte de publicação. Ao mesmo tempo que se intersectam, guardam suas características fundamentais, a ponto de serem reconhecidas pelas suas particularidades. Em outras palavras, verifica-se, na práxis editorial, que o jornalismo serve-se da literatura para produzir suas matérias, da mesma forma que a produção literária empresta elementos dos fatos noticiosos, sem qualquer constrangimento, para erigir seu mundo ficcional.

Na problematização desse entroncamento interdisciplinar, as palavras de Moacyr Scliar (2005) mostram-se bastante pertinentes:

Há sim uma fronteira entre jornalismo e ficção. Mas é uma fronteira permeável, que permite uma útil e amável convivência. No passado grandes escritores foram grandes jornalistas. [...] Nada impede que esta tradição tenha continuidade. (SCLIAR, 2005, p. 14)

Após essa incursão pelas características gerais da revista/jornal, a tarefa de visualizar suas crônicas, recortadas pelas abordagens dos eventos culturais, pelos problemas de mobilidade urbana e pelos desafios da urbanização, torna-se mais acessível. Na mesma toada da linha editorial confluyente, o cronista direciona seus olhos para a rua, a fim de pinçar o material com que irá dar conta de sua incumbência quinzenal ou semanal, conforme a fase em que se verifica a circulação do periódico.

Embora a temática relacionada ao aspecto urbano, com ênfase para as melhorias das ruas, não seja abordada com intensidade maior, a sua regularidade denota a preocupação dos cronistas em escrever de maneira sintonizada com as preocupações e exigências de seu público leitor.

Curitiba já não podia mais aguardar inerte as demoras dos toques do progresso. O calçamento com paralelepípedos era a novidade que levaria a capital a andar de braços dados com as exigências impostas pelos novos tempos. Uma cidade com várias opções de entretenimento, inclusive, com as atrações deslumbrantes do cinema, e com novas perspectivas arquitetônicas de construção de prédios modernos, não poderia ficar para trás no quesito pavimentação, paisagismo e embelezamento das praças, das ruas e das avenidas. Por isso, as crônicas das ruas foram tão contundentes na abordagem dessas questões.

Diante disso, a crítica, a reivindicação e até mesmo a denúncia dos desvios que se davam na lenta execução do projeto de calçamento das ruas centrais, convertiam-se em apelos constantes para que Curitiba pudesse se locomover melhor, suas senhoras tivessem a oportunidade de ir às compras em dias de chuva sem perder os sapatos no meio da lama, entre tantos outros afazeres que causavam enormes transtornos à população que precisava, necessariamente, romper as portas da casa para fazer a vida acontecer.

Nos últimos números da revista/jornal, observa-se que o tom das crônicas aponta para o elogio à cidade que progride, com a construção de novos edifícios e o avanço da pavimentação. Junto com a transformação dos espaços urbanos, os registros da época no periódico dão conta de que a cidade é impactada como um todo pela onda de progresso, tanto no que diz respeito às aparências físicas, dos ambientes externos, quanto em relação aos costumes e

aos aspectos culturais. Tudo isso em meio ao aumento da densidade populacional.

Como se vê, embora tais crônicas não possam carregar com exclusividade o mérito de terem sido determinantes para a concretização dos projetos públicos de urbanização da época, não se pode negar a força de suas palavras a impulsionar as pessoas em direção aos anseios do progresso que a capital paranaense iria conquistar na sequência.

Assim, na sucessão das gerações, protagonistas de uma silenciosa e ininterrupta escrita histórico-social, sem saber, o ilustre curitibano de nossos dias ou os visitantes que percorrem suas ruas, alamedas, parques e praças, continuam a produzir a crônica da cidade, em cada aspecto do cotidiano, com as propostas e as necessidades de seu tempo, a exemplo do que deixou para sempre registrado nos anais da memória jornalística e literária paranaense o perscrutador *Olho da Rua*, em suas exigentes e ao mesmo tempo irreverentes crônicas.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AJZENBERG, Bernardo. **Dois Senhores**. In: CASTRO, Gustavo de e GALENO, Alex. (Orgs.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2. ed., 2005. Coleção ensaios transversais (p. 53-56)

ARAÚJO in CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

ARRIGUCCI Jr., Davi. **Fragmentos sobre a crônica**. In: _____. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66

ASSIS, Machado. **Releituras. O nascimento da crônica**. Disponível em <http://www.releituras.com/machadodeassis_nascimento.asp>. Acesso em 4 maio de 2012.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica – história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática. V. I, 1990.

BARBOSA, Marialva. **Os donos do Rio**. Imprensa, poder e público, Rio de Janeiro, Vício de Leitura, 2000.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1992.

BENDER, Flora Cristina; LAURITO, Ilka Brunhilde. **Crônica – História, teoria e prática**. São Paulo: Ed. Scipione. Col. Margens do texto, 1993.

BORDINI, Maria da Glória. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 11-22, setembro, 2006, Disponível em: <file:///C:/Users/Paulo/Downloads/610-2241-2-PB.pdf> Acesso em 14 de julho de 2015.

BRAGA, Rubem. **A borboleta amarela**. 5. edição. – Rio de Janeiro: Record, 1980.

BRANDÃO, Angela. **A fábrica de ilusão**. O espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba (1905-1913). Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1994.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CÂNDIDO, Antônio. **A vida ao rés-do-chão**. In CÂNDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13-22.

CASTRO, Gustavo de e GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2. ed., 2005. Coleção ensaios transversais.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre Estudos Culturais**. Editora Boitempo, São Paulo, 2003.

CHALHOUB, Sidney. **Diálogos políticos em Machado de Assis**. In: CHALHOUB; PEREIRA. *A História contada: capítulos de História social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

CHARNEY, Leo. **Num instante: o cinema e a filosofia da modernidade**. In: CHARNEY, Leo e SCHWARTZ, Vanessa R. (Orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p. 317-334.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2ª ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

_____. **O mundo como representação**. *Estud. av.*, São Paulo, v. 5, n. 11, abril 1991.

CHIQUIM, Giovana. **O cronista e a arte de “dançar nas correntes”**. *Revista Entrelinhas – Vol. 8, n. 1 (jan./jun. 2014)*. Disponível em: <file:///C:/Users/Paulo/Downloads/6461-25664-1-PB.pdf> Acesso em: 16 de julho de 2015.

COHEN, Margaret. **A literatura panorâmica e a invenção dos gêneros cotidianos**. In: CHARNEY, Leo e SCHWARTZ, Vanessa R. (Orgs.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p. 259-288.

CORRÊA, Amélia Siegel. **Imprensa política e pensamento republicano no Paraná no final do XIX**. *Rev. Sociol. Política, Curitiba*, v. 17, n. 32, p. 139-158, fev. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v17n32/v17n32a09.pdf>. Acesso em: 20 de julho de 2015.

COSSON in CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

COUTINHO, Afrânio. **"Ensaio e crônica", A literatura no Brasil**. V.6, São Paulo. Global, 2003, pp. 117-143

DIMAS, Antonio. **"Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo?"**, em *Revista*. *Littera*, n.12, Rio de Janeiro, set-dez 1974, pp.46-51.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Uma introdução aos estudos culturais**. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 9, dez. 1998.

HALL, Stuart. **Cultural Studies and the Centre: some problematics and problems**. In HALL, S., HOB-SON, D., LOWE, A., e WILLIS, P. (1980) *Culture*,

media, language – Working papers in Cultural Studies 1972-1979. Routledge e Centre for Contemporary Cultural Studies/University of Birmingham, London e New York.

JITRIK, Noé. **Estudios culturales/estudios literarios**. In: PEREIRA, Maria Antonieta, REIS, Eliana Lourenço (Org.). *Literatura e Estudos Culturais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000, p.29-41.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. São Paulo: Editora EDUSC, 2001.

LACOMBE, Américo Jacobina, "**Literatura e jornalismo**", em **Afrânio Coutinho**. *A literatura no Brasil V.6*, São Paulo. Global, 2003, pp. 64-116.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. 10. ed. - São Paulo: Brasiliense, 1989, 98p.

LAVORATI, Carla. **Entre mães e filhas, representação e gênero: uma leitura da história na história**. Dissertação de Mestrado. Guarapuava: Unicentro, 2013. Disponível em: http://www2.unicentro.br/ppgl/files/2015/08/Disserta_o_CARLA_LAVORA_TI.pdf f. Acesso em: 16 de outubro de 2015.

LIMA, Alceu Amoroso. **O Jornalismo como gênero literário**, São Paulo, EDUSP, 2003.

LIMA, Rachel Esteves. **Literatura e Cultura**. In: ALVES, Paulo César (Org.). *Cultura: múltiplas leituras*. Bauru, SP: EDUSC; Salvador: EDUFBA, 2010, p. 229-254.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro, Zahar, 2003

MARQUES, Fabrício. **Jornalismo e literatura: modos de dizer**. In: *Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 8, n. 16, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/124/115>. Acesso em: 10 de set. de 2015.

MELO, José Marques de. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis - RJ: Vozes, 1985.

MEYER, Marlyse. **Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a crônica**. In CANDIDO, Antonio. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

_____. **Folhetim**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

MOISÉS, Massaud. **A criação Literária: Prosa**. São Paulo: Cultrix, 12. ed., 1985.

_____. **A criação Literária – Prosa II**. São Paulo: Cultrix, 2003.

NEIVA, Érica Michelline Cavalcante. A crônica no jornal impresso brasileiro. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios5_b.htm. Acesso em: 03 de julho de 2015.

NICOLATO, Roberto. **Jornalismo e Literatura: aproximações e fronteiras**. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/9436889836084530327712814615574213993.pdf>. Acesso em 28 de junho de 2015.

NOVAIS, Fernando A. **História da vida privada no Brasil**. Vol. 3. República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

O OLHO DA RUA, 1907 – 1911. Curitiba. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=240818&pesq=>. Acesso em: 16 de julho de 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura: uma velha-nova história**. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1560>. Acesso em 10 de agosto de 2015.

PORTELLA, Eduardo. **Teoria da comunicação literária**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

ROSSETTI, Regina; VARGAS, Herom. **A recriação da realidade na crônica jornalística brasileira**. São Paulo, 2006. Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_RossettiVargas.pdf. Acesso em: 23 de abril de 2012.

SCHWARTZ, Vanessa R. **O espectador cinematográfico antes do aparato do cinema: o gosto do público pela realidade na Paris fim de século**. In: CHARNEY, Leo e SCHWARTZ, Vanessa R. (Orgs.). O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p. 337-360.

SCLIAR, Moacyr. **Jornalismo e literatura: a fértil convivência**. In: CASTRO, Gustavo de e GALENO, Alex. (Orgs.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2. ed., 2005. Coleção ensaios transversais (p. 13-14)

SIEBERT, Silvânia. A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 675-685, set./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v14n3/1518-7632-ld-14-03-00675.pdf>. Acesso em: 25 de set. de 2015.

SIMON, Luiz Carlos Santos. **Do jornal ao livro: a trajetória da crônica entre a polêmica e o sucesso**. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/viewFile/554/465>. Acesso em: 12 de agosto de 2015.

_____. **Duas ou três páginas despreziosas: a crônica, Rubem Braga e outros cronistas** [Em linha]. Londrina: EDUEL, 2011, [Consult. 28 de Out. 2015]. Disponível na: [www:<URL:https://ler.amazon.com.br/?asin=B00S1N9OVO>](http://www.<URL:https://ler.amazon.com.br/?asin=B00S1N9OVO>). ISBN 978-85-7216-652-2.

SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. **A crônica brasileira do século XIX: uma breve história**. São Paulo: É Realizações, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Eneida Maria de. **Notas sobre críticas biográficas**. In: PEREIRA, Maria Antonieta, REIS, Eliana Lourenço (Org.). *Literatura e Estudos Culturais*, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000, p.43-51.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. **Imagens literárias urbanas: Machado de Assis e Lima Barreto, o Rio de Janeiro escrito a quatro mãos**. 2005. 241 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103685>>. Acesso em 17 de agosto de 2015.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República**. São Paulo: USP, 1992. Tese de doutorado, mimeo. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. S. *Histórias do cotidiano paranaense*. Curitiba: Letraviva, 1996.

TUZINO, Yolanda Maria Muniz. **Crônica: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura**. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 2009, p. 01-17, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/tuzino-yolanda-uma-interseccao.pdf>. Acesso em: 26 de agosto de 2015

VAZ, Simone Rosa. **Vida social paranaense no início do século xx**. Monografia. 2004. Disponível em: http://www.historia.ufpr.br/monografias/2004/simone_rosa_vaz.pdf. Acesso em: 21 de julho de 2015.

VICTOR, Nestor. **A terra do futuro**. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Comércio, 1913. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. S. *Histórias do cotidiano paranaense*. Curitiba: Letraviva, 1996.

VIEIRA, Else R. P. **Estudos literários e estudos culturais: territórios dos caminhos que convergem**. In: PEREIRA, Maria Antonieta, REIS, Eliana Lourenço (Org.). *Literatura e Estudos Culturais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000, p.9-26.

WERNECK, Humberto. **Santa Sherazade, padroeira dos jornalistas**. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed699_santa_sherazade_padroeira_dos_jornalistas. Acesso em: 14 de agosto de 2015.